

Capítulo I

Era uma manhã de terça-feira, e Abel havia acabado de cuspir uma colherada inteira de cereal matinal com leite sobre a toalha de mesa em sua cozinha. O cuspe foi resultado de um impulso nervoso repentino e irreprimível, produzido pelo córtex visual e transmitido por suas sinapses até os músculos de sua mandíbula, em resposta à embalagem do cereal que estava comendo.

O que, sinceramente, não é algo que esperava da situação. Afinal, Abel tinha o hábito de desjejuar com a mesma marca de cereal todas as manhãs, e não foi diferente desta vez. Uma criatura de hábitos, Abel também fazia questão de não ligar nenhum aparelho eletrônico durante o café – nem rádio, televisão ou computador – apenas para apreciar alguns momentos de paz e isolamento da correria da cidade grande.

Sentia falta do silêncio do interior.

Não, não foi a embalagem em si que lhe causou essa reação, e sim um detalhe novo na parte de trás do invólucro retangular de papelão. Seu verso estava adornado com vários executivos e atletas, demonstrando o ânimo, a energia, a disposição e o bem-estar com os quais aqueles que compram o produto são agraciados. E em meio a todo esse marketing direcionado, havia algo muito mais impressionante do que tabelas nutricionais e datas de validade.

Havia ela.

É verdade, Abel concedera, que nunca dera a atenção devida para o verso da embalagem e seus dizeres. O jovem executivo não comprava aquela marca de cereal matinal por ser um suplemento alimentar com generosa dose de vitaminas e minerais, essenciais para manter seu corpo saudável e viril. Segundo a concepção dele, cereal matinal era açúcar crocante e barato. Por isso, pouco despertava seu interesse o verso da caixa, onde os atores e modelos que compunham as imagens de fundo esticavam ao alto seus punhos, suados de praticar algum esporte não especificado.

Não sabia há quanto tempo ela estivera estampada lá. É verdade também, Abel sentiu-se obrigado a admitir, que ela não era exatamente “ela”, mas sim uma versão mais... Adulta? Madura? Desenvolvida? Da última vez em que a vira, há cinco anos, ela não era daquela maneira. Por outro lado, como bem sabia, cinco anos é tempo o bastante para muita coisa mudar.

Contemplou por um momento todas as mudanças que vivenciou nos últimos cinco anos, até sentir algo gelado lhe correr a virilha. Uma outra colherada de cereal matinal com leite, que pairava no ar devido ao espanto da revelação e que, em condições normais, teria como destino sua boca, acabara de derramar-se sobre sua calça social.

Desconcertado com o pequeno acidente, sua mente turva negando-se a acreditar que “ela” era mesmo “ela”, Abel levantou-se de supetão, derrubando a caixa de cereal no chão e espalhando pequenos e frágeis flocos de milho por todo o piso de azulejo branco da cozinha. Congelou, certo de que um único passo em falso só pioraria a situação.

Tomado pelo imbróglio, quase não notou que seu relógio de parede acusava 7 horas – hora de sair para o escritório.

– Merda! – esbravejou Abel, para ninguém em particular.

O pai de Abel costumava dizer que havia dias em que se acordava com o pé esquerdo. Uma superstição boba – afinal, que relação teria o membro inferior que a pessoa encosta ao despertar com a boa sorte em geral que receberia ao longo do dia? – mas que sempre emergia de sua mente em momentos assim. Abel nunca se dera conta, mas inconscientemente dormia no lado direito de sua cama de casal exatamente para pisar primeiro com o pé certo.

Hoje, pensou Abel, eu devo ter acordado com o pé esquerdo.

Mas o pai de Abel também dizia que alguns males vinham para bem, e que Deus abre uma janela ao fechar uma porta, e vários outros provérbios de conhecimento popular que tinham aplicações tão amplas quanto dúbias.

Hoje, Abel os odiava. Ao chegar na cidade, fez um esforço consciente para evitar proferir qualquer um dos adágios de seu pai, por vergonha de revelar sua origem e sua criação. “Coisa de caipirra”, diziam seus colegas de faculdade, com um erre propositalmente arrastado. Ainda assim, ouvir seu pai recitando esses provérbios, sentado à mesa do café, eram algumas das lembranças mais vívidas que tinha dele e de sua infância e adolescência no interior.

Sentia falta do pai.

Um colega seu de faculdade, que largou seu curso de marketing para fazer filosofia, dizia que provérbios são importantes em qualquer sistema linguístico-social por serem mnemônicos da cultura popular: frases que auxiliam a lembrar e fixar fatos

sobre a vida e a existência, além de propagar e promover os valores e morais do sistema vigente. Esse amigo era especialmente hábil em associar mesmo os mais banais dos provérbios populares com os ensinamentos mais elevados de certos textos religiosos e filosóficos.

– Ora, – dizia ele, – não era Jesus um grande recitador de provérbios?

Ainda de pé, cercado por um campo minado de flocos amarelos, Abel puxou seu celular do bolso de trás da calça e digitou o telefone de Heinz, seu colega de trabalho, que atendeu com sua voz grossa e rouca.

– Alô, Abel? Algum problema, cara?

– Oi, Heinz. Não, tá tudo bem, só que eu vou chegar uns 10 minutos atrasados e preciso que você segure o cliente pra mim.

– Cacete, Abel, mas o cliente já está a caminho! – expletou Heinz. – O Marcos está terminando de tomar café com ele lá no hotel e vai trazer eles pra cá em 5.

– Tudo bem, Heinz. Relaxa. Liga pro Marcos e fala pra ele pegar um caminho mais longo. Manda ele passar na frente do Ibirapuera pra mostrar o parque, sei lá.

– Liga você, porra!

– Tenho que resolver uma parada aqui, dá pra colaborar?

– Puta merda, Abel. Justo hoje?

– Valeu aí. Liga logo pra ele. Vou ver se pego um táxi. Abraço.

Desligou o telefone. Pegou uma vassoura na área de serviço e varreu tudo sem muito empenho para um canto escuro da cozinha, entre um armário de pratos e duas paredes. Pegou uma folha de papel-toalha, a última folha do rolo, e enxugou a mesa da maneira que foi possível. Anotou “ppltoalh” em seu celular, apressado. Correu para o quarto, dando pulinhos enquanto tirava a calça durante o percurso, e escolheu outra calça do mesmo tom de cinza no armário. Vestiu-a, afivelou o cinto preto de couro italiano, calçou novamente seu par de sapatos, deu uma última olhada no espelho (penteado com gel, barba aparada, pelos do nariz cortados), verificou seus bolsos, passou um último lance de colônia, sacou um chiclete de menta sem açúcar do bolso da camisa, amassou o papel do embrulho, enfiou-o no bolso de trás, agarrou sua maleta, abriu e fechou a porta.

Chamou o elevador.

Enquanto aguardava que o elevador subisse os 20 andares que o separavam do térreo, teve a presença de espírito de voltar para seu apartamento e pegar a embalagem de cereal, agora vazia, depois de todo o seu conteúdo ter se esparramado. Dobrou-a com cuidado, obedecendo às ranhuras que a própria embalagem já possuía, e guardou-a em sua maleta, enfiada entre documentos, rascunhos e contratos.

Saiu novamente de seu apartamento bem a tempo do elevador chegar. Desceu, pedindo a Deus que houvesse um pouco de justiça no mundo, e que essa justiça se refletisse na forma de um táxi livre no ponto quando chegasse à calçada. Os andares, que passavam na mesma exata velocidade que costumavam passar todos os dias, pareciam tomar um tempo excruciante. Abel sentiu-se tentado a pular dentro do elevador, na esperança que isso o acelerasse, ainda que pouco. Ao invés disso, observou-se uma última vez no espelho de corpo inteiro do elevador, procurando corrigir qualquer detalhe que pudesse chamar a atenção do cliente.

Seu cabelo castanho, partido ao meio e cortado bem rente. Seu rosto, sem um fio de barba sequer. Terno alinhado, comprado em uma loja de grife e ajustado à mão. Tirando os dentes amarelados de café, que alguns clientes julgavam como um bom sinal, ele era o retrato perfeito de um executivo-júnior, faminto por galgar posições mais elevadas na cadeia alimentar de seu escritório.

Chegou ao térreo. Disparou na direção do portão, num característico passo acelerado de um executivo atrasado, tentando dar passos maiores que suas pernas, mas mantendo os braços perfeitamente alinhados ao lado do corpo, de modo a manter a respeitabilidade diante de seus pares.

– Bom dia, sr. Abel, como vai o senhor? – disse Aloísio, o porteiro do prédio, com sua entonação bem-treinada, mas com um toque de sinceridade.

Em dias normais, Abel teria respondido, mas o executivo irrefreável sequer escutou o cumprimento e avançou para a rua.

Nenhum táxi no ponto.

Pânico.

“Calma”, pensou Abel. Respirou fundo. Começou a caminhar pela calçada, contornando os canteiros de árvores, raciocinando. “Já são sete horas, e o supermercado da avenida já deve estar aberto, então eu posso cortar caminho por ele e ir pela rua de trás. Com isso, eu economizo uns 5 minutos do trajeto. Posso virar uma rua antes e torcer para a saída de emergência estar destrancada, e assim evito

ter que dar a volta no quarteirão para chegar no escritório. Com sorte, chego junto do cliente."

Virou à direita na esquina de seu prédio, entrando na avenida. Não fazia nem meia hora desde que o sol tinha nascido, e a cidade já estava cheia de carros e ônibus, motos e lotações, conversas e músicas, fumaça e neblina.

Sentia saudades do silêncio do interior.

Capítulo II

Se Abel não tivesse um cliente importante, rico, pontual e um tanto madrugador, Abel teria saído de casa às oito horas, ao invés das sete. E se Abel assim o tivesse feito, teria se encontrado com sua namorada, Camila, que voltara para casa às sete e meia e agora adentrava o prédio, ouvindo um álbum de uma banda de rock dos anos 70.

Estava cansada.

Ainda vestindo seu jaleco branco e com imensos fones de ouvido azuis-escuros que lhe cobriam toda a orelha, mal ouviu quando Aloísio a cumprimentou, com a mesma cordialidade que havia cumprimentado seu namorado alguns minutos antes.

– Bom dia, srta. Camila! Como vai? – repetiu Aloísio, com um fleuma quase britânico, sem se deixar abalar pela indiferença da interlocutora.

Mas Camila não ouviu e, mesmo se tivesse, provavelmente não teria dado trela para conversa de tão exausta que estava. Havia dias stressantes, havia dias corridos, e havia dias no setor B2.

Setor B2... Era como um sonho que se realizara, não era? Todo o seu esforço finalmente deu frutos, e tudo parecia estar acontecendo como sempre imaginara.

Desde seu primeiro dia na faculdade de biologia, Camila portava-se como uma mulher com uma missão, lançando mão de meios lícitos e ilícitos para tirar ótimas notas em toda sua grade curricular e chamar a atenção de seus professores. Sabia bem que, mais do que ser estudiosa, era importante transmitir a imagem de dedicação e empenho.

Depois, já nas graças de todo o corpo docente, fez três iniciações científicas de um ano, com três professores diferentes. Conseguiu experiência com uma ampla variedade de testes laboratoriais e teve contato com várias técnicas avançadas de identificação e estudo de materiais e resíduos. Publicou artigos e os apresentou em conferências, sempre assegurando-se de tecer longos e imerecidos elogios aos seus orientadores. Sequer reclamava da miserável bolsa-auxílio que recebia.

Ao concluir seu curso com mérito, bateu à porta de cada um dos professores com quem teve qualquer tipo de contato, pedindo uma carta de recomendação. Seu objetivo, dizia aos poucos que demonstravam algum interesse qualquer, era tentar uma concorridíssima vaga de estágio num grande laboratório comercial privado,

parte de uma famosa rede com unidades em todas as grandes capitais do país. Mas não revelará a nenhum deles que entrar para esse laboratório era apenas uma etapa para alcançar seu objetivo final.

Com o currículo, as recomendações e a pretensão salarial propositalmente modesta que apresentara, foi escolhida quase que de imediato pelos responsáveis do setor de recursos humanos. Como estagiária, ela trabalharia com alguns profissionais fazendo os exames clínicos mais simples, analisando sangue, urina e fezes de pacientes. Não reclamou ao lidar com um paciente com um medo particularmente estridente de agulhas, não protestou ao receber seu primeiro frasco de exame de urina todo molhado e sequer exclamou seu nojo ao ser obrigada a centrifugar uma amostra de fezes particularmente odorosa.

Foi efetivada – um passo mais próximo da conclusão de seu plano. Nesta etapa, viu-se diante de um desafio de paciência, obrigada a esperar o momento certo para agir.

Quando um dos funcionários do setor B2 largou seu emprego, Camila não hesitou. Pediu a vaga diretamente para a superior de seu superior, transpassando os degraus da hierarquia com destemor. Contou-lhe que era a pesquisadora perfeita para a vaga. Convenceu-a de que era a profissional mais preparada, havendo publicado papers sobre o assunto e lidado com técnicas do estado-da-arte na área. Como estagiária e como funcionária, já havia demonstrado que não se opunha a trabalhar 12 horas por dia para cumprir prazos. Era pontual, competente, impecável e queria a vaga.

E Camila a conseguiu.

O setor B2 do laboratório ficava no segundo subsolo do prédio, uma construção de aço e vidro similar a tantas outras da avenida onde ficava. Apenas um dos elevadores dava acesso ao piso, além da obrigatória escada de emergência, e ambos exigiam credenciais especiais nos crachás eletrônicos para serem acessados. Tamanha confidencialidade não era sem propósito – o setor B2 era um laboratório privado de criminalística, alugado pelo Estado para colaborar em investigações policiais e ações militares. Legalmente discutível e moralmente duvidoso, seus donos mantinham em segredo sua operação, ciente de que os jornais poderiam criticar sua imparcialidade perante a lei. Bastaria uma breve alegação de improbidade, uma mera acusação de falsidade de provas, para que todo o dinheiro, tempo e favores investidos na realização do mesmo se transformassem em pó. Mas o risco valia a pena: longe da burocracia e do funcionalismo público, o setor B2 realizava testes em um terço do tempo médio, a um custo três vezes maior.

Para Camila, era a única maneira que encontrou para resolver crimes sem fazer parte da polícia ou do exército. Era seu sonho de criança desde que assistiu CSI pela primeira vez, e agora, esse sonho havia se realizado.

Mas estava cansada.

Em primeiro plano, era o cansaço físico que a afligia. Quem trabalhava no setor B2 deveria estar à disposição do laboratório a todo momento para analisar amostras e fazer estudos de última hora. A inocência ou culpa de réus muitas vezes dependiam de testes de DNA demorados e imprecisos, que precisavam ser repetidos várias vezes por confiabilidade, ou de estudos de composição de cabelos e outros resíduos. Então, não raro, o laboratório varava a noite para entregar resultados antes que as sessões da vara criminal começassem. O governo não media esforços em obter provas definitivas contra réus mais importantes, mesmo que isso significasse pagar o exorbitante preço do setor B2. Para Camila, isso se traduzia em excruciantes horas de labuta regadas ao estimulante da vez: café, chá preto, energéticos ou anfetaminas.

Mas sofria também com o cansaço moral. Quando criança, imaginava-se resolvendo crimes e prendendo bandidos com o poder da ciência. Via-se sentada em sua bancada de aparelhos quando um policial aparecesse correndo, precisando de informações mais do que urgentes sobre um pedaço de tecido, sobre gotas de suor, sobre restos da comida de um suspeito. Imaginava-se prestando um serviço essencial e indispensável para o bom andamento do sistema policial e judiciário. Alguém importante, munida de tecnologia de ponta, capaz de impactar o mundo e fazer a diferença.

Suas iniciações científicas, muito mais teóricas do que práticas, muito mais redigidas do que executadas, resultado de estudos em cima de experimentos realizados individualmente, não lhe alertaram do que deveria esperar pela frente. Seu trabalho de estagiária tampouco, pois atribuía quaisquer problemas no processo à grande quantidade de clientes que o laboratório clínico atendia todo dia. Confusões e desentendimentos são parte de tudo que envolva seres humanos, afinal.

Mas lá embaixo, pensava Camila, será diferente. Lá, eles são metódicos. Eles têm procedimentos bem-definidos, salas individuais, espaço para trabalhar sem as vicissitudes do trabalho braçal de uma estagiária.

Ninguém a alertou de que, um dia, teria que sair do laboratório com o sol raiando, após processar várias centenas de frascos de amostras de sangue para posterior análise.

De tão repetitivo o movimento, gravou-o em sua memória muscular: abre a centrífuga, retira os frascos já centrifugados, guarda-os no local apropriado, coloca novos frascos, anota no sistema os frascos já centrifugados, manda pra sala ao lado. Doze horas ininterruptas de trabalho braçal.

E nada de música ou de leitura. Por questões de confidencialidade, todos os funcionários eram obrigados a depositar seus pertences eletrônicos em pequenos armários próximos da entrada, passíveis de abertura somente por impressão digital. Não só era uma jornada hercúlea, como solitária: sua única companhia eram os bipes e os rangidos dos equipamentos.

Sendo um laboratório legalmente ambíguo, oficialmente, ele não fazia parte do resto do conglomerado laboratorial. Sequer era caracterizado como uma pessoa jurídica. Para todos os efeitos fiscais, o andar B2 do prédio era apenas um estacionamento abandonado cujas entradas foram seladas para evitar invasões de indigentes. Funcionava sob a fachada das inúmeras empresas do grupo, contratando seus funcionários como consultores terceirizados. Para a Receita, era como se, em cada unidade do conglomerado, houvessem um ou dois consultores prestando serviços adicionais de pesquisa e desenvolvimento. Isso permitia ao laboratório contratar os melhores profissionais que o dinheiro podia pagar e manter sua operação em segredo. Tinham rabo preso com a polícia, que obviamente sabia de sua existência, mas que nunca ousariam quebrar o esquema, pois estavam igualmente implicados na situação. Após anos oferecendo serviços de análise para a corporação, a alta cúpula certamente já tinha uma boa quantidade de documentos que lhes assegurava um futuro livre de investigadores intrometidos.

Para Camila, neste momento, nada dessa politicagem e contabilidade importava muito.

O que importava para Camila é que, por ser um laboratório legalmente ambíguo, ela não recebia hora extra. Não tinha direito a férias, décimo-terceiro, ou bônus por rescisões contratuais. Agora estava bem claro porque o antigo funcionário havia largado o emprego, ou porque ninguém trabalhava lá por mais de três anos. Ela queria poder acusar o laboratório de más práticas, denunciá-los a algum sindicato, mas denunciar para quem?

Para a polícia?

Riu consigo mesma admirando a ironia da situação, ao que o elevador chegava ao 20º andar. Pensava agora apenas em se jogar na cama, e dormir um pouco até a

próxima convocação, que costumavam chegar em e-mails disfarçados de spam e que deviam ser deletados imediatamente após o recebimento. Com sorte, teria um dia de folga até a próxima. Quem sabe, até dois!

Revirou sua bolsa em busca da chave da casa do namorado. Ele lhe dera uma cópia quando completaram dois anos de namoro, durante um almoço nem um pouco romântico na lanchonete da faculdade. Ela, uma estudante de biologia ambiciosa em busca de seu sonho de infância. Ele, um estudante de administração sem nenhum objetivo definido, levando a vida ao sabor das oportunidades que surgiam ao seu redor.

– Então, tenho uma coisa pra lhe dar hoje. – disse ele, depois de uma garfada da tradicional torta de frango servida no refeitório, enquanto revirava sua mochila.

Camila olhou com atenção, tomando um suco de manga com o canudinho. O suco, que tinha uma consistência meio pastosa, não passava direito pelos finos canudos de plástico que o refeitório oferecia, mas Camila preferia isso à alternativa de tomar direto da lata e arriscar manchar seu jaleco branco. Embora todos os professores de biologia e de outras disciplinas que envolviam o uso de vestimentas brancas recomendasse sua retirada fora de ambientes laboratoriais, essa regra raramente era observada por seus alunos e pelos profissionais no ramo.

Abel retirou de dentro da mochila um par de chaves, presos a um chaveiro em formato de ameba, da cor verde. A criatura unicelular tinha dois núcleos como olhos, uma mitocôndria como nariz e um vacúolo como boca, dando a impressão de que estava sorrindo. Era feita de plástico, pouco menor que a palma da mão de Abel, e continha uma geleca verde em seu interior que se moldava com o toque, salpicada de pequenas bolhinhas de ar.

– Achei que você fosse gostar, – disse Abel, entregando o chaveiro inusitado para Camila. – Você é bióloga e estuda essas coisas, e tal. São as chaves da minha casa.

– Uh... Obrigada pelas chaves! – respondeu Camila, engolindo em seco, as palavras lhe faltando.

– Está tudo bem? Não gostou do presente? Ou foi o chaveiro?

– B-bem... Abel, sabe onde mais costumam se encontrar células com dois núcleos, como esta?

– ...Não? – perguntou Abel, genuinamente intrigado.

– Assim, células humanas com dois núcleos em geral são resultado de crescimento celular descontrolado, principalmente quando os mecanismos de mitose...

– Tá, tá, o que isso quer dizer?

– Câncer, Abel. Células com dois núcleos, em geral, é sinal de câncer.

Um breve silêncio se abateu sobre a mesa. Abel, boquiaberto, tentando balbuciar uma resposta que fosse sensata. Camila, de rosto virado, envergonhada, olhava para nada em particular.

– Olha... Você sabe que eu não entendo dessas coisas e eu nunca faria isso de propósito. – disse Abel, claramente ruborizado. Inclinou-se pra longe da mesma por instinto, levantando as mãos. – Se eu soubesse que...

– Tudo bem, Abel. Nem precisa se justificar. Eu sei que não foi por mal.

Camila olhou para a amebinha que segurava em sua mão, e a pressionou com força o suficiente para deformar seu rosto. Percebeu que a boca, um pedaço de plástico transparente na geleca com um formato de lua crescente, dava-lhe uma feição triste ao ser apertado.

Maneirou um pouco na força, e a amebinha voltou a sorrir.

"Até que é simpática", pensou Camila. "Um câncer simpático, quem diria."

Abel ficou aliviado ao ver a garota amenizar sua expressão enquanto estudava o chaveiro. Por um instante, pensou ter cometido o maior ato falho da história de seu namoro, mas a situação já parecia estar sob controle. Admirou-a virando e revirando o objeto, um sorriso acanhado por trás dos cabelos castanho-claros que lhe batiam no ombro.

Os amigos de Abel lhe diziam que Camila tinha traços fisionômicos que descendiam dos romanos, o que nunca entendeu direito o que significava. Supunha ele que isso deveria ser uma qualidade, visto que conhecia os romanos como um povo poderoso e conquistador da Antiguidade. O homem, certamente não muito atento ou sabido, nunca reparou o quanto as imagens de Augusto, Júlio César e Marco Antônio que sobreviveram a prova do tempo eram narigudas. Mas Abel não tinha olhos para seu nariz – tinha olhos para seu sorriso.

Foi nesse momento de desarme, de admiração, que Camila soltou as chaves do chaveiro e as pôs sobre a mesa.

– Aceito a amebinha, mas pode ficar com as chaves. Não sei se estou preparada para esse passo.

Abel as empurrou de volta da maneira que pôde, deixando-as ao lado da lata de alumínio.

– Fique com elas. – Abel respondeu. – Jogue fora, se for o caso. Ou as use, quando achar melhor.

Antes que Camila pudesse esboçar uma reação, Abel se levantou, acenou uma despedida e deixou-a. Com mãos no bolso, andou em direção à sua próxima aula.

Camila olhou para as chaves. As chaves eram um símbolo do compromisso de seu relacionamento, e ela não sabia se estava pronta para se comprometer. Tinha um objetivo, e não pensaria duas vezes em largar o que fosse para alcançá-lo. Por outro lado, Abel era boa companhia e seria bom poder frequentar um lugar longe da baderna da república feminina onde morava – ou melhor, onde dormia, visto que passava quase todas as suas horas despertas na faculdade.

Sim, aceitar seria o melhor a se fazer. Sempre poderia devolver as chaves caso terminassem o namoro.

"Namoro, não", corrigiu Camila a si mesma. "Rolo, talvez. Mas não namoro."

Olhou outra vez para Abel, que agora desaparecia dentro de um corredor da universidade, e para sua amebinha.

Um câncer simpático.

O apartamento já estava vazio quando Camila entrou, após destravar a porta com a chave que se encontrava meticulosamente guardado no terceiro bolso interno da segunda divisória de sua bolsa. O conteúdo de sua bolsa era uma coleção de pequenas bolsas e bolsos menores, preenchidos em sua maioria com os mais variados remédios. Era possível encontrar desde paracetamol, ácido acetilsalicílico e dipirona, até vários frascos cheios e vazios de rebite, uma variedade de anfetaminas usadas por pessoas que precisam ficar acordadas por longos períodos de tempo e muito popular entre caminhoneiros.

Para uma cientista que trabalha num laboratório secreto subterrâneo, financiado indiretamente pelo Estado e protegido dos olhares da polícia, obter os recursos, ingredientes e equipamentos para sintetizar sua própria receita de anfetamina é brincadeira de criança.

Deixou sua bolsa sobre a bancada que separava a cozinha da sala de estar e chamou em vão pelo nome de Abel. Foi respondida com o silêncio aterrador do lugar, e percebeu que ele havia partido mais cedo. Largou o jaleco sobre uma cadeira, os sapatos pelo caminho. Não desligou a música que tocava em seu celular, pois gostava de dormir com algum barulho de fundo e o silêncio das janelas e portas antirruído do quarto de Abel chegava a ser irritante de tão pleno que era.

Abel odiava o barulho da cidade. Mas ele não estava aqui, então ela ia dormir do jeito que bem entendesse.

Fechou a porta e as persianas, deixando o quarto num breu total. Tirou a roupa e a jogou ao pé da cama ainda desarrumada, na qual desabou. No quarto de Abel, não havia televisores, computadores e nenhum dispositivo que pudesse fazer barulho ou piscar LEDs. Enrolou-se desajeitadamente no edredom. Quentinha e confortável, continuou ouvindo música e esperando a adrenalina passar, o sono chegar.

Quando Behind Blue Eyes terminou de tocar, fez questão de pular a última música do álbum e passar para o disco de alguma outra banda. Alguns minutos depois, cansada, dormiu.

Capítulo III

No escritório, a correria era incessante. Em uma mesa, fileiras de impressoras trabalhavam sem parar, cuspidas folhas sulfite repletas de letras em fonte Calibri e corpo 12, gráficos e tabelas, números e fórmulas, mapas e plantas. Os funcionários da empresa ou digitavam furiosamente em seus notebooks, ou desenhavam freneticamente em programas de engenharia e arquitetura. Havia aqueles que andavam de um lado para o outro, perguntando a outros funcionários detalhes de suma importância, havia outros que riscavam e rabiscavam relatórios com suas canetas vermelhas, e ainda havia aqueles que estavam apenas nervosos em geral.

Era uma consultoria, mas seria mais justo dizer que era uma fábrica de relatórios.

Para os donos da empresa, relatórios eram a solução para qualquer problema. Relatórios tornavam empresas mais eficientes, empreendimentos mais rentáveis, barateavam preços, facilitavam transportes, fechavam negócios, movimentavam nações. Abel tinha para si que, caso a ONU contratasse seus chefes para resolver a fome da África, eles responderiam (após vários meses, várias reuniões e vários milhões de reais) com um documento de centenas de páginas, detalhando claramente cada passo que deveria ser tomado para a resolução do problema, possíveis implicações político-sociais das intervenções, custo, mão-de-obra necessária e prazo estimado.

Em parte, Abel sentia-se realizado em poder auxiliar seus clientes a encontrarem o rumo de seus empreendimentos, a tomarem a decisão certa para suas circunstâncias. Poucas coisas no mundo eram tão satisfatórias quanto chegar a uma conclusão firme e decidida do caminho a ser trilhado, embasada em dados e fatos e cálculos, e poder declarar sem sombra de dúvidas a melhor maneira de conduzir sua empresa. Por outro lado, Abel também sente que não faz nada.

Porque não realiza nada, de fato. Ele apenas diz aos outros o que faria na situação deles. Seu trabalho era tão teórico, tão removido da realidade que muitas vezes seus relatórios traziam afirmações absurdas sobre países estrangeiros, sem nunca ter sequer pisado no continente deles.

Não é à toa que sua empresa havia um pequeno setor jurídico de duas pessoas, responsáveis por lidar com clientes insatisfeitos com o resultado dos relatórios.

Seus clientes chegavam à empresa, com toda a boa vontade do mundo (e um montante monetário de dimensões consideráveis) e pedia a seus chefes um conselho

para resolver um problema. E então estes, com seus analistas, passam dias estudando o problema, pedindo detalhes, analisando as intricácias e minúcias da questão. O relatório é entregue, o cliente pede algumas revisões que são prontamente atendidas, e todos ficam satisfeitos por um tempo, até o cliente botar o plano em prática.

E é na hora de botar o plano em prática que tudo vai por água abaixo.

"Ora, mas que ideia absurda", pensa o cliente diante de um trecho qualquer. "Ninguém em sã consciência faria isso dessa maneira. Quem eles pensam que são para ME dizer como fazer o MEU trabalho?"

E um valor aqui é alterado, sem que os cálculos sejam refeitos.

E um passo ali é pulado, sem estudar as implicações que isso teria adiante na cadeia de ações.

E um fluxograma é alterado, e um diagrama é modificado, e...

E o cliente processa a empresa, acusando-lhes de entregarem um produto que não atende às expectativas.

Não que a culpa fosse do cliente e suas alterações. Ele certamente estava errado de fazer modificações nos valores sem entender a base de cálculo que levou a tais conclusões. Contudo, tampouco estava correto o relatório, tão obviamente, estupidamente, aberrantemente errado que qualquer leitor atento com conhecimento de causa era capaz de apontar as falhas em suas premissas.

Para Abel, seu trabalho era como estudar com afinco para uma importantíssima prova, mesmo sabendo que levará nota zero pelo professor independente de como responda as questões.

Cansado após a reunião e irritado de estar sentado tão perto da fileira de escandalosas impressoras, ocorreu a Abel de calcular quantas árvores morreram para que mais um cliente ignore as conclusões que elaborara.

Cada relatório costumava gastar de 200 a 250 páginas A4, sem contar eventuais mapas e diagramas em A3 ou A2. Cada relatório era feito em três cópias (uma para o cliente, uma para o arquivo da consultoria e uma extra em caso de perda de ambas as partes), o que totalizava uma média de 700 páginas por relatório. Finalizavam em média um relatório por dia, dado que muitos projetos contavam com entregas parciais de resultados, ou de relatórios individuais para vários aspectos do problema. Um total de 21 mil páginas por mês.

Era necessário um eucalipto adulto inteiro para produzir essa quantidade de papel por mês.

Veio-lhe à mente uma lembrança de seu pai, à mesa do café, lendo o jornal que lhe entregaram à porta de casa. Nesse dia, seu pai lhe perguntou mais uma de suas máximas.

– Abel, eis uma charada pra 'ocê matutar. Se uma árvore cai na mata, mas num tem ninguém para ouvir, ela faz barulho?

– Ara, pai, claro que faz, – respondeu Abel com o sotaque arrastado que tinha quando pequeno. – Qualquer coisa daquele tamanho que cair no chão vai fazer um baita estrondo.

– Se num tem ninguém para ouvir, como é que 'ocê pode saber se faz ou não?

– Mas é claro que faz, oras.

– 'ocê acha que faz porque é assim que as coisas funcionam na sua cabeça. Um dia, você vai perceber que não se pode ter tanta certeza assim no mundo, não, sô.

– Pai, num faria SENTIDO se a árvore num fizesse barulho.

– Bem, pensa nisso de qualquer forma. Quando 'ocê descobrir a resposta, vai dar um nó nos seus miolos.

Abel agora sabia a resposta. Quando uma árvore cai na floresta, ela não faz barulho mesmo se houver alguém na mata. Todos estão sempre muito ocupados com seus próprios pensamentos para ouvir o estrondo de um tronco cadente.

– Vou à copa pegar um café. Quer alguma coisa, Heinz? – disse Abel, levantando-se da mesa que compartilhava com o colega de trabalho.

– Não, obrigado. Mas vê se o Marcelo está por aí. – respondeu Heinz, sem desviar os olhos da mesmerizante tela de LCD.

Apesar do nome e da voz grossa, Heinz Matsudaira era um japonês baixinho e atarracado, que precisava erguer sua cadeira giratória ao máximo para digitar confortavelmente em seu computador. Sua voz rouca foi resultado de um acidente que sofreu quando adolescente, que por pouco não lhe tirou totalmente a fala. Esse mesmo acidente lhe afetou a vista do olho esquerdo, deixando-o com 9 graus de miopia apenas nesse olho. Como resultado, usava um óculos com grau apenas de um

lado. De longe, parecia que Heinz tinha um olho bem maior que o outro. Não é preciso dizer que Heinz não fazia muito sucesso com as mulheres.

Já o nome era resultado de um capricho de seu bisavô. Imigrante japonês da primeira leva, insistiu que nomeassem o garoto com o nome do maior comerciante holandês que já conhecera em Nagasaki, um senhor conhecido como Gustaaf Heinz.

Os pais de Heinz bem que tentaram, mas não conseguiram convencer o senhor centenário de que Heinz era o sobrenome do famigerado mercador, e que Gustaaf era de fato seu nome. Honraram o pedido do cabeça da família mesmo assim.

Abel entrou na copa, trazendo consigo um copo de plástico com restos enregelados, uma asquerosa camada gelatinosa de café amanhecido. Pegou a garrafa térmica que continha café sem açúcar e encheu seu copo de novo.

Quando criança, sua mãe costumava adoçar seu café com gotas de mel, ou com gotas de garapa, dependendo do que tivesse à mão. Para ele, açúcar refinado pertencia a uma outra esfera culinária, pertencia às grandes receitas de bolinhos de chuva e de doces de abóbora. Por isso, nunca se acostumou a adoçar seu café como o pessoal da cidade adoçava.

Muito menos, adoçar na QUANTIDADE que adoçavam. Outra das grandes máximas que seu pai costumava repetir era: "Gente da cidade não gosta de café, gosta de açúcar. Quem gosta de café, toma café puro".

O café era errado, os clientes eram errados, o barulho era errado, tudo era errado na cidade. Mas o dinheiro era bom.

Ficou ali, em pé ao lado da cafeteira, por mais um momento. Não havia por que correr. Relatórios matinais entregues, clientes contentes. Teria a tarde inteira para preencher planilhas de horas e relatórios de despesa.

Ao invés disso, decidiu apreciar o cheiro de café torrado, degustar a antecipação do primeiro gole de um café bem quente.

Tomou, de uma vez só, mais da metade do copo.

O segundo copo do dia era sempre o que mais surtia efeito. Tomava um primeiro copo assim que chegava ao escritório, ainda com um pouco de sono. O primeiro o deixava acordado, apenas. Mas era o seguinte que realmente fazia a diferença.

Encheu o copo de novo e voltou a sentar-se na cadeira.

Navegou à deriva pela internet, entrando em uma notícia num portal econômico, no serviço do banco, na caixa de entrada de e-mails. O tempo inteiro, tentava esquecer o que havia trazido para o escritório, forçando-se a não espiar de canto de olho para a pasta preta encostada no canto da sala. Mas a curiosidade o corroeu lentamente com o passar das horas, uma presença fantasmagórica pairando bem às margens de seu campo visual, sempre presente.

Abriu a pasta, e puxou dela a embalagem azul de cereal.

Heinz espiou, curioso, mas não disse nada. No ambiente empresarial, não era adequado se intrometer na vida dos outros, ou pelo menos não de modo que o outro em questão fique sabendo. Continuou mexendo em sua planilha de custos, atento ao que quer que Abel estivesse fazendo.

Sentavam-se de frente um para o outro desde que começaram a trabalhar ali. Em verdade, já se conheciam há muito tempo, tendo estudado o mesmo curso juntos. Entretanto, os dois raramente conversavam sobre o cotidiano. Segundo eles, depois de tanto tempo de convivência, já haviam falado tudo que haviam para falar um para o outro.

Com a ajuda de uma tesoura, Abel abriu a embalagem sobre a mesa. Olhou por dois minutos para ela, ainda um pouco descrente, ainda um pouco incerto. Decidiu entrar em contato com o SAC da fabricante de cereais, passando-se por um estúdio de fotografia interessado em entrar em contato com a atriz. Enviou o e-mail, sem muita esperança de sequer receber uma resposta.

Foi mais ou menos nesse momento que Marcelo entrou na sala escancarando a porta, sem bater ou pedir licença.

– E aí, galerinha rabugenta! Tudo nos trinquês? – bradou ele, como se estivesse falando com o escritório inteiro.

– Oi, Marcelo. Até que enfim você apareceu, porra! – respondeu Heinz.

– Opa, mano, é nós! Qual é a crise aí?

Com um aceno de cabeça, Abel respondeu à animada introdução e voltou a organizar os documentos do projeto. Heinz e Marcelo começaram a discutir números numa planilha, alguma coisa que envolvia alíquotas e base de cálculo que Abel admitia não fazer questão de entender.

Perguntava-se se conhecia algum publicitário que pudesse ajudá-lo a entrar em contato com a garota da foto.

Não, não entrar em contato. Só saber o nome dela.

Mas conhecia poucas pessoas da indústria do marketing. Conhecia um ex-colega que trabalhava numa agência de modelos, e com sorte ele saberia de algo.

Abriu o cliente de e-mail e fuçou nos arquivos, tentando acertar alguma palavra-chave que retornasse o endereço de e-mail dele, até achar um projeto que fizeram juntos. Abriu um novo e-mail e começou a se apresentar, mas logo fechou e deletou o rascunho.

O que ele pensaria de Abel? Algum pervertido, babando por um rabo de saia qualquer?

Não demorou muito até Abel perceber que pouco se importava com a opinião dele. Pegou a embalagem de cereal e saiu da sala, sem dar satisfações.

Para sua sorte, a única impressora multifuncional das seis impressoras na fileira estava livre no momento, então usou-a para escanear o verso da embalagem com a foto. Selecionou seu e-mail no minúsculo menu da máquina e clicou num grande botão verde. Nenhum dos outros funcionários que transitavam pelo corredor sequer comentaram. Não era de bom tom ficar se metendo na vida alheia, embora, é claro, o escritório inteiro estaria falando disso em menos de 10 minutos.

Voltou para sua sala, com a embalagem de papelão azul em mãos. Ao notá-la pela segunda vez, Marcelo não se conteve.

– Aê, Abel, que parada é essa aí que cê tá carregando de um lado pro outro, cara? Tamo com projeto na Kellogg's agora, cara?

– Não, Marcelo. Assunto meu, nada demais.

– Colé, cara! Fala aí? O que cê foi fazer com a embalagem, hein? Foi escanear?

É verdade que a regra não-dita do ambiente de trabalho de não se intrometer na vida dos outros era adotada por quase todos os funcionários, mas Marcelo não dava a mínima. Abel nunca soube se Marcelo ignorava as regras de convivência comumente adotadas por ser muito ousado ou muito burro. mas, como seu pai já dizia, "há uma linha muito fina entre o gênio e o louco". Abel sempre preferiria alguém intrometido e sincero a alguém respeitoso e fofoqueiro.

Por esse motivo, o rapaz não era muito querido nas esferas mais altas da hierarquia. Bem, por isso e por Marcelo cultivar um farto mullet castanho que deixaria Xororó morrendo de inveja.

– Bom, Marcelo, é que eu vi hoje essa garota aqui da embalagem, e eu acho que conheço ela de antigamente. Aí fui passar pro computador pra ver se um amigo meu descobre quem é...

– Peraê. Me dá aqui essa parada.

Abel estendeu a embalagem, que Marcelo arrancou de sua mão com ênfase. Olhou com uma cara de intrigado por alguns segundos, mas logo abriu um enorme sorriso.

– Ahh, eu conheço essa garota! Ela é cantora! – respondeu Marcelo, animado.

– Cantora...? – balbuciou Abel, incrédulo.

– É, tem uma balada country lá perto de casa que eu sempre frequento, e eu juro que já vi essa mina cantando e tocando violão lá.

– Sério? – Indagou Abel. – Você lembra o nome dela?

– ...VISH.

"Vish" era a interjeição que Marcelo sempre proferia diante de um problema muito complicado. Logo que entrou na empresa, Abel foi alocado como estagiário em um dos projetos onde Marcelo trabalhava, e lembra-se de um dia particularmente tenso do projeto, após levar uma bronca de um cliente pelo atraso de um relatório.

– Marcelo, cadê o relatório #4? Você não tinha terminado?

– Terminei, ué. Fiz a diagramação final na quinta.

– E mandou imprimir?

– Sim, imprimir na quinta ainda, levou um tempão, fiquei até altas horas aqui, mano.

– E mandou o presidente assinar?

– Mandei, sim. Pode até perguntar pra ele, mano, foi na sexta bem cedinho.

– E mandou encadernar?

– Ô, deixei na gráfica na sexta-feira, ficava pronto no mesmo dia.

– E mandou o office-boy ir buscar e entregar pro cliente?

– ...VISH.

Marcelo cerziu a testa com força, tentando lembrar em vão.

– Olha, Abel, eu não lembro não porque eu tava mutcho loco nesse dia, mano. Tava eu e os meus trutas lá, e nós...

– Não lembra mesmo nada? Lembra que dia que foi, pelo menos?

– ...VISH.

– Qual é, Marcelo. Faz uma forcinha.

– Olha, eu acho que foi no sábado retrasado. Foi lá no Country Bodega. Vê aí se você consegue ver quem tocou lá nesse dia.

– Calma aí. – interrompeu Heinz.

Heinz começou a digitar rapidamente em seu teclado algo que Abel, sentado na frente dele, não poderia ver. Alguns segundos depois, recebeu uma mensagem pelo sistema mensageiro que a empresa adotara.

– Toma – disse Heinz. – Agora podemos trabalhar, Marcelo?

Abel não abriu o link de imediato. Algo o detinha instintivamente, sempre que a oportunidade de chegar mais perto da verdade se apresentava. Não sabia se queria mesmo desenterrar esse assunto.

Para que reencontrá-la, afinal? O que ganharia com isso?

Isto é, se fosse ela mesmo.

Pousou o mouse sobre o link, sem clicar. Mas outro lado lembrava-se do conselho mais importante que seu pai lhe deu, um que se provou verdade nesse fatídico dia.

"Você pode correr, você pode se esconder," dizia ele, "mas o passado sempre volta para morder as penas do seu rabo".

Clicou. Uma página se abriu, uma versão antiga da página de shows do lugar, listando quem tocou em cada dia. Foi o dia de um festival de revelações, com vários artistas e bandas que ficaram famosos em rodeios do interior. Era uma relação imensa e interminável, mas Abel leu os nomes um a um. A cada nome lido, sentia uma pontada de apreensão e uma pontada de alívio.

Até que encontrou o nome dela.

Engasgou. Tossiu forte algumas vezes, o punho cerrado batendo em seu peito, e tomou o resto de seu café gelado para aliviar, uma golada amarga e insuficiente. Começou a suar frio. Afinal, o que diabos ela estava fazendo em São Paulo? E como é que ela se tornou cantora?

Por que é que ela veio lhe atazanar a vida logo agora?

Abel ficou desarmado, sem saber como reagir, mas tentando não deixar transparecer para os dois colegas de trabalho na mesma sala. Sentia um misto de culpa, raiva, medo e confusão.

Pegou o nome dela e jogou no Google – o que, Abel reconheceria dias depois para si mesmo, foi um dos maiores erros que já cometera em vida. Ignorou as inúmeras fotos promocionais e os vídeos de YouTube que resultaram da pesquisa. Acessou o primeiro resultado, uma casa de shows que anunciava um show dela e de outras bandas para aquele mesmo dia.

Em um e-mail para si mesmo, escreveu: "20h santana bull ela"

Enviou, desligou seu PC e começou a arrumar suas coisas.

– É aí, Abel? Era ela mesmo? – perguntou Marcelo, curioso e intrigado com a história.

– Não... No fim das contas, não era. Mas imagina só, se eu conheço uma cantora de sertanejo?

– Pô, mó gatinha, ainda por cima! Se tu é chegado dela, já ia pedir pra me apresentar, mano!

– Hah! – riu Abel, como se tirasse um peso do peito. E completou: – Heinz, se perguntarem por mim, diz que eu fui no RH resolver um negócio na planilha de horas.

– E se o RH perguntar? – retrucou Heinz, já ciente da verdade.

– Fala que eu estou compensando as horas extras que eles se recusam a me pagar. Até.

Guardou os documentos do projeto em sua maleta, pegou a embalagem do cereal e saiu da sala. No caminho para a porta, passou pelo triturador de papel que ficava ao lado da fileira de impressoras.

Forçou a embalagem de papelão no triturador. O motor, preparado para picotar folhas sulfite, reclamou, grunhiu, arriou, mas destruiu toda a embalagem em várias tirinhas bem finas.

Sentindo-se vingado, Abel foi para casa mais cedo.

Capítulo IV

Uma das coisas que Camila gostava na casa de Abel eram os lençóis. Outra coisa que Camila gostava bastante na casa de Abel era o ar-condicionado.

Ela não entendia bem do que os lençóis que ele comprava eram feitos, ou mesmo onde ele os encontrava à venda. Sabia que eram diferentes dos lençóis de algodão que todo mundo usa, mas não era seda. E, bem, não conhecia outros tecidos além desses dois.

Tem linho também, não é? Mas não parecia linho.

Gostava do ar-condicionado porque ele conseguia deixar tudo gelado.

Certamente não era lã. Lã é grosso, e o tecido do lençol é fino. Além disso, lã solta fiapo. Esse lençol não solta fiapo.

Mas voltando ao ar-condicionado. A sensação de baixar a temperatura do ar-condicionado ao mínimo e se enrolar em cobertas, especialmente com aquele lençol branquinho e lisinho, lhe proporcionou algumas das melhores noites que já dormira. Ou ainda, aumentar a temperatura ao máximo e dormir **SOBRE** o lençol, nua. O aparelho de ar condicionado era potente e, na configuração mais quente possível, transformava o quarto de Abel numa sauna seca.

Ainda estava enrolada nas cobertas. O ar-condicionado, no mínimo, fazia os móveis de madeira estalar de vez em quando. Sabia que isso era um efeito da contração causada pela diferença térmica e blábláblá, mas não queria pensar nisso.

Que horas eram? Certamente já se passava do meio-dia, porque já era possível notar o clarão do sol por trás das pesadas persianas.

Quanto tempo eu dormi?

Escutava um dos vários álbuns de rock clássico que baixara, sem saber reconhecer exatamente que banda estava cantando. Cantavam em inglês, mas que banda de rock daquela época não cantava? A linha do baixo era bem marcada, a guitarra tinha um gingado bem distinto. O cantor tinha um jeitão de Paul Stanley, mas certamente não era ele.

Cetim! Poderia ser cetim, talvez. Mas já usou cetim uma vez, e lembra-se de como pinicava. Não podia ser cetim.

O refrão da música fala de doces estragando? Afinal, que banda era?

Todas as dúvidas de Camila poderiam ser sanadas se ela pegasse seu celular. Poderia ver que banda estava tocando, que horas eram e até que tipos de tecido as empresas costumavam usar para fazer lençóis de cama.

Mas não queria pegar o celular. Não queria descobrir essas respostas. Queria aproveitar esse momento de tranquilidade, os lençóis, o friozinho, a música.

No fone de ouvido, uma sanfona tocava enquanto um cidadão bradava: você está me recebendo?!

Seria a mesma banda, ainda? Ou seria uma coletânea?

A fome começou a bater. Decidiu que era hora de levantar. Saiu da cama. Alongou seus braços, forçando-os para trás, depois levantou-os para o ar, movimentando-os para um lado, e então para o outro. Pensou em aproveitar para fazer sua sequência aeróbica matinal, mas já havia perdido a rotina há tanto tempo que decidiu que não valia a pena.

Foi ao banheiro da casa e levou água ao rosto, refrescando-o. Enxugou a cara na toalha de rosto felpuda e chacoalhou um pouco a cabeça para despertar mais rápido. Encheu os pulmões e soltou num só berro.

Vestiu a camiseta, a calcinha e foi para a cozinha. O chão de azulejos era frio, mas mesmo descalça Camila não se importava tanto. Abriu a geladeira, na esperança de ainda encontrar algum dos sanduíches integrais que havia guardado como estoque pessoal. Afortunadamente, ainda haviam dois de salpicão de frango, dois triângulos de pão de forma embalados em caixinhas de plástico. Abriu um deles e começou a comer ali mesmo. Não encontrou papel-toalha. Foi obrigada a comer com um certo cuidado, fazendo as migalhas caírem na embalagem.

O aplicativo de música do celular começou a tocar uma música com uma levada mais southern rock americano. Um piano fazia o fundo da música, que também contava com trombones e outros metais. Afinal, que diabos de banda era aquela?

O sanduíche não foi o suficiente pra saciar sua fome, e ainda lhe deixou com a garganta seca. Andou até o armário para pegar um copo, quando sentiu seu pé grudar no chão. Olhou para baixo. O azulejo da cozinha não deixava muito claro o que estava nele, mas Abel devia ter derramado alguma coisa. Leite, talvez? Ou cerveja?

“Vai ver, ele foi pro happy hour com uns amigos, chegou passando mal, vomitou e só limpou de qualquer jeito”, pensou. “Hah... Até parece. Eu pagaria pra ver o Abel tomando cerveja em um bar barulhento.”

Pensou por um momento em não limpar a sujeira. "Afinal, ele que sujou, ele que limpe".

Por outro lado, estava ali de favor. Não dividia as contas com ele e só gastava com o que comia, porque Abel raramente comia lá, com a exceção de seu cereal matinal.

Nunca entenderia como ele ainda conseguia comer aquele cereal. Era uma tradição tão... infantil.

Relutantemente, pegou um pano de prato, molhou na pia da cozinha e jogou no chão. Sentada da cadeira, esfregou displicentemente o pano com o pé, suas unhas do pé ainda por fazer. Ao fim, agarrou o pano por entre o dedão e o indicador do pé direito e, com um rápido balanço de perna, arremessou-o na direção do tanque da área de serviço.

Errou o arremesso. O pano de prato, sujo de alguma substância viscosa que poderia ser tanto leite quanto vômito, caiu 20 andares.

Panos de prato normalmente teriam sua queda amortecida por seu formato nada aerodinâmico. Funcionariam como um pára-quadras e cairiam a uma velocidade bem menor que o esperado. Mas esse pano de prato estava encharcado e por isso caiu à mesma velocidade que uma pedra cairia.

Esse pano de prato em específico atingiria Aloísio em cheio na cabeça, produzindo um sonoro ~splash~ e quase derrubando o senhor já não tão jovem. Aloísio pegaria o pano e tentaria olhar para cima, para identificar de que andar o pano caiu. Camila, porém, era inteligente o suficiente para não se denunciar.

Por fim, o porteiro ajeitaria sua peruca, deslocada com o impacto, e jogaria o pano na lixeira pública da rua.

Camila terminou sua limpeza enxugando a área molhada com o pequeno tapete de cozinha, também manipulado com os pés. Foi então que os primeiros acordes de guitarra de Radar Love começaram a tocar no aparelho, seguidos do ritmo de bateria que persistiria pelo resto da música. Agora Camila sabia por que tinha baixado aquele disco.

Queria conhecer melhor as bandas das quais conhecia apenas uma única música, então baixara vários álbuns de onde se originaram esses one-hit wonders. Infelizmente, não era sempre que tinha a oportunidade de parar para prestar atenção neles, já que aparelhos de música eram terminantemente proibidos no Setor B2, mas era algo que poderia fazer no trajeto entre a casa de Abel e seu trabalho.

Encheu um copo d'água no filtro e foi sentar-se no sofá da sala de estar.

Camila estava um pouco perdida, no momento. Sempre ficava em momentos assim.

Ela e a equipe da qual fazia parte haviam entregue uma análise urgente de um caso confidencial para a polícia. Como sempre, os nomes nas amostras eram codificados, e várias amostras extras eram enviadas para assegurar a idoneidade do processo. Então, se a polícia queria provar que as impressões digitais encontradas na cena do crime pertenciam a uma certa pessoa, eles enviavam 20 amostras de impressões digitais diferentes, dentre as quais três ou quatro eram pistas falsas. Com isso, reduz-se as chances de se reportar um falso positivo – como confirmar erradamente que duas impressões digitais são idênticas. O mesmo procedimento era usado em análises de amostras de tecido, sangue e todas as outras. Era uma forma da polícia assegurar o seu lado, caso algum dia o esquema viesse a tornar-se público.

Nessa madrugada, o trabalho demorou mais do que o esperado porque vários resultados deram resultado positivo em primeira instância. Assim, conforme manda o protocolo, cada teste deve ser re-realizado mais 2 vezes, por equipes diferentes. Ao fim da terceira batelada de testes, todos eles se confirmaram positivos. Avaliações positivas também exigem relatórios de resultados mais extensos e isso contribuiu para aumentar o número de horas extras que teve que trabalhar.

Pouco antes de entregar seu relatório, cada funcionário recebeu um e-mail avisando que, após essa entrega, eles estavam dispensados por tempo indeterminado até segunda ordem. Muitos ficaram contentes, alguns começaram a suspeitar de um certo corte de pessoal, mas Camila ficou perdida.

Tempo livre para quê?

Agora Camila estava sentada no sofá da sala, com migalhas de pão em sua camiseta, segurando um copo d'água e ouvindo Golden Earring, pensando que diabos ela deveria fazer com seu tempo livre de agora em diante.

Poderia ler um livro, mas Abel não tinha nenhum livro em casa que lhe desse vontade de ler. Os poucos livros que o executivo tinha falavam de liderança, pró-atividade, gerenciamento de projetos, inovação, trabalho em equipe e todas aquelas baboseiras de autoajuda disfarçadas de ciência administrativa. Eram como simpatias de trazer o amor de volta, para adultos que se acreditavam importantes demais pra isso. Era o golpe clássico do estelionatário, levado ao enésimo nível. Era o príncipe nigeriano da literatura.

Em sua casa, tinha livros. Mas não estava em sua casa, lembrou. Estava na casa de Abel.

Poderia assistir TV, mas como nunca assistia TV, não sabia o que escolher. Nesse horário, três coisas passavam na TV a cabo: seriados que não acompanhava, filmes que já assistira e reality shows que não lhe interessavam. No papel, a ideia de contar a história dos maiores confeitores de cupcakes do mundo poderia até parecer boa, mas, na prática, deixava bastante a desejar.

O que as pessoas faziam, hoje em dia, para passar o tempo? Era fortemente aconselhada por seus superiores a não mexer em redes sociais, sob o risco de causar algum vazamento acidental de informações e perder seu emprego. Até pensou em jogar o videogame que Abel tinha instalado na TV da sala, mas os únicos jogos que Abel tinha eram daqueles de atirar em pessoas. Não conseguia mais pensar em pessoas mortas à bala sem pensar em análise balística de projéteis, testes residuais de pólvora e todos os trâmites de seu ofício.

Ficou ali, bebericando sua água, terminando de ouvir o álbum daquela banda de rock holandesa que só faria sucesso mais uma vez antes de cair no esquecimento, pensando no que fazer da sua vida.

Capítulo V

Quando Abel se aproximou do supermercado, a caminho de casa, seu celular começou a vibrar no bolso de trás de sua calça social. Havia instalado um aplicativo capaz de avisar o usuário de certos lembretes de acordo com a posição geográfica do aparelho e da hora do dia. Como configuração padrão, Abel o programava para avisá-lo de coisas que precisava comprar, caso fosse de tarde e estivesse passando perto do supermercado.

O visor do celular exibia a mensagem "ppltoalh".

A fila do supermercado parecia enorme. Apesar de possuir 10 caixas em funcionamento, havia pelo menos um ou dois clientes à espera de cada um deles. Podia passar um dia sem papel-toalha, pensou.

Puxou a manga da camisa, revelando um relógio analógico com fundo preto e detalhes dourados. Já eram 6 da tarde.

Teria mais ou menos uma hora para descansar, tomar um banho e trocar de roupa para chegar com tempo de sobra no Santana Bull, do outro lado da cidade. Não queria gastar parte de seu tempo livre de pé, segurando um rolo de papel-toalha, esperando um motoboy colocar crédito em seu celular, ou uma velhinha trocar todas as moedas que colecionou desde o governo FHC.

Ao invés disso, foi direto pra casa. Entrou no saguão de seu prédio, onde Aloísio já se preparava para deixar seu posto nas mãos do porteiro da noite. Mesmo assim, o educado e amigoso porteiro cumprimentou-o:

– Boa noite, sr. Abel. Chegou cedo hoje, hein? Hehehe! – riu ele, com a risada acanhada típica de alguém que quer apenas ser gentil.

Abel meneou com a cabeça, sem prestar muita atenção. Por sorte, o elevador já estava no térreo e não teria que jogar conversa fora. Entrou de uma vez, batendo a porta atrás de si.

Aloísio vestiu seu casaco pardo de sarja, tão grande nele que quase lhe servia de sobretudo, e vestiu sua boina cinza para proteger-se da garoa. Fora um dia horrível, e o pano sujo que caiu em sua cabeça não contribuiu nem um pouco, mas ao menos ele havia acabado. Poderia voltar para casa e ir direto para o estádio do Juventus, assistir ao jogo do Moleque Travesso e tomar umas cervejas com seus amigos, todos juventinos roxos como ele. Hoje, Juventus enfrentaria o Capivariano de Capivari

pela segunda divisão do Campeonato Paulista, numa disputa que poderia ser o último prego no caixão do time do interior. É verdade que o time do coração de Aloísio não gozava de situação muito melhor e que a derrota também poderia implicar num baque irreversível para sua classificação. Por outro lado, um juventino nunca perde as esperanças e sempre torce com toda a energia!

Estava pronto para partir. Guardou seus pertences – sua garrafa térmica, suas palavras cruzadas – em sua bolsa de couro gasta, conferiu as chaves da portaria, verificou se toda a correspondência havia sido entregue. Passou os olhos mais uma vez na lista de recados do dia. Esvaziou a lata de lixo da recepção, Agora era só esperar a chegada do porteiro da noite.

Abel saltou do elevador a passos firmes, andando em direção à porta de sua casa. Surpreendeu-se ao ver Camila esparramada no sofá, apenas de camiseta e calcinha. De olhos fechados, ela parecia ouvir atentamente a algo no celular. Um copo vazio jazia tombado ao lado do sofá, de onde saía um fino fio de água, formando uma minúscula poça. Não sabia se estava dormindo ou apenas muito concentrada.

– Camila?

A garota não respondeu. Por um momento, pensou se ela estaria morta, se teria exagerado nas doses de estimulantes que tomava para trabalhar, mas seu peito ainda subia e descia no ritmo de sua respiração.

Ela estava bem sexy vestida daquele jeito, isso era inegável.

Pousou a mão sobre sua coxa direita (não depilada há algum tempo, notou) e a chamou novamente. Desta vez, Camila abriu os olhos, e tirou um dos fones de ouvido.

– Abel! Nem ouvi você entrando... Há quanto tempo está aí?

– Acabei de chegar... Estranho te ver por aqui a essa hora.

– Estou de folga temporária. A empresa dispensou a gente até segunda ordem. É estranho, porque sempre há tanto a se fazer... – disse, pensativa. – Bem, sei lá. Sabe como são meus superiores, cheios de segredo. Mas e você? Você não costuma sair às 7 horas? Como chegou tão cedo em casa?

– Ah, eu saí mais cedo porque...

Se Abel fosse o mesmo garoto que chegou na cidade grande cinco anos atrás, ele teria contado todo o ocorrido para Camila, desde a descoberta na caixa de cereal até as informações que seu colega lhe ofereceu.

Isso, como todo adulto já sabe, certamente acabaria num desastre horrível que estragaria sua noite de vez e, talvez, a sua chance de rever "ela".

Porque, apesar de quase não se verem durante a semana, de não ser apaixonada por Abel e de sua relação parecer esfriar um pouquinho mais a cada dia, Camila ainda tinha muitos ciúmes do rapaz.

Mas Abel, agora um adulto mais atento e inteligente, dotado de todo o cinismo ambiente da cidade grande, soube criar uma resposta na hora.

– Porque vai ter uns shows interessantes numa casa de música country, lá em Santana, então sai mais cedo pra me aprontar e ir lá ver.

– ...Música country, – repetiu Camila, como se quisesse ter certeza do que havia escutado.

– É, mas não é só sertanejo! Tem moda de viola, vai ver até rola umas músicas da Velha Guarda.

– ...Velha Guarda, – balbuciou Camila, incrédula.

– Ah, você sabe que eu sou do interior, eu nasci ouvindo essas coisas. Hoje ouvi um colega de trabalho falando e me deu vontade.

Camila percebeu na hora que era uma mentira das grossas. Abel não iria a uma casa de shows country nem se fosse um caipira matuto de Bom Sucesso do Itararé. Alguém que se irrita com o ronco do motor da geladeira nunca seria capaz de suportar 5 minutos numa balada dessas. Mas Abel não mentia à toa e certamente não esperava sua presença ali.

Seria outra?

– Poxa, parece interessante! – respondeu Camila, com uma falsidade descarada. – Que horas começa?

– Lá pelas oito, mas fica em Santana, então preciso me aprontar correndo.

– Tá bom, também vou me aprontar. Só preciso ver se tem algum vestido meu de balada aqui na sua casa, – disse Camila, virando-se na direção ao quarto.

– Calma lá! – exclamou Abel. – Você não vai!

Camila interrompeu seu trajeto. Ele havia mordido a isca. Tinha se oferecido para ir com ele sabendo que só poderiam haver duas reações: ou ele não faria objeções e então bastaria fingir uma dor de cabeça e deixá-lo ir sozinho, ou ele se oporia, deixando transparecer que havia algo por baixo disso tudo. Mas fez-se de inocente e continuou a jogar o joguinho, ciente de sua superioridade.

– Ué? Por que não? Parece divertido, e eu estou entediada e de férias.

– Ah, mas você não ia gostar. Você gosta desses seus rocks americanos, cheios de guitarras e gritos e baterias. Você não ia gostar de ouvir, sei lá, Pena Branca e Xavantinho. É uma levada mais calma, sobre a vida do campo. Não é essas coisas violentas que você ouve.

Camila estendeu a mão em sinal de pare. Apertou alguns botões do celular e desligou o fone de ouvido, fazendo o som fluir pelos alto-falantes do aparelho. Eles começaram a tocar In the Summertime, uma famosa música de rockabilly composta para ser tocada com banjos, pianos, chocalhos e garrafões de pinga vazios.

– Eu ouço ISSO. É o cúmulo da caipirice estadunidense e eu ouço isso toda semana. Quem é VOCÊ pra me dizer o que eu gosto e o que eu não gosto?

– Mas...

– Além disso, hoje parece um bom dia pra tomar alguma coisa. Não é sempre que eu posso me dar ao luxo de ficar bêbada.

Derrotado, Abel concedeu. Poderia insistir, ou até brigar com ela, mas não queria perder mais tempo. Tinha que se arrumar, descobrir onde ficava a casa de shows, qual era o melhor caminho, onde poderia estacionar... Além disso, não tinha a intenção de falar com “ela”, então não haveria por que não levar a Camila.

– OK, mas anda logo. Eu vou sair daqui às 19h, com ou sem você.

– Eba!

Camila correu rumo ao closet para analisar suas opções. Abel se despiu e ligou a ducha, tirando o suor e a carniça de um dia estressante de apresentações.

Estava ensaboando o cabelo quando ouviu um grito estridente vindo da cozinha.

– Mas que diabos foi isso? – perguntou Abel, já na cozinha, uma toalha enrolada à sua cintura e cabelo ainda por enxaguar. Uma franja cheia de xampu caía sobre um de seus olhos.

– Um rato! Ali! – gritou Camila. Pelo tom, Abel não soube dizer se ela estava desesperada ou se divertindo muito.

Um pequeno rato estava escondido debaixo da mesa da cozinha, fitando o casal com seus olhos vermelhos e vingativos.

Abel pisou forte no chão com o pé esquerdo, fazendo um barulho que assustou o rato. Quando o animal tentou fugir, pisou em seu rabo, prendendo-o. Ergueu-o pelo rabo e o fitou nos olhos, quando percebeu algo preso nos dentes do roedor.

Um floco de cereal matinal.

Olhou por instinto para o canto da cozinha onde havia deixado todo o cereal derramado. Do monte de flocos, saíam pequenas pegadinhas amarelas que se espalhavam pela cozinha toda.

– Ai, que bonitinho! É o Mickey! Podemos ficar com ele? – disse Camila, gotejando escárnio e zombaria.

Abel pegou o animal com as duas mãos e torceu seu pescoço. O craquejar de ossos retirou o sorriso do rosto da garota. O homem ainda nu e ensaboado livrou-se do cadáver, jogando-o no lixo da cozinha. Apontou para o canto da cozinha:

– Me faz um favor e recolhe aquilo ali. Vou voltar pro meu banho.

Meia hora depois, estavam ambos prontos para sair. Abel, com uma camisa listrada, uma calça jeans manchada e os melhores tênis que o dinheiro podia comprar. O que não gastava com viagens e com baladas, investia em pequenos luxos pessoais como o vestuário. Principalmente porque, como seu pai dizia, “a primeira impressão é a que fica.”

Camila, com um vestido preto único (a menos pior das opções que possuía à mão) e sapatilhas também pretas, estava um tanto apreensiva com o que Abel estava escondendo, mas estava mais ansiosa para entornar o caneco e curtir sua primeira balada em meses.

Desceram para o segundo subsolo, onde o carro coreano de Abel os esperava. Um sedã prateado como outro qualquer por fora, mas um pequeno santuário por dentro, segundo os parâmetros de Abel. Um colega entusiasta de carros havia instalado um

dispositivo que, quando ativado, aplicava um pouco mais de força nas borrachas das janelas. Com isso, o ambiente interno ficava totalmente isolado de qualquer ruído externo. Além do ar-condicionado, era tudo que Abel podia querer, mesmo que não pudesse usar enquanto dirigia. Utilíssimo em viagens de campo.

Subiram no carro e entraram na rampa de acesso ao primeiro subsolo. Ao chegar no portão, deram uma buzinação, alertando o porteiro do turno. Ao ouvir isso, Aloísio, ainda em seu posto, pressionou o comando de abertura do portão, permitindo a saída do casal. Havia recebido uma ligação da empresa de segurança da qual fazia parte, avisando-o que o porteiro do turno da noite estava de cama e que já estavam procurando um substituto para ele, mas que não tinham previsão de chegada.

Depois de fechar o portão, Aloísio voltou a mexer em seu pequeno radinho de pilha, girando o botão de frequência com todo o cuidado e precisão possíveis, na fútil esperança de que alguém, em alguma rádio, estivesse narrando o jogo do Garoto Travesso.

Capítulo VI

A sala espaçosa só era iluminada pela luz pálida que saía de seu monitor.

Era o único cômodo do escritório que tinha paredes de madeira de verdade, uma exceção dentre os vários cubículos e suas paredes de tijolo ou, nos setores mais baixos da hierarquia, de um plástico leitoso e quebradiço. Também era o único cômodo do escritório com uma janela que ocupava a quarta parede inteira, do teto ao rodapé. Perto da janela, uma espaçosa mesa de mogno cheia de detalhes rebuscados, daquelas de dar raiva em faxineiros que precisam tirar o pó de cada reentrância. Entre ela e a janela estava Helcius, reclinado em sua cadeira de couro, o telefone em seu punho reproduzindo alguma música enjoativa em baixa qualidade.

A secretária que o atendera fora muito solícita e simpática no começo da conversa, e era muito bem treinada em desviar chamadas direcionadas à pessoa com quem Helcius queria conversar. Porém, bastou que o empresário dissesse o nome falso que havia empregado em sua negociata para que a atitude da garota mudasse completamente.

Agora esperava. Sabia que seu possível parceiro de negócios estava protelando o atendimento ao máximo. Sabia porque também jogava esse jogo. Helcius e Abel não se conheciam pessoalmente, mas ambos sabiam muito bem que o mais importante no grande tabuleiro dos negócios não são as peças que você tem, ou os movimentos que o adversário faz. O mais importante é saber trapacear, mover suas peças adiante sem que o oponente perceba, roubar-lhes as chances de vitória por trás da fachada de um jogo justo.

Nem todo grande mentiroso é um bom empresário, é verdade. Mas todo grande empresário é um bom mentiroso.

Helcius não se orgulhava desse ser um mentiroso de marca maior, mas tampouco se enojava. Seria como se enjoar com o fato do Sol ser amarelo. Era um fato imutável da vida – um fato imutável de sua vida inteira – e já se acostumara de tal modo que muitas vezes sequer percebia que estava mentindo. Seu psicólogo, ao perceber esses padrões, o diagnosticou com uma espécie crônica de mitomania. Deu um nome muito bonito para a doença (pseudologia fantástica) e disse que, se não tratada, poderia fugir ao controle dele e arruinar sua vida.

Helcius pediu-lhe que abrisse sua cópia do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais e lhe apontasse em que parte do livro a doença era descrita. O

pobre especialista foi forçado a admitir que a doença não era reconhecida como um transtorno real, mas que era uma condição conhecida e precisava ser tratada, para seu próprio bem.

Helcius argumentou que doenças não-reconhecidas pelo manual não precisam de tratamento. Seu psicólogo protestou.

Seu novo psicólogo, não.

E agora Helcius aguardava um resposta ao telefone em seu recinto escuro, seu rosto iluminado por um retângulo de LCD, como se o computador o interrogasse. Via na tela aquilo que chamava de painel de trabalho: quando não estava editando um documento ou uma planilha em tela cheia, seu computador exibia um painel com o rendimento de sua carteira de ações, com a taxa de câmbio praticada no momento para seis ou sete moedas diferentes, com notícias de sites de economia e política, e com o aplicativo que usava para jogar mahjong online.

Mahjong era a única distração a que se permitia, nos raros momentos em que se encontrava à espera de uma resposta de terceiros e não possuía nenhum problema imediato para ser resolvido. Um jogo inventado na Shanghai do século XIX e reinventado pelo mundo todo, mahjong era como um pôquer em tamanho-família. Mas Helcius gostava de mahjong não por suas regras complexas, ou pela emoção de um jogo tão dependente de sorte. O que mais o atraía no jogo era o quão leniente suas regras eram em relação a blefes e enganações. Embora China, Japão e EUA possuam diferentes maneiras de jogar, diferentes regras e diferentes pontuações, em todas essas regiões há um fator importantíssimo em comum: enganar o oponente não só é a melhor tática do jogo, como é a única capaz de funcionar contra profissionais.

Já era tarde da noite. No escritório do fundo de investimentos, havia ainda alguns poucos funcionários, testando e re-testando um pedaço crítico de seu software preditivo-adaptativo, que entraria em funcionamento nos próximos dias. Não entendia bem como era seu funcionamento e nem se importava. Era um homem bem prático, nesse quesito. Importava-se com seu funcionamento, sua confiabilidade, quanto tempo levaria, quanto lhe custaria, quanto lhe renderia. Estabelecia metas, entregas, prazos, cronogramas, e os cobrava, congratulando avanços e punindo atrasos devidamente. Era a maneira mais fria e direta de se trabalhar e também, por isso, a mais eficiente.

Uma voz soou no outro lado da linha.

– Alô? Helcius?

- Giorno, até que enfim. Estava querendo me dar uma canseira, cara?
- Não, não, que é isso! Longe de mim fazer essas coisas! É que eu estava lá "embaixo" e nenhum telefone funciona lá. Sabe como é, questões de privacidade e segurança.
- Muito bem, muito bem. E como andamos com o nosso negócio?
- Bem, terminamos o último contrato hoje. Não recebi mais nenhuma mensagem do nosso cliente, mas preciso de alguns dias para ter certeza.
- Eu não tenho alguns dias, Giorno. O prazo é amanhã.
- Eu sei, Helcius, eu sei. Mas você tem que entender a situação. Não é uma boa ideia apressar as coisas. Não vai querer bater de frente com eles, vai? Eles são casca-grossa.
- Giorno, você é uma figura! – exclamou Helcius, rindo da situação. – Você é quem tem que entender a situação!

Um breve silêncio cortou a conversa, enquanto Giorno esperava a resposta de Helcius. Seu futuro cliente, sabia, era dado a esses ataques de suspense.

- Que situação, Helcius? – respondeu Giorno, com um toque de tédio na voz que não passou despercebido pelo executivo.
- Ora, Giorno. Se o seu cliente está ou não satisfeito, o problema é seu. Minha oferta fica de pé até amanhã, é pegar ou largar.
- Te dou um retorno às 8 da manhã, logo cedo. Até lá, já terei entrado em contato com eles e assegurado a minha barra. Fechado?
- Como quiser. Se eu não estiver na linha, já sabe a rotina. Nada de recados. Não use seu nome verdadeiro.
- Sim, sim. Sem problemas. Até amanhã.
- Conto com você, Giorno. Não me decepcione.

Apertou o botão que encerrou a ligação e baixou o fone. Esperou alguns segundos até a linha dar sinal de novo. Começou a digitar alguns números, quando ouviu urros animados, vindos da sala de pesquisa e desenvolvimento.

Abriu a porta e caminhou até a entrada da sala, sem dizer nada, mas fazendo sua presença ser notada pelos engenheiros. Um deles, o líder do projeto, logo tomou as rédeas da conversa.

– Oi, chefe! – disse o rapaz, dando um passo adiante. – Desculpa o susto, mas é que finalmente conseguimos fazer o algoritmo funcionar, e ele está funcionando muito bem!

– É mesmo? – replicou Helcius. Cada uma de suas vogais exalava curiosidade e cinismo em iguais quantidades.

– Sim! Se seguirmos as decisões dele, nossa carteira de ações principal pode ficar de 4% a 7% mais rentável! – E apontou para um numero entre muitos na tela monocromática, que Helcius sequer se dignou a olhar duas vezes.

– Que interessante. Mas veja bem... – Helcius levemente inclinou-se na direção do crachá do jovem rapaz, que aparentava estar suando todo seu entusiasmo.

– William, chefe.

– William, acabei de conversar com um futuro prospecto de negócios no telefone. Se meus negócios com ele derem certo, posso aumentar a renda bruta da empresa inteira em 10% com uma canetada. Estava prestes a ligar para outra oportunidade quando fui interrompido pelos urros que sua equipe de primatas fez ao ver um programa desenhar linhas na tela. – William ficou em silêncio. Dedos entrelaçados, como se suplicasse perdão, seus nós de seus dedos brancos de tanta tensão. Um olhar baixo, como se procurasse uma resposta nos fios do carpete.

– Desculpe, senhor. Não vamos mais interromper o senhor.

– Muito bem. De qualquer forma, parabéns por fazerem isso aí funcionar, seja o que for.

Deixou a sala. Deixar esses engenheiros fazerem seus experimentos costumavam trazer bons resultados, elevavam a moral da equipe e, às vezes, se transformavam em grandes oportunidades de lucro. Seus programadores eram como os astecas, que trocavam diamantes com os espanhóis em troca de pequenos espelhos e pentes de cabelo. Não sabiam a mina de ouro que tinham na mão e como esse fluxo de inovação era importante para a empresa.

Helcius sabia. Apenas não queria que eles soubessem. Botar cada funcionário em seu lugar também era parte do jogo.

Sentou-se novamente em sua cadeira e pegou o telefone, que ainda guardava os primeiros dígitos do telefone ao qual começara a ligar. Sua atenção deteve-se por um momento pela tela de computador, onde um jogador de alcunha Gafanhoto o desafiava para uma partida de mahjong. Pousou o telefone no carregador novamente e aceitou o desafio.

Era uma partida curta, de apenas um vento, ou rodada. Por ser um jogo feito para ser jogado à quatro, e por estarem numa mesa privada, os outros dois jogadores seriam controlados pelo computador. Durante a partida, Helcius começou a conversar com Gafanhoto pela tela de conversa do jogo.

Gafanhoto> novas/

CaptStock86> tdo ok

Gafanhoto> e ai, qdo?

CaptStock86> amanhã ou 2a

Gafanhoto> pena que n hj

CaptStock86> pq?

Gafanhoto> dps conto

CaptStock86> bl

A partida acabou. Helcius venceu Gafanhoto, como sempre vencia. Embora gostasse mesmo de mahjong, também o usava eventualmente para trocar mensagens com certos contatos sem deixar rastros pelo e-mail da empresa ou pelo computador. Usava o Teclado Virtual de seu sistema operacional, capaz de ser operado apenas com o mouse, o que tornava a conversa imune a táticas mais simples de invasão, como aparelhos que interceptavam todas as teclas pressionadas pelo usuário. Por isso, conversava em mensagens curtas, e instruía seus contatos a fazerem o mesmo.

Enfim, fez a ligação que tanto protelara. Já eram quase 23 horas, mas pessoas criativas costumavam trabalhar até tarde, então talvez tivesse alguma sorte.

– Oi, Helcius. – atendeu a outra voz na linha, reconhecendo o telefone pelo Identificador de Chamadas.

– Olá, Ruiz. Só liguei pra confirmar o andamento da campanha.

– Tudo conforme o combinado.

– Ótimo. Até lá.

Desligou o telefone e virou-se para observar a cidade. Uma fina garoa esmaecia sua paisagem, que também não era grande coisa de se ver. De madrugada, o céu de São Paulo não ficava negro e cheio de estrelas, mas sim um alaranjado-escuro, o laranja da casca de uma tangerina podre e esquecida, produzido pela combinação de camadas espessas de poluição com a luz alaranjada da iluminação pública. Nem mesmo do alto do prédio de escritórios onde trabalhava, em um bairro nobre e elevado da cidade, a paisagem de São Paulo era digna de um cartão-postal. Inspirou fundo e expirou, aproveitando um pouco o ar fresco, um ar mais livre de dióxido de carbono que só a chuva trazia consigo.

Virou-se para sua mesa, abriu o pequeno frigobar que tinha instalado em uma das pernas da mesa. Onde a maioria dos executivos guardaria bebidas alcoólicas, Helcius estocava latas de energético, todas da mesma marca e sabor. Abriu uma, tomou num só gole, e jogou fora a lata de alumínio no cesto de lixo aos seus pés. Fechou o laptop e o colocou de lado, puxando para si um calhamaço de folhas que havia recebido naquela manhã.

Havia trabalho a ser feito.

Aquela seria uma longa noite.

Capítulo VII

O Honda prateado subiu uma guia rebaixada e parou alguns metros depois. Abel e Camila desceram do carro, cada um de sua porta. Deixaram o carro com um valet que não inspirava muita confiança, mas, depois de ter sido recusado por três estacionamentos lotados, Abel cansou de procurar. O pouco que conhecia do bairro vinha de noticiários policiais – estacionar na rua estava fora de cogitação. E como dizia seu pai, “do cavalo dado, não se olham os dentes.”

Pela fachada do Santana Bull, tinham a impressão de estar entrando num saloon. Suas paredes eram revestidas de toras de plástico, dando-lhes a aparência de uma cabana. Por trás dos leões-de-chácara que guardavam a entrada, um portão duplo igual aos dos bares do Velho Oeste barrava a passagem. Mesmo os seguranças, com seus ternos pretos e óculos escuros, vestiam chapéus de couro.

Foi à bilheteria. Antes das 10, mulheres não pagavam, enquanto dos homens era cobrada uma taxa de 20 reais. Pagou meio a contragosto, mas não queria ficar discutindo à toa naquele lugar com alguém obrigado a trabalhar de noite. Ambos receberam uma pequena plaqueta de plástico numerada, que seria o número no qual onde seriam anotados seus pedidos. Em linhas miúdas, a comanda alertava o cliente da opulenta multa cobrada por sua perda.

Entraram. Era um galpão antigo, reformado para ser uma casa de shows. O teto, ainda feito de Brasilit, deixava escapar feixes de luar aqui e acolá. Obviamente um péssimo lugar para se abrigar da chuva, mas o céu, que podia espiar por entre as frestas no teto, não tinha uma nuvem sequer. A estrutura interna do galpão, reforçada com armações de ferro e alumínio, não parecia estar prestes a desabar, e sustentava dezenas de holofotes e caixas de som.

O lugar era dividido em dois ambientes. Na metade do salão mais próxima à porta, funcionava um bar, onde pessoas bebiam e conversavam, sentadas nas várias mesas redondas ali dispostas, ou no próprio balcão. Garçons corriam por entre as mesas, coletando pedidos, recolhendo copos e travessas de petiscos, passando pano em mesas sujas por bêbados desastrados.

Na outra metade, sem mesas, ficava a pista de dança e um palco, também de madeira, de 1 metro de altura. Não havia ninguém se apresentando ao vivo no momento – os alto-falantes tocavam músicas selecionadas pelo DJ da casa.

Sentaram-se numa das poucas mesas vazias, bem afastada do centro do galpão. Não demorou muito até que um garoto viesse lhes atender. Estava vestido como um caubói dos pés à cabeça, com colete, calças e sapatos de couro de boi, de variados tons de marrom. Vestia também uma camisa branca por baixo do colete, item que alguns garçons mais adeptos à academia dispensavam, para delírio da clientela feminina. Mas o demônio está nos detalhes, e por conta deles o resultado final era desastroso. Tentando manter-se fiel ao imaginário do público, o designer da peça acrescentou franjas em cada costura reta, lantejoulas em cada espaço vazio. O rapaz franzino que os atendera, que certamente não recebia o suficiente por tamanha humilhação, parecia mais um lhasa apso recém-saído do pet shop do que um maître.

– Boa noite, meu nome é Glédson e serei o garçom de vocês esta noite! Já sabem o que querem pedir?

– Vê uma Original pra mim. – disse Abel, que virou-se então para Camila – E o que você vai querer?

– Vocês fazem margaritas aqui? – perguntou Camila ao rapaz.

– Não, senhora.

– Mojito?

– Também não.

– Piña colada?

– Desculpe, senhora. Pinha o quê? – disse o garoto, já um tanto constrangido.

– Humpf. Me traz uma caipirinha de limão. Bastante gelo, coada.

– Sim, senhora.

Vermelho de vergonha, o garçom anotou o número das comandas e voltou para o bar. Uma nova música começou a tocar, com uma sanfona tocando ao fundo. Logo, bumbos, reco-reco e triângulos se juntariam no baião, puxando mais algumas tantas pessoas para a pista de dança.

– Lugar simpático, esse.

– É... Simpático e barulhento.

– Como se houvesse alguma balada no mundo que fosse quieta. Me poupe, Abel.

– Não entendo como as pessoas pagam para ficar surdas.

– Ninguém fica surdo de ir em balada, Abel. Deixe de ser neurótico.

– E o pior de tudo, ficam tocando essas músicas de nordestino.

Camila engoliu seco. Olhou discretamente em volta para ver se alguém tinha ouvido o que ele disse. Depois voltou-se para Abel e, com os lábios cerrados e olhos bem-abertos, sinalizou seu ato falho.

– Tá, tá. Foi mal, escapou. – desculpou-se Abel. – Mas eu não gosto desse ritmo de música.

– Qual é o problema com baião?

– É música de dançar e não de ouvir. E eu não gosto de dançar.

– Ah, fala sério. Você vivia dançando comigo quando começamos a namorar.

– É, mas eu nunca disse que gostava de dançar. Eu gosto de você, é diferente.

Um sorriso passou de repente pelo rosto de Camila, ainda que apenas por um momento. Tinha medo de que a convivência (ou melhor, a falta dela) estivesse desgastando o relacionamento dos dois. Já mal se falavam durante a semana e ele agora começa a agir de maneira estranha. Mas aquele lampejo de carinho não passou despercebido.

Levantou-se de sua cadeira.

– Quer dançar a contragosto comigo? – disse, estendendo a mão.

– Geralmente, quem pede a dança é o homem. – respondeu Abel.

– Ora, e quem você acha que é o homem da relação aqui?

– Tudo bem, tudo bem. Mas só a próxima música e você me deixa em paz. Só uma música.

Abel levantou-se ao fim do baião, que foi seguido por uma balada de caminhoneiro, cantada por uma voz sedosa e carregada de uma mulher. Eles andaram para o meio da pista de dança, onde ficaram coladinhos, ele com a cabeça no ombro dela, ela com a cabeça no peito dele.

Não disseram nada. Não tinham que dizer nada.

Não estavam guardando suas apreensões, escondendo-as de seu parceiro. Estavam esquecendo delas. Naquele momento, rodopiando pé ante pé naquele chão de concreto, naquele galpão mal iluminado e cheio de holofotes coloridos, ouvindo

aquela canção sobre uma mulher que comprou um caminhão para procurar pelo marido caminhoneiro desaparecido, os dois estavam presentes um para o outro como há tempos não estavam. Estavam prestando atenção um no outro – no cheiro, no toque, na respiração. Estavam se conhecendo outra vez.

E a música acabou. Voltaram para suas mesas, que por sorte ainda estavam desocupadas, bem a tempo de receberem as bebidas que pediram ao garçom. Riram gostosamente ao reparar mais uma vez nos trajes quando se deram conta.

Voltar à mesa foi voltar à realidade e a tudo que ela carrega consigo. Abel logo voltou a ficar irritadiço e apreensivo com o iminente show “dela”. Quando pensava “nela”, alguns lampejos vinham à tona. Um toque. Uma risada. Uma lágrima. Isso mexia não só com seu coração, mas também com seu estômago, que sofria com uma intensa acidez estomacal induzida por estresse.

Camila bebericou sua caipirinha, evitando pensar na súbita dispensa de sua equipe inteira por tempo indeterminado. Foi só a caminho da balada que, perdida em seus próprios pensamentos, lhe ocorreu de que poderia, na verdade, ser uma demissão. Talvez o time inteiro estivesse sido trocado por novos cientistas, por motivos de vazamento de dados ou controle de arquivo. Talvez apenas ela tenha sido demitida e os outros funcionários já estivessem de volta ao laboratório, trabalhando em outro caso. Durante a viagem, contivera o impulso de telefonar para o laboratório e confirmar sua dispensa, mas sabia que nunca convenceria as secretárias a lhe revelar quaisquer informações pertinentes ao setor B2.

E se fosse mesmo uma demissão? Não poderiam demitir alguém assim do nada, poderiam? Ela sabia vários segredos de vários casos policiais, poderia jogar a merda toda no ventilador caso a despedissem. Poderia denunciar pra mídia, pra internet.

Será que mandariam algum policial para matá-la? Surpreendeu-se ao se ver excitada com a possibilidade.

Abel corria os olhos nervosamente pela casa inteira, observando cada mesa, cada cliente, cada pessoa dançando, cada funcionário. Imaginava se ela estaria no salão até chegar a hora de sua apresentação. Por vezes, tinha a impressão de que alguém estava lhe observando, mas nunca conseguia fazer contato visual com quem quer que fosse. Tinha uma sensação sutil, uma pontada de alerta em sua nuca, alertando-lhe do perigo. Essa sensação lhe pedia para ir embora daquele lugar, para abandonar aquela ideia estúpida.

Mas Abel já tinha gasto 20 reais de entrada, mais o preço da cerveja Original mais cara que já vira. Não iria embora sem saber de vez a verdade.

Foi alguns minutos e alguns goles depois, quebrando o silêncio tétrico do casal, que as luzes diminuíram bastante de intensidade e se focaram no palco, onde vários músicos tomavam suas posições. No meio do palco, um dos contrarregas deixou um banquinho de madeira baixinho, com três pés, que era iluminado por todos os holofotes da casa. Um homenzarrão, musculoso e alto, tomou o palco com o microfone e gritou:

– Tá todo mundo curtindo aê?!

Quase todo o público, especialmente os que estavam nas pistas, responderam com gritos, palmas, batidas de bota contra o chão de concreto.

– Então se preparem que lá vem nossa primeira atração! Uma salva de palmas para Leah de Mirandópolis!

Sentiu a dor lancinante antes mesmo de se dar conta de sua reação. Ao ouvir o nome, Abel fechou seus punhos com tanta força que fincou uma de suas unhas na palma da mão. Ainda assim, não foi capaz de desviar os olhos do palco. Precisava, mais do que tudo, ver.

E foi aí que ela entrou em palco.

Leah ainda conservava a trança de cabelos loiros que tinha 5 anos atrás. Ainda se vestia como se vestia 5 anos atrás. Ainda se maquiava como fazia há 5 anos atrás – ou seja, apenas passava o batom. Algo em seus olhos azuis pareciam cansados, mas o resto de seu semblante era pura energia, pura alegria, pura animação. Não era exatamente igual à pessoa de cinco anos atrás – estava mais alta, mais madura, – mas ao mesmo tempo era exatamente a mesma pessoa. Entrou em palco com um vestido verde-claro, sem decotes, que acabava bem no seu joelho. Carregava consigo um violão que já tinha visto dias melhores: estava sem verniz, e seu cabo estava um pouco envergado para trás.

Uma olhada melhor lhe permitiu reconhecer o violão. Nas costas do cabo, alguém havia talhado L+A em grandes letras.

Leah + Abel.

Ela trouxe seu violão. Leah estava dando shows com o violão que pertenceu ao avô de Abel, que passou para o pai de Abel e, por fim, para o próprio. Era o violão com

o qual aprendeu a tocar meia dúzia de modas de viola, e que havia deixado para trás cinco anos atrás. Nem se lembrava da existência dele até então.

Por que ela estava com seu violão?

Por que ela estava ali, naquela casa de shows?

E por que ela estava tão bonita?

Camila, também atenta à apresentação do show, tomava sua segunda caipirinha e nem notou a mudança de humor de Abel. Atribuiu toda a reação exagerada dele ao fato da garota ser, de fato, exuberante. "Parece um anjo, ou uma daquelas estátuas gregas," pensou. "Não me admira que Abel esteja babando por ela."

Leah sentou-se no banquinho, tomando o cuidado de prender seu vestido. Ajustou a altura do microfone, deu dois tapinhas para testar seu funcionamento. E então, sua voz recatada e doce disse:

– Boa noite, plateia! Todo mundo empolgado pro meu show?

Todos responderam que sim, em polvorosa, com a exceção de um casal, no fundo do galpão, que assistia com curiosidade à apresentação dessa cantora desconhecida.

Capítulo VIII

As luzes dos holofotes a cegavam. O barulho da multidão que a assistia era ensurdecedor naquele celeiro escuro, abafado, cheio de gente desconhecida e bêbada.

Mas seu empresário lhe assegurou de que tudo ficaria bem, quando estavam os dois no camarim, minutos antes de sua apresentação.

– Olha, Leah, é só ir lá, sentar no banquinho e cantar as suas canções, – disse Bill, um homem magrelo de terno branco que massageava seus ombros. – Vai dar tudo certo. As pessoas te amam!

– Mas, Bill, eu ainda não sou famosa...

– Tudo bem, Leah. Fica calma, relaxa. Todo artista famoso já passou por isso um dia, todo cantor de sucesso já teve que tocar em lugares assim. Você quer ser famosa?

– Eu não sei...

– Não, não, não. Não é assim que se diz. Qual foi o nosso combinado, hein?

– Que a gente ia ficar famoso e rico.

– Exatamente. Pra isso, você tem que ter garra, ter coragem, entrar lá e botar pra quebrar.

– Mesmo assim, Bill... Às vezes, eu acho que eu não sirvo pra isso...

– Você é perfeita pra isso, menina! – disse o homem, apertando os ombros da menina num gesto encorajador. – Agora vai lá e mostra pra eles quem é Leah de Mirandópolis!

O homem saiu do camarim, deixando-a a sós. Poucos minutos depois, estava no meio do palco, exibindo seu melhor sorriso para uma multidão anônima.

– Boa noite, plateia! Todo mundo empolgado pro meu show? – disse, escondendo o nervosismo. Seu estômago doía, sua garganta ardia. Não fosse o banquinho, a plateia inteira veria suas pernas tremerem.

Mas a resposta da multidão, gritando, assobiando e aplaudindo, foi um sopro de ar fresco. Parecia ser uma boa audiência, ainda que sua carreira estivesse só começando. Fazia dois anos que tinha se tornado modelo e menos de um ano que começara a fazer pequenos shows musicais pela cidade, em lugares tão terríveis

como este, ou até piores. Se dependesse dela, nunca teria feito show nenhum, sequer teria permitido que outras pessoas tirassem fotos dela. Mas Bill era convincente, sedutor; sabia como manipular sua vontade, como mudar sua opinião.

Conheceu Bill ainda em Mirandópolis, quando trabalhava como recepcionista do maior hotel da cidade, que pertencia à sua vizinha. Era um trabalho tranquilo, visto que pouquíssimas pessoas visitavam Mirandópolis e raramente tinha que cuidar de mais do que 5 hóspedes por vez. Bill era um hóspede do hotel, vindo a trabalho para reuniões de negócio ou algo do tipo. Nunca se deu ao trabalho de perguntar sobre elas, e talvez ele nunca lhe responderia.

Logo no segundo dia de hospedagem, Bill já puxou conversa, elogiando sua formosura e suas longas madeixas. Durante meia hora de “paquera”, o empresário encheu sua cabeça de ideias de fama e fortuna, de prestígio e luxo. Plantou na mente da garota as sementes de um sonho da cidade grande. No dia seguinte, ao fazer check-out, deixou seu cartão de contato.

Leah pensou bastante, por dias, até tomar uma decisão. Conversou com seus pais, sua patroa, sua melhor amiga, e todos eles a convenceram de que valeria a pena a tentativa. Mesmo assim, Leah tinha um pé atrás.

Pra ela, carreira profissional era algo que acontecia com os outros e não com ela.

Por algum motivo, depois de dias matutando, Leah entrou em contato. Em menos de uma semana, Bill organizou uma sessão teste de fotos em São Paulo. Se as fotos ficassem boas, tentaria arranjar mais oportunidades. Com sua amiga a tiracolo, pegou um ônibus para Araçatuba. De Araçatuba pegou outro, para São Paulo. Depois de sete horas de viagem, Leah passou mais três horas sendo fotografada, de vários ângulos e com várias poses e expressões. Estavam montando um book para uma empresa especializada em bancos de imagens, coletâneas de fotos de pessoas bonitas prontas em qualquer situação – fotos de gente feliz, animada, triste, doente, desapontada, estressada e tudo o mais. Por uma quantia módica, marqueteiros do país e do mundo todo tem acesso ao catálogo inteiro e podem usar essas fotos em suas criações.

As fotos foram bem-recebidas. Leah ganhou mais dinheiro nesta viagem do que em seis meses trabalhando no hotel, e outras empresas se interessaram pela bela loira de olhos azuis. Bill lhe ofereceu uma vaga em uma república de modelos, para que Leah não tivesse que enfrentar horas de estrada toda vez que uma chance aparecesse. Mais uma vez, a garota passou dias indecisa, mesmo com todo o apoio familiar que

recebia, até enfim aceitar a proposta. Largar a casa dos pais para morar sozinha na cidade grande era um passo grande, mas todos lhe diziam que era a coisa certa a ser feita.

Na casa das modelos, sentia-se como um peixe fora d'água. Suas amigas não assistiam novela, porque achavam muito "repetitivo", "insosso" e "bobo". Não ouviam música que não fosse aqueles barulhos que tocam nas boites de noite (Leah ainda chamava boates de boites, como seu pai dizia). Ao contrário de Leah, as outras modelos dormiam tarde e acordavam mais tarde ainda. Não sabiam cozinhar, mas também mal comiam. Tinham orgulho de serem tão magras a ponto de exibirem suas costelas e clavículas ao usar biquíni.

Elas lembravam Leah de um caso curioso. Eram tempos de seca e, na chácara de um conhecido, havia uma vaca tão magrinha que se podia ver seus ossos todos. Não comia bem faz dias, mas os veterinários da cidade não sabiam o porquê. Não dava leite, não aguentaria um parto, e sua carne estava dura demais. O conhecido teve que sacrificar a vaquinha para fazer charque. Leah pensou em dizer às suas novas amigas que emagrecer daquele jeito só podia lhes fazer mal. Mas elas respondiam que era essa magreza que faziam elas receberem mais propostas de trabalho e mais dinheiro que ela.

"Bem,", pensou Leah. "tem muito da cidade grande que eu preciso entender, ainda".

Também queria entender por que, às vezes, suas amigas ficavam horas trancadas em seus quartos, e por que saíam de lá parecendo zumbis. Mas um mistério de cada vez.

Sentia-se sozinha. Quando não tinha uma sessão fotográfica para participar, passava os dias em seu quarto, lendo um romance bobo de banca de jornal, ou assistindo filmes reprisados. De tanto comentar isso com sua melhor amiga, recebeu um presente em sua próxima visita: o violão que havia deixado na casa de seus pais. Era uma distração a mais, algo para entretê-la em momentos de tédio. Com o passar dos dias, Leah foi relembrando como era gostoso tocar violão, dedilhar à toa, tocar acordes furiosos, cantar e batucar no corpo do instrumento.

E quando Bill, numa de suas visitas, a pegou cantando modas de viola em seu quarto, sabia que tinha em mãos uma mina de ouro muito mais valiosa. Logo entrou em contato com uma pequena casa de shows e organizou a primeira apresentação de Leah ao vivo, para cantar praticamente o que ela quisesse.

Desse show para a apresentação em questão, no Santana Bull, foi um pulo. Um pulo de seis meses.

– Então quero ver quem se lembra desta velha cantiga! – gritou Leah, acenando. Fechou os olhos e começou a dedilhar as cordas de nylon e aço um lamento de amor e desilusão. Aos poucos, outros integrantes da banda começaram a improvisar um acompanhamento, dando corpo e ritmo às suas músicas. Já haviam tentado ensaiar o show com Leah algumas vezes, mas sem sucesso. Sempre tinham um resultado menor quando tocavam no improviso, de forma mais livre, deixando a garota escolher músicas ao acaso. Cada apresentação era um desafio impromptu, uma performance única e irreproduzível.

Tocaram mais três ou quatro canções. Sempre intercalava cada trecho com um gole de seu suco de maracujá, que carregava num bonito cantil de couro que seu pai havia lhe dado. As más línguas diziam que era cachaça – línguas piores diziam que era alguma espécie de droga ilícita. Respirou fundo. Neste momento, ergueu o braço, pedindo atenção.

– A próxima canção... Bom, a próxima canção é de autoria minha. É uma letra bem pessoal, então espero que gostem. – Tocou cada uma das cordas, certificando-se de sua afinação. – Ela se chama... Coragem.

Os membros da banda se entreolharam, discretamente. Leah escolhia seu repertório de cada noite como quem escolhe que roupa vestir: todo dia era uma combinação diferente, mas sempre daquela dúzia e meia de canções de sempre. O percussionista franziu a testa. O baixista torceu o nariz. O tecladista, com as mãos voltadas para o alto, deu de ombros.

Bill, que estava sentado no bastidores de pernas pro ar, quase caiu da cadeira. Roendo a unha do dedo mindinho, o empresário olhava atentamente para o público, dissecando sua reação. Parecia favorável – havia sido uma boa noite – mas só a música decidiria se seria um sucesso ou um fracasso. O que estava se passando na cabeça daquela menina?

Obviamente, a plateia estava alheia a tudo isso. Quando Leah anunciou uma música própria e inédita, boa parte do público reagiu da maneira costumeira: dezenas de celulares se ergueram, gravando o momento histórico de vários ângulos.

Nem Leah tinha muita certeza. Estava compondo canções como essa desde que recebera seu violão de volta, mas nunca teve a coragem de usá-las num show. Mas queria provar pra si mesma que era mais do que uma voz e um rosto bonito, e a hora era agora. Se era pra ser famosa, como seu empresário tanto insistia, queria ser por esforço próprio. Era o tudo ou nada. Caso a canção não fizesse sucesso, deixaria de

lado essa besteira de show business e voltaria a morar em Mirandópolis, onde não seria ostracizada por magrelas insossas.

Por três minutos, Leah cantou e tocou. Era uma canção sobre autoestima, superação. Uma canção sobre acreditar em si mesmo, sobre manter os próprios valores e nunca se sujeitar a ninguém. Era uma canção sobre ser capaz, ir além. Perto das outras músicas, que falavam de fins de relacionamento e de festas de rodeio, a canção de Leah era um ponto fora da reta, um elemento estranho na composição. Por três longos minutos, Leah botou seu coração pra fora, com sua voz e seus acordes. Nem abriu os olhos, temerosa de ver caretas e gestos de reprovação.

Ao fim da música, a plateia continuou em silêncio por alguns segundos.

E então, a plateia explodiu em gritos, assovios e palmas.

Leah levantou o rosto, balançando sua longa trança. Deixando cair uma lágrima do olho esquerdo, sorriu e mandou beijos para a plateia. Agradeceu, anunciou a próxima atração e saiu do palco, carregando o violão. Foi ovacionada até pelos próprios membros da banda, que não esperavam nada do gênero.

No camarim, seu empresário lhe repetia, com a mesma mão no ombro: – Viu só o que eu falei? Você é PERFEITA pra isso, menina!

Leah ainda não concordava com ele. Não estava fazendo isso para ser famosa, ou para ser rica. Era bem feliz quando era uma pobre desconhecida em Mirandópolis, mas não era tão feliz sendo uma rica desconhecida em São Paulo.

Por outro lado, queria viver esse momento de novo – esse momento de aprovação.

Capítulo IX

Quando Leah terminou de tocar sua canção, Abel não se levantou de sua cadeira. “Sentado, ela nunca vai me notar na multidão”, pensou.

Mas Camila subiu em cima de sua cadeira de plástico. Pulou, gritou, assobiou. Nunca vira sua namorada tão empolgada, mas também raramente a via bêbada daquela maneira. Camila sorvia caipirinha como se fosse ar, e não parecia disposta a parar tão cedo. Além disso, não era burro de tentar impedir esse comportamento. Já enfrentou mais de um grande sermão sobre o que ele pode ou não mandar ele fazer, e sobre onde ele pode enfiar as ordens machistas e patriarcais dele.

Era mesmo ela. Era a Leah, que conheceu como Leandra anos atrás, quando ainda era um moleque estúpido de Mirandópolis, quando ainda morava com seus pais e brincava com seu cão no quintal de casa, quando ainda frequentava o colegial numa escola pública que tinha apenas um professor por série. Era a Leah que estava naquele fatídico dia, cinco anos atrás, quando tomou a mais importante decisão de sua vida, e talvez também cometeu seu maior erro.

~~~

Ela estava linda naquele dia. Tão linda quanto hoje, em seu show, mas de uma maneira diferente. À época, ela sorria mais, e com mais força, e as covinhas em suas bochechas eram mais profundas. Mas seu cabelo continuava o mesmo, amarrado numa longa trança loira que deixava pender por sobre seu ombro esquerdo. Sua voz também era a mesma – lembra-se de quando ela lhe perguntou:

– O que queria conversar de tão sério comigo?

Estavam no parque da cidade, sentados sobre um grande tronco caído do que um dia foi um carvalho, onde haviam combinado de se encontrar. Leah chegou ainda em seu uniforme escolar (camiseta branca, calças azuis e tênis), direto da casa de uma amiga, onde passara a tarde inteira fazendo um trabalho em grupo. O sol já se punha, o mormaço já se espalhava por toda parte, e grilos e cigarras já começavam sua sinfonia. Abel também estava de uniforme, porque passara a tarde inteira preocupado, tentando procurar as palavras exatas do que teria que dizer.

No fim das contas, não achou nada. Passaram-se cinco minutos desde que Leah havia chegado, e ainda estava observando o movimento sem proferir palavra alguma.

Era hora de improvisar.

– Leah, eu te chamei aqui porque... porque eu preciso conversar algo sério com você. Sentiu uma pontada de azia agredir seu estômago. Leah respondeu brincando:

– E o que seria? Tá se interessando por alguma sirigaita, é?

– Não, Leah, não é nada disso... – disse, pousando seu indicador e seu polegar sobre suas têmporas.

– Ah, bom, porque se eu te pego com uma sirigaita, você ia apanhar tanto, mas TANTO!

– Leah, é sério, – interrompeu Abel, olhando para o lado.

– Eu sei, bobinho. – respondeu ela, com um tapinha no ombro. – Se não é mulher, então é o quê?

Abel engoliu em seco. Respirou fundo, tentando procurar a calma que havia perdido.

– Leah, estamos no terceiro ano do colegial. O que você vai fazer a partir do ano que vem?

– Ai, eu não sei, ué. Acho que vou ter que procurar emprego, né? Minha vizinha é dona de um hotel, posso ver se arranjo um bico lá, ou algo assim...

– Hotel? Você quer trabalhar como recepcionista de hotel?

– Ai, Abel, sei lá! Eu nem sei se eu vou me formar, porque eu preciso tirar um 6 de História pra passar e eu não entendo nada de Getúlio Vargas...

– Leah, estou falando sério. Você tem algum sonho? Já quis seguir alguma carreira?

– Hmm... Deixa eu pensar.

Leah pousou o dedo em riste sobre os lábios, olhando para cima. Abel não estava gostando muito do caminho que a conversa estava levando. Leah era inocente, imprevisível e – por que não? – meio tapada. Como poderia explicar para ela o que ele queria explicar?

– Já decidi. Eu quero ser confeitadeira, que nem a minha mãe!

– Confeitadeira?

– É! Quero ser a melhor confeitadeira da cidade, fazer bolo pra casamento, docinho pra aniversário, todas essas coisas. É mó legal, não acha?

– Leah... Mas qualquer um pode ser confeitheiro.

- Pode nada! O senhor por acaso sabe fazer um bolo?
- Não, mas isso não vem ao caso, o que eu quis dizer...
- Claro que vem ao caso! – respondeu, emburrada. – É muito difícil ser uma boa confeitira!

Abel ficou em silêncio por um momento, tentando pensar em maneiras alternativas de abordar o assunto.

- Leah... Onde você se vê daqui a 15 anos?
- Credo, Abel, hoje você tá parecendo aqueles conselheiros estudantis que aparecem de vez em quando no colégio, viu?
- Pensa bem nessa pergunta. Como será sua vida daqui a 15 anos?
- Bom... Daqui a 15 anos, eu já vou estar com mais de 30, então quero estar com um filho e uma filha. O filho vai se chamar Samuel e a filha vai se chamar Samira, porque aí eu posso chamar os dois de Sam! Imagina só que confusão vai ser?
- Filhos? – Outra pontada. – E como você vai pagar as contas desses filhos?
- Ué, você vai trabalhar pra pagar as contas e eu fico em casa, cuidando deles. Ta aí! Se eu for confeitira, posso ficar em casa cuidando dos filhos e trabalhar ao mesmo tempo! Que moleza, hein?

Tentar contornar o assunto não estava dando certo. Todas as dicas que tentara passar para Leah entravam por um ouvido e saiam pelo outro. Ela estava completamente alheia ao assunto em questão.

- Leah, o negócio é o seguinte... Eu tenho ambições na vida. Eu quero ser rico.
- Uai, e quem é que não quer?
- Sim, eu sei. Mas ficar rico não é fácil. É preciso estudar bastante, batalhar muito para conseguir um bom emprego e subir numa carreira.
- É isso que você queria falar pra mim, Abel? Que vai fazer faculdade?
- Não é só isso. Eu quero lutar pelos meus sonhos e não quero deixar esta cidadezinha de merda e este povinho acomodado me segurarem. Eu vou pra São Paulo fazer faculdade.

Leah ficou boquiaberta, em silêncio, o que surpreendeu Abel. Esperava uma reação mais enérgica. Estava pronto até para se defender dos tapas que poderia levar. Mas um lampejo brilhou nos olhos da garota:

– QUE. LE. GAL! Então você vai pra cidade grande estudar e ficar famoso? – disse Leah, apertando os ombros de Abel e balançando o rapaz. – Vai usar aquelas roupas chiques que a gente vê na novela, terno, gravata, abotoadura? Que massa!

– É, Leah... A ideia é essa. Vou morar na casa de uma tia até a época do vestibular, e depois vou ver se arranjo uma república pra morar.

– Ai, que massa! E quando é que a gente viaja?

– Leah, você não vem comigo.

Outra pontada de azia, ainda mais forte. Abel esperou que ela fosse perceber antes. Que ela fosse perceber que era um adeus.

– Mas eu posso ajudar você, lá. – murmurou Leah, num tom suplicante. – Posso arranjar um emprego, ajudar a pagar as contas, cuidar da casa pra você...

– Não, Leah. O problema não é esse. O problema é que você não tem ambição... Não tem obsessão.

– Hã?

– Leah... Você não tem sonhos, não quer correr atrás de nada. Só vai me atrasar.

– Mas... Mas eu posso mudar, Abel!

– Não, Leah, acho que não... Sua ideia de felicidade é morar em Mirandópolis, cuidando de crianças, enquanto seu marido sai pra trabalhar em algum lugar. Eu, não. – Levantou-se do tronco, seu olhar fixo adiante, fugindo dos olhos marejados de Leah. – Eu não quero acabar como o meu pai, que vai morrer sem ter um tostão no bolso, morando em casa alugada, passando dificuldade pra pagar as contas todo mês. Eu posso ter uma vida melhor do que isso, e eu vou correr atrás.

Leah ficou calada, rígida como uma estátua, enquanto ouvia a torrente de injúrias que Abel falava. Chorou em silêncio enquanto o jovem, incapaz de ver além do próprio umbigo, continuava com suas leviandades. Quando deu por si, dois fios pretos de maquiagem escorriam dos olhos de Leah até seu queixo.

– Leah... Eu gosto muito de você. Você é uma pessoa maravilhosa, mas... não dá.

- ...Quando você vai?
- Vou viajar semana que vem. Não sei quando é que eu volto.
- ...Você tem certeza disso, Abel?
- Sim. Este é um adeus, Leah.

Virou-se para Leah e segurou sua mão. Quando fitou seus olhos azuis, sentiu vontade de retirar tudo o que disse, de abraçá-la, de abandonar tudo o que sempre sentira e começar tudo de novo.

Ao invés disso, não disse nada. Segurou sua mão com mais força, ofereceu um último aceno e foi embora. Era o que sempre fazia: quando lhe faltavam as palavras, quando não sabia mais o que fazer, levantava-se e ia embora.

Nada mais aconteceu até sua partida de Mirandópolis. Seus pais estavam lá para se despedir, mas Leah não estava. Nunca mais a veria, assim como nunca mais veria seus pais. Uma ligação telefônica aqui e acolá, desculpas de que estaria trabalhando, e eventualmente o corte de relações.

Agora, dirigia para seu apartamento, pago pouco a pouco com o dinheiro de seu trabalho, fruto de anos de estudo numa faculdade pública. Levava Camila no banco de trás, dormindo sonoramente depois de tomar uma ou duas caipirinhas além do que aguentava, um braço pendendo do banco. Dirigia devagar, aproveitando as luzes da noite, o silêncio da madrugada, a leve embriaguez e uma calma que raramente podia aproveitar na cidade grande.

Como Leah conseguiu? Como ela se tornou modelo e cantora do dia pra noite? Como é que ela teve essa sorte de conseguir uma mamata dessas e ele, que ralou por tanto tempo na universidade, tinha que trabalhar 10 horas por dia para se sustentar? Por que ela decidiu aparecer em São Paulo? Para estragar sua vida?

Talvez Leah não fosse tão imprestável quanto pensara. Talvez ela sempre tivesse esse potencial de brilhar, de ser famosa, que Abel subestimara. Talvez Abel não tivesse nascido para vencer, mas ela, sim.

Um buzinaço o fez despertar: o semáforo abriu e seu carro ainda estava parado no cruzamento. Acelerou, e notou que o escândalo fizera Camila acordar.

- Oi, Cá. Já estamos chegando. – disse, olhando-a pelo retrovisor.



– Uhnrm... – respondeu a garota, virando-se de lado no banco traseiro, cobrindo-se com um casaco de Abel que vivia jogado no banco de trás.

Mas agora tinha Camila em sua vida. Camila, que era forte, guerreira e linda – alguém de grandes ambições que corria atrás de seus sonhos e suas metas.

Estava feliz por Leah.

Mentira, não estava. Sentia inveja de seu sucesso, frustração por sua escolha errônea. Mas, se Abel aprendeu algo no mundo dos negócios, é que mentir é uma arte e que não se deve ter vergonha de mentir para ninguém, nem pra si mesmo.

Estacionou o carro na vaga de seu prédio. Cutucou Camila, que não se mexeu. Colocou-a no colo, trancou o veículo e subiu 20 andares de elevador carregando a garota. Camila roncava, a cabeça apoiada no peito de seu namorado, deixando uma marca de batom, blush e baba. Abel sentia o cheiro de seu perfume, um cheiro doce empestado de vodca e de limão. Carregou-a até a porta de casa, que abriu com a única mão livre, e a colocou na cama. Ainda de vestido, cobriu-a com um lençol leve e arrumou um travesseiro sob sua cabeça.

Nesse momento, sentado na cama, uma analogia um tanto óbvia lhe ocorreu, e decidiu que era um sinal. Decidiu provar a si mesmo e a todos os outros de que tinha tomado a decisão correta. Começando no dia seguinte.

## Capítulo X

Leah entrou no camarim, violão em mãos, suando por causa dos fortes holofotes. Sentou-se na penteadeira, ainda um pouco ofegante.

Mas feliz! Feliz de ter cantado sua canção e de ninguém ter vaiado, ou arremessado tomates.

“Aliás, engraçado, nunca vi um tomate sequer em nenhum desses lugares que eu toco. Será que ficam escondidos? Será que tem que comprar?”

Foi pensando nisso que, poucos momentos depois de sua entrada, seu agente bateu à porta e logo entrou.

– Foi sensacional, Leah! Fez um sucesso do caralho! – disse ele, abraçando-a, um sorriso cheio de dentes amarelados.

– É mesmo?

– Sim, sim! Mas você bem que podia ter me avisado que ia tocar uma música nova, hein, pamonha? Deu um baita susto em mim e na banda toda!

– Ai, desculpa! Eu nem pensei nisso... Foi algo de momento, mesmo...

– Tudo bem, tudo bem! Se deu certo, é o que importa! – confortou o agente, dando tapinhas encorajadoras em suas costas. – Sabe que, depois da apresentação, eu descii na plateia e fui conversar com as pessoas em segredo?

– Eita... Parece até coisa de espião, do Tom Cruise!

– Hahaha! – riu o agente. Ria na verdade do jeito que a garota pronunciou "Tom Cruise", mas disfarçou.

– E aí, eles gostaram?

– Bom, eu conversei com umas dez pessoas, mas umas duas ou três pessoas não gostaram, não.

– Sério?! – disse Leah amuada, desapontada com seu esforço.

– Leah, você tem que entender uma coisa: o gosto musical desse público é bem conservador. Eles gostam de canções familiares, de músicas que já ouviram. Pra eles, canções novas são algo estranho, fora da zona de conforto, e ninguém gosta de se sentir assim quando quer se divertir.

– Entendi...

– Mas muita gente até que gostou. Uma das moças até começou a cantar o refrão quando falei com ela!

– Ai, que bonitinho! Mas, se teve até gente que odiou, por que você acha que foi um sucesso?

– Porque essa moça que cantou o refrão disse que chorou no fim da música.

– Ai, sério?! – disse Leah, chocada. Era mesmo verdade? Conseguiu tocar o coração de alguém com sua música? Era capaz de fazer alguém chorar com sua canção?

– Sério. Por isso, eu acho que foi um sucesso.

– Nossa...

Leah se olhou no espelho, genuinamente espantada. Estava no meio do processo de retirar a pesada maquiagem que usava. Sua bochecha esquerda estava limpa, sua pele morena contrastando com o resto do rosto, cheio de base e pó-de-arroz.

– Hahaha! Olha só! Eu não pareço o Fantasma da Ópera desse jeito? – disse, virando para o agente e apontando para sua face.

Leah então levantou-se da penteadeira, pegou um vestido pendurado num cabide e fez dele uma capa para sua fantasia. Pegou um pincel de rosto por entre os dentes e, com o pé apoiado sob um banquinho, começou a declamar com pose dramática, rosto erguido para o alto, braço estendido:

– ♪ The Phaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa... ♪

– Leah, eu entendo que você esteja feliz, – tentou interromper o agente

– ♪ ...aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa... ♪

– Sério, Leah, precisamos conversar sobre negócios. Pára com isso.

– ♪ ...antom of the Opera is here... ♪

– Leah, dá pra me escutar? Eu quero que você grave um CD.

– ♪ Insiiiiide your... ♪ – o quê?

– É, bom... Você já está fazendo shows faz quanto tempo? Dois, três meses?

– Mais ou menos isso...

– Pois então. O público já te conhece e gosta do seu trabalho, você já tem uma composição própria e você tem tempo livre. Por que não?

– Mas... Eu só tenho UMA música. Pra fazer um CD, precisa de quantas? Umas dez?

– Você tem alguma composição além da Coragem?

– Bom... Eu tenho mais umas duas, mas ainda estão meio verdes? Meio cruas, sabe? Eu não arriscaria cantar num show, ainda.

– Isso se resolve. A gente põe as suas três músicas e enche o resto do disco com versões de músicas famosas, ou contrata algum compositor pra encher linguíça.

– Contratar compositor? Tem isso?

– Ô, se tem. O que mais tem nesse mundo é cantor que não sabe compor e vice-versa. Sabia que tem uns três ou quatro suecos que compõem quase todas as músicas de pop stars americanos?

– Eita.

– Eu conheço uns por estar no ramo, posso ver se algum deles está disponível. Se calhar, eles já devem ter até umas músicas prontas.

– Mas... Mas aí não vai ser o MEU CD, né? Vai ser um CD de música no qual eu canto, mas...

– Não se preocupa, Leah. Todo mundo faz isso. Roberto Carlos faz isso. Luan Santana faz isso. Wesley Safadão faz isso. A grande maioria dos seus ídolos faz isso.

Leah pensou a respeito. Não parecia... certo. Pra ela, cantar não era trabalho. Não era como trabalhar no hotel, fazer check-in e check-out, carregar bagagem, trocar lençol de cama, ter que lidar com hóspede bêbado de madrugada. Cantar não exigia tanto esforço. Vivia fazendo isso por diversão desde que se conhecia por gente, assim como tocar violão.

Até se maquiar dava mais trabalho do que cantar: tinha que deixar o rosto todo maquiadinho por igual, acertar os contornos, escolher os produtos certos. Pessoalmente, adoraria trabalhar como maquiadora. Era tão glamoroso!

– Olha, eu não sei... Se eles querem ouvir uma música, por que não pegam o CD da Roberta Miranda pra ouvir, ao invés de ouvir a minha versão? Não acho certo ficar roubando as músicas dos outros assim.

– Não, Leah, não é roubar... A gente vai pagar os artistas pelo direito de usar as músicas deles.

– Ah, entendi... Mas...

Leah estava sem argumentos, mas algo ainda a incomodava. Como poderia cobrar por um trabalho que não era o seu, mesmo pagando para o criador da música? Isso não era certo. Cantar não dava trabalho, compor música é que dava. Só ela sabia o trabalho que levou para compor míseras três canções e...

Chegou a uma conclusão um tanto óbvia. Tinha medo de onde ela poderia levar, mas era a única coisa que poderia fazer para ficar de bem com sua própria consciência.

– Viu, mas e se... eu compusesse o disco todo?

– Hm? Está falando sério, Leah? – perguntou o agente, intrigado.

– Sim. Assim a gente não precisa pegar música de ninguém, nem ter que contratar outras pessoas para comporem pra mim. Eu vou fazer o trabalho duro e eu vou ganhar por ele.

– Bom, não sei... Quanto tempo você leva pra compor mais umas quatro ou cinco músicas?

– Eu não sei... Quanto tempo eu tenho?

– Hm, vejamos... – Puxou o celular do bolso e, numa sequência de gestos ágeis, acessou uma caderneta de notas. – Pelo calendário de vendas, o próximo grande período de compras é daqui a um mês e meio. Desconta uma semana para gravar, duas semanas para produzir os discos e uma semana para distribuir, e te sobra duas semanas pra compôr.

– Só isso?!

– Eu diria que é para aproveitar seu embalo, mas não é só isso. É que o mercado está bom para isso. Não há nenhum grande artista explodindo nas paradas no momento, muito menos uma garota linda com uma voz doce como a sua. É uma tentativa arriscada de conseguir fama, mas dar prejuízo é que não vai.

– Mas quase ninguém me conhece ainda! O CD não vai vender!

– Ah, com isso, você não tem que se preocupar. Essa é a minha especialidade! – declarou o agente, piscando. – Tem um segredo que os marketeiros conhecem muito bem, e que eu vou te contar agora: o público tem mente curta e só decoram as coisas

quando as veem pela terceira vez. É por isso que a maioria dos programas de TV são divididos em quatro segmentos: para forçar o espectador comprometido a assistir três intervalos de comercial. Três é um número mágico em muitas mídias. Músicas populares repetem o refrão três vezes, coisas assim.

– Sei...

– As pessoas que vieram aos seus shows viram você tocar, ouviram sua música e lembraram de você até o dia seguinte, mas não muito além disso. Muitos deles nem lembram o seu nome. Essa é a única impressão que você transmitiu, e ela não dura muito. Por isso, ninguém te conhece. A solução é fazer a sua presença se espalhar pelo éter cultural. Fazer você aparecer em programas de TV, tocar suas músicas na rádio, colocar seus clipes na internet, talvez até inventar uma fofoca e outra para os tabloides e revistas de celebridade. Cada uma dessas ações gerará impressões, e possivelmente mais de três em cada pessoa. As pessoas normais têm mente fraca, mas são muito boas em identificar padrões. Vão começar a ligar os pontos, a juntar uma notícia com um link com uma canção, e assim, depois de umas três impressões diferentes, você ficará marcada na mente deles. Quando eles forem a uma loja e virem um cartaz anunciando seu novo CD, eles vão se lembrar de quem você é.

– Então... eu vou ter que virar uma celebridade?

– Eu não usaria bem o termo "celebridade", mas você vai ficar famosa, sim. Nem que seja por pouco tempo.

– E você consegue me deixar famosa em tão pouco tempo?

– Ô, se consigo. Você não é a primeira pessoa a ficar popular do dia pra noite, nem vai ser a última.

Leah ficou pensando todos os pontos e contrapontos da ideia. Não fazia tanta questão de ser famosa. Parecia trabalhoso, e sempre tem aqueles... como é que se chamam, mesmo? Papagaios? Enfim, os fotógrafos que ficam seguindo os artistas e tentando tirar fotos deles pelados à beira da piscina. Por outro lado, seu pai era conhecido como o maior carpinteiro da cidade, e isso enchia o velho de orgulho. Não parecia ter nada de errado em ser famoso, desde que a pessoa fosse famosa pelo trabalho que ela faz, então?

Empolgado, seu agente prosseguiu em sua linha de raciocínio:

– Leah, prepara pra mim um manuscrito com as suas duas outras músicas quando chegar em casa. Vou mandar pra um compositor que eu conheço dar uma olhada e

te dar algumas sugestões. Mas o que você decidiu? Consegue compor mais cinco músicas em duas semanas?

Leah engoliu seco.

– E-eu... Sim. Eu consigo, – respondeu Leah, resoluta por fora, apavorada por dentro.

– Bem, então temos um trato. Se você não aparecer com mais cinco músicas em duas semanas, vamos ter que conversar pra incluir algum cover no disco. Combinado?

– Combinado!

O agente já se dirigia à porta quando Leah o chamou.

– Mas... Mas e aquelas pessoas que não gostaram da minha música? Aquelas que você disse que tinham um gosto meio... conservador? Que só gostavam de coisas familiares?

– Hah! – riu o agente. – É fácil, também. É só fazer a SUA música soar familiar a eles. Me dá um mês e eu te mostro.

Com isso, o agente se despediu, deixando Leah sozinha na sala, sua máscara do Fantasma da Ópera ainda no rosto.

## Capítulo XI

A quarta-feira que se seguiu àquela terça-feira fatídica seria um dia um tanto estranho para Abel, Camila e Leah. Para Helcius, nem tanto.

Dizem que o homem é um animal de rotinas. Que ele procura sempre entrar num ciclo de atividades mais ou menos constante, de modo a acalmar parte de seu cérebro reptiliano. Quanto mais caótica é a rotina de um funcionário, mais estressado ele fica. Estudos comprovam benefícios em garantir uma jornada constante de 8 horas a funcionários, quando comparada a uma jornada de 7 horas com ocasionais horas extras. É uma questão de evolução, que nos adaptou a estarmos ativos durante o dia e a descansarmos durante a noite, e a procurarmos padrões em todas as nossas atividades. Sair da rotina é sair da zona de conforto, é entrar num estado de alerta que leva horas, quiçá dias, para se dissipar.

Abel sentiria um forte baque. Não estava acostumado a barulho, não estava acostumado à balada, não estava acostumado a sertanejo e, muito menos, acostumado a beber em plena terça-feira. Quarta-feira seria um dia de café, de aspirinas, de óculos escuros e de longas pausas no toilete. Seria dia de chegar um pouco mais tarde no escritório, sair um pouco mais cedo para o almoço, demorar um pouco mais para voltar, sair um bocadinho antes do horário. A empresa não se importava com esses pequenos furtos temporais – incapaz de remunerar seus colaboradores pelo tempo extra desprendido, não tinha argumentos para justificar quaisquer punições. Por que punir um funcionário por duas horas de trabalho, se ele já perdera a conta de quantos fins-de-semana varara por um projeto?

Camila também sentiria o impacto daquela quarta-feira, mas de uma maneira totalmente diferente. Ao acordar, pulou ansiosa para seu celular, à espera de uma mensagem que a convocasse novamente para uma importante missão no emprego de seus sonhos. Nada. Abel também já tinha saído de casa, em silêncio. Tinha a manhã inteira, o dia inteiro livre para fazer o que bem entendesse, explorar a cidade, conhecer lugares novos e fazer novas experiências. Ao invés disso, virou para a beirada da cama, vomitou sobre o tapete e voltou a roncar.

Leah começara logo na manhã do dia seguinte a arrumar todas as suas anotações de suas três composições. Para alguém cuja rotina consistia, de modo geral, em "ser bonita e simpática" para fotógrafos e clientes, o ato de escrever e reescrever, anotar e comparar, fazendo malabarismos com uma montanha de papel era certamente incomum. Após o almoço, sentara em sua escrivaninha, com o violão no colo e



lapiseira em punho, para começar a compor as músicas de que precisava. Logo percebeu que as inspirações, assim como os bem-te-vis de Mirandópolis, pousavam alegremente em pessoas insuspeitas, mas se assustavam fácil e fugiam rápido quando alguém tentasse pegá-los à força.

Helcius não foi ao Santana Bull. Sequer saiu do escritório, dormindo numa poltrona ridiculamente confortável da qual dispunha em sua sala. Poderia-se dizer que ele manteve sua rotina, mas não seria a mais pura verdade. Helcius estava tão alheio ao conceito de rotina quanto um peixe estava alheio ao conceito de Oceano Atlântico. Mesmo suas escapadas eventuais do trabalho eram programadas com antecedência e encaixadas com cuidado em seu abarrotado cronograma. O estado natural de Helcius era trabalhar e ele via a diversão como uma obrigação, uma tarefa a ser realizada para manter sua produtividade.

Algumas horas depois, quando Camila acordou novamente e viu que ainda não havia nenhum recado, nenhuma forma de comunicação, nenhum sinal de vida em seu celular, começou a ficar mais apreensiva do que gostaria. Não havia como entrar em contato, pois todos os números do Setor B2 eram confidenciais e, mesmo se os tivesse, não seria uma boa ideia criar provas contra si mesma.

Mas já se passavam 24 horas e nada de uma reação.

– Tempo indeterminado, Camila, – disse ela em voz alta, para si mesma. – Eles avisaram que seria por tempo indeterminado. Por que está tão nervosa?

Levantou-se ainda com a cabeça leve, fazendo um sonoro splash quando seu pé se enfiou com vontade na poça de bile ao lado da cama.

Limpou o quarto, tomou um banho, fez bochecho com Cepacol para tirar aquele ranço de vômito amanhecido do meio de seus dentes. Desta vez, pôs uma roupa mais social – uma camiseta preta, uma calça jeans e uma sapatilha – pegou sua mochila mais batida (nunca usava bolsas, pois mochilas equilibravam melhor o peso entre os ombros, comportavam mais coisas, eram mais baratas e duravam muito mais) e decidiu que iria andar pela cidade e procurar algo para fazer. Qualquer coisa seria melhor do que ficar presa na casa de outra pessoa, sem ter o que fazer.

Começaria almoçando, conhecendo os restaurantes da região. Puxou o celular e, requisitou ao navegador uma lista de estabelecimentos na região. Escolheu o mais próximo, uma cantina italiana tradicional e, com o dinheiro trocado que lhe restava de sua última ida ao banco, saiu de casa.



## Capítulo XII

Aloísio só foi conseguir sair de seu turno pouco depois da meia-noite, e perdera o último metrô que o levaria para casa. Felizmente, um amigo taxista, dos que faziam ponto diante do prédio onde trabalhava, ofereceu-se para lhe dar uma carona até sua casa por apenas metade do preço (regras da cidade grande: o taxista mais humilde ainda é mais ganancioso que o executivo mais avarento). Aceitou, mesmo consciente do erro que estava cometendo.

É verdade que metade do preço era um desconto muito bom, mas não havia dinheiro no mundo que compensasse uma viagem de táxi com Batista.

O padeiro da esquina, um sergipano muito orgulhoso de sua origem, dizia que Batista era racista demais para seu gosto. Pura balela. Batista não era racista. Racista é o cara que acredita ser possível identificar diferenças consideráveis entre as culturas, de modo a poder afirmar que há uma raça, por falta de termo melhor, melhor que as outras. Mas Batista não era racista, não. De modo algum.

Batista odiava todas as raças, credos e filosofias políticas igualmente, sem distinções.

No curto trajeto de 20 minutos desde o prédio onde Abel morava até a casa do pobre Aloísio, Batista conseguiu ofender pretos, morenos, índios, judeus, anarquistas, capitalistas, comunistas, monarquistas, testemunhas de jeová, mães-de-santo, moradores de rua, jogadores de futebol, cartolas do futebol, juízes de futebol, a mãe dos juízes de futebol e outros que Aloísio sequer conseguiu se lembrar.

Foi uma corrida e tanto.

Diferentemente de Abel, Aloísio não tinha as facilidades de chegar mais tarde ao serviço, ou de dar uma enroladinha no almoço. Chegou às 00h45 em casa, dormiu até as 4h. Preparou uma nova marmita de arroz com linguiça e um café bem forte, passou uma camisa, beijou o retrato de sua falecida esposa e pegou o primeiro metrô rumo ao seu emprego. Quando Abel saiu de casa, emburrado e com uma enxaqueca absurda, Aloísio já estava em seu posto, sempre dotado de um belo sorriso branco Colgate, cumprimentando todos os moradores que passavam.

Alguns, como Abel, trabalhavam puramente pelo dinheiro, pelo prazer que ele podia proporcionar, pelos luxos que ele pode oferecer, e pelo poder que ele confere sobre os menos afortunados.

Alguns, como Camila, trabalhavam pelo prazer de trabalhar, pela busca de novos desafios, pela intriga, pela curiosidade. Trabalhavam para decifrar charadas, para achar respostas, para se sentirem estimulados.

Alguns, como Leah, trabalhavam porque era o que adultos faziam. Trabalhava porque lhe pediam pra trabalhar, porque havia pessoas que precisavam de seus talentos inatos e habilidades, e estavam dispostos a pagar uma boa quantia por eles.

Alguns, como Helcius, trabalhavam porque era a única coisa que sabiam fazer, porque era o que precisava ser feito, e nunca contemplavam uma vida que não fosse de trabalho.

O fator comum que liga essas quatro pessoas é a estranha relação que eles têm com o dinheiro. A princípio, o preço que se paga por um serviço, o salário que se paga a um funcionário, é uma representação do valor desse serviço, uma métrica que afirma a quão importante e necessária é essa pessoa para a sociedade que o cerca. Mas, para essas quatro pessoas, o excesso de dinheiro faz com que ele perca parte desse significado. O dinheiro torna-se uma abstração, um recurso ilimitado, algo desprovido de significado inerente.

Aloísio era diferente desses quatro. Aloísio trabalhava para sobreviver. Cada real ganho por Aloísio era um dia a mais de vida que ele comprava, um passo a mais de distância do abismo da falência. Cada centavo de seu salário tinha um significado muito íntimo, muito pessoal – cada centavo era uma gota de sangue, uma pequena fração de sua alma. E era essa crença que fazia Aloísio estar todos os dias com um terno impecável e um sorriso no rosto, faça chuva ou faça sol.

O mundo se esqueceu de Aloísio. O mundo se esqueceu de gente como ele e resolveu que um calhamaço cheio de tinta produzido por um grupo de homens é mais valioso que o serviço que um homem presta quando protege seu lar e tenta torna sua vida mais agradável.

Quando Camila chegou ao térreo, Aloísio cumprimentou-a como sempre.

– Bom dia, dona Camila! Como vai?

E para surpresa de Aloísio, e da própria Camila, ela parou e respondeu.

– Bom dia... Aloísio! – hesitou a moça, levando alguns segundos para se lembrar do nome do porteiro. – Vou bem, e o senhor?

– Ah...! Melhor impossível, dona Camila! – respondeu o porteiro com um sorriso genuíno.

– Muita movimentação por aqui?

– Ah, dona Camila, não nesse horário. Mas veja só: tem um pacote aqui pra senhora. Quer levar?

– Pra mim?! – respondeu Camila, confusa.

– Olha, eu não tenho certeza. Este aqui é o seu sobrenome?

Camila recebeu o pacote, não muito maior que uma caixa de óculos. Conferiu o nome, que batia. Mas nunca havia dado o endereço de Abel para ninguém.

– Foi o carteiro dos Correios que entregou?

– Não, dona Camila. Foi um desses entregadores de empresa grande. Não lembro de que companhia era, não, senhora.

– Hm...

Mesmo sabendo que era estupidez pensar em coisas assim, colocou o ouvido junto à caixa, na esperança de ouvir o tic-tac de uma bomba-relógio. Nenhum ruído. Balançou a caixa, e ouviu o som de algo menor, solto, batendo contra as paredes da caixa.

Olhou para a rua. Ninguém suspeito à vista. Isso não a aliviou, porque sabia que qualquer pessoa minimamente competente em seu trabalho de espionagem saberia se misturar muito bem à multidão.

Abriu a caixa. Era um pager da Motorola, um aparelhinho que cabia na palma da mão e possuía um visor verde de cristal líquido de duas linhas, um modelo que não via há pelo menos uma década. Junto dele, um pequeno bilhete que dizia:

"B2. Mantenha o pager, fique atento a ele. Destrua este papel e a caixa assim que ler a mensagem."

Seus olhos brilharam. Então ainda estava na jogada! Não entendeu a mudança de protocolo, mas não se importou. Seu dia acabara de ficar dez vezes melhor. Abraçou o porteiro com força e saiu contente do prédio.

Queria comer lasanha.

## Capítulo XIII

Como as coisas mudam em apenas uma semana, pensou Abel.

Estava sentado em uma das várias salas de reuniões da empresa, numa mesa oval e alongada que ocupava boa parte do espaço físico do recinto. Tinha o mesmo tom de madeira clara que todos os outros móveis do escritório, assim como as paredes, de plástico, compartilhavam da mesma nuance de azul que o resto do lugar. Estavam ele e Heinz, sentados um de frente para o outro, Abel bem ao lado da porta. Seu laptop estava conectado à tomada no meio da mesa, e também a um cabo de vídeo. Nele, estava ligado um projetor, sua lâmpada de projeção aquecida para poupar tempo, mas sem exibir nada.

Enquanto esperava a chegada de seu cliente, os dois passavam o tempo relendo a apresentação, fazendo ajustes de última hora e navegando em sites.

Era uma quarta-feira, uma semana após o show de Leah no Santana Bull, e Abel nem notara o tempo passar. A revelação de que seu jovem amor adolescente agora morava em sua cidade havia afetado-o profundamente. Não saía de casa sem olhar duas vezes pela calçada. Evitava multidões. Ficava em sobressalto cada vez que o telefone tocava, cada vez que seu celular vibrava no bolso traseiro de sua calça, a cada novo e-mail e a cada nova mensagem de comunicação instantânea. Fazia compras de óculos escuros e capote. Dormia mal.

Mas é claro que nunca a encontrou, muito menos no curto período de sete dias. São Paulo é uma cidade gigantesca de quase 12 milhões de habitantes; qual seria a chance de trombar justamente com a única pessoa indesejada de sua vida?

Por outro lado, agora que Camila estava à toa em casa, podia aproveitar mais sua companhia. Deixou claro que não queria mais ir a balada alguma e que sua experiência naquela noite já fora mais que o suficiente por uma vida inteira e algumas reencarnações. Todavia, qualquer outro tipo de evento estava liberado: cinemas, restaurantes, parques, museus – toda a gama de atividades que a metrópole oferecia.

E como aproveitaram esses dias de folga! Não houve um dia sequer que Abel chegasse em casa sem que Camila tivesse preparado um roteiro turístico inteiro para a noite. Foram a um restaurante de culinária mongol e provaram da mesma comida que Genghis Khan provava em sua época de conquistador. Visitaram boa parte das peças em cartaz, incluindo um musical, que Abel não detestou tanto quanto

imaginaria. Foram a vários cinemas, que Abel apreciou pelo ar-condicionado e odiou pelo volume dos alto-falantes. Tomaram sol no parque. Nadaram na piscina do clube do qual Abel era sócio há anos mas raramente visitava. Até mesmo visitaram os pais de Camila, que não via desde sua formatura.

Clicou em uma das abas abertas em seu navegador, selecionou o link e enviou para Heinz pelo mensageiro da empresa.

– Toma, vê o que você acha desse.

Um clique e alguns segundos depois, Heinz respondeu:

– Sei lá, parece grosso demais. Você gosta grosso, assim?

– Não sei. Fica feio?

– Acho meio exagerado.

Abel navegou pelo site mais um pouco, selecionou outro endereço e enviou.

– E esse? Esse parece bom.

– Sei lá. Essa parada aí é muito chamativa.

– Chamativa?

– É, sei lá. Parece coisa de mulher, não de homem. O par é igual?

– É, é igual. Então, sem isso?

– Sem isso.

Mais algumas abas fechadas. Abel passou mais um endereço.

– Olha, sei lá. Acho que vai ser esse aí.

– Hm, esse aí eu acho que tá bom. Tá no tamanho certo e não parece muito afrescalhado. Tá barato?

– Sei lá, nunca comprei essas coisas antes.

– Bom, tem que perguntar pra alguma mulher, então. Elas é que gostam de ver essas coisas, não eu.

– Mais tarde, eu dou uma passada na loja e vejo o que eles me oferecem.

Copiou o link e mandou para seu aplicativo de recados, no celular: "aliança cód HKB003". Localizou o lembrete perto da galeria que ficava a caminho de casa.

Enquanto mexia nas configurações, seu celular apitou, alertando-lhe de que estava na hora combinada para a reunião e seu cliente poderia chegar a qualquer momento.

Fartos mullets escancararam a porta. Entrou na sala como se fosse o dono do lugar, trazendo consigo uma mala de viagem com rodinhas. A bagagem ainda estava enrolada nos plásticos de segurança oferecidos nos aeroportos a um preço abusivo, e que apenas pessoas facilmente enganáveis compravam. Por instinto, acionando rapidamente uma combinação de teclas, Abel ativou a janela de seu computador que continha a apresentação. Era um instinto muito útil e largamente adotado por qualquer pessoa que já trabalhou num ambiente corporativo. Abel não queria que Marcelo visse as alianças e começasse a lhe azucrinar.

– E aí, rapaziada! Tudo nos trinquês, por aqui?

– Oi, Marcelo. – respondeu Heinz, secamente.

– Tudo bem, Marcelo? Voltando de viagem de onde? – cumprimentou Abel, tentando manter Marcelo na sala, sabendo que sua presença irritava Heinz.

– Cara, eu voltei de Curitiba e você não vai acreditar no frio que aquela cidade tá fazendo, véi! Surreal!

– Frio? Mas estamos no verão, deve dar uns 20 graus de temperatura, não?

– Que nada, cara! Devia estar uns -1000, isso sim! Tive que pedir cobertor extra pra moça da recepção lá no hotel porque estava impraticável!

Abel deu uma risadinha. Embora fosse dado a mentir aqui e acolá, sofria um quê de irritação toda vez que ouvia alguém desferir hipérboles à toa.

– Mas e aí, cara? Foi lá no Santana Bull ver a mina, lá?

O rosto de Abel se retesou.

– Fui, Marcelo.

– Era mesmo a tal amiga de infância lá que você falou?

– Pelo jeito, era.

– E aí, bateu um papo com a mina? Jogou um charme nela?

– Não, não... Ela foi se apresentar, não tinha como entrar no backstage. De qualquer forma, eu nem estou tão interessado nela.



– Ah, fala sério! Era só passar um papo com o segurança, pagar uma cerveja pra ele que tu entra no camarim de qualquer lugar, cara. É sério, eu vivo fazendo isso.

– Marcelo. Eu sou casado.

– Porra, velho, não falei pra você fazer família com a mina, cê tá loco? Falei pra ir conversar, bater um papo, sei lá. Fazer amizade. Apresentar ela pra mim, e tal!

– Como é?!

Abel, que antes conversava sem prestar muita atenção, lendo displicentemente uma notícia no monitor do laptop, girou sua cadeira num só movimento e agora fitava os olhos de Marcelo com a intensidade de um laser.

– É, cara! Vocês não eram amigos? Vai lá, reata a amizade e me apresenta. A mina é uma tetéia, pô!

– Marcelo, qual é o seu problema?

– Ah, cara, não me venha dar uma de caxias, vá! Cê viu o show, então cê viu a mulher ao vivo. Tá na flor da idade, novinha, tudo em cima e tem aquela cara de colegial safada. E do jeito que ela canta, aposto que ia gemer que é uma beleza lá em casa...

Marcelo não esperava por aquilo. Marcelo nunca esperaria por aquilo em circunstância alguma, mas especialmente não esperava em seu ambiente de trabalho, e muito menos vindo de um colega. Quando Marcelo mencionou os gemidos, Abel levantou-se de sua cadeira e atingiu Marcelo com um soco bem no queixo. Cambaleante, Marcelo recuou, tentando se apoiar na divisória, que cedeu ao seu peso e desabou sobre dois funcionários de uma outra sala de projetos. Heinz, que nunca vira Abel levantar a mão contra ninguém, ficou em estado de alerta, tentando descobrir o que ele faria a seguir.

Abel não fez nada. Não pediu desculpas, não continuou a lutar, não o ajudou a se levantar. Apertou a tecla do telefone de conferências sobre a mesa.

– Recepção falando.

– Alô, aqui é o Abel. A sala de reuniões B está disponível?

– Sim, até as 10h.

– OK, transfere a reunião da sala A pra lá e chama o encarregado aqui, que uma das paredes caiu.

– Entendido. O cliente já está no elevador. Vou pedir que aguarde na recepção até que a mudança de sala seja feita. Não demorem.

– Pode deixar.

Soltou a tecla, fechou seu laptop, desconectou seus cabos e deixou a sala. Heinz ajudava Marcelo a se levantar, enquanto os outros dois analistas esmagados fugiam engatinhando de suas enrascadas.

Instalou-se na nova sala, que não era tão boa quanto a anterior. De manhã, o sol batia na parede onde a projeção era aplicada e, mesmo com persianas, a leitura ficava um pouco prejudicada. Era uma sala um pouco menor, mas quase não se podia notar. Entre os colaboradores mais velhos de casa, era a sala “pinga-pinga”, alcunha dada por seu infame sistema de ar-condicionado.

Abel não entendeu seu súbito impulso violento. Nunca fora dado à violência, sequer entrara numa briga na vida. Podia listar uma enorme quantidade de ditados populares que seu pai sempre repetia e que condenavam a agressividade: "quem brinca com fogo acaba se queimando", "quem com ferro fere, com ferro será ferido", "aqui se faz, aqui se paga", "faça com os outros somente o que gostaria que fizesse com você" e tantos outros. E mesmo assim, sentia que o golpe foi bem-dado merecido.

Estaria ele sentindo ciúmes da Leah?

O que isso significava, afinal?

Abriu o computador. As abas do navegador ainda estavam abertas, como um fantasma pairando no cemitério. Fechou as opções. Decidiu que, se queria se casar mesmo com Camila, primeiro teria que resolver seus problemas do passado. Teria que por um ponto final em sua história com Leah, para bem e para mal, mesmo que isso significasse ter que confrontá-la mais uma vez, pessoalmente, no cara-a-cara.

Heinz entrou na sala, largou o computador sobre a mesa e, dedo em riste, veio discutir com Abel.

– Mas que diabos foi aquilo?! O que foi que te deu, cara?!

– Eu não sei. Não importa mais, também.

– Cara, o Marcelo é chato, mas não merece apanhar! Você sabe muito bem que o melhor é ignorar o rapaz.

– Eu sei disso, eu sei, mas...

– Isso ainda vai te dar justa causa, cara. Se eu fosse você, tomava cuidado.

– Valeu, Heinz. Agora senta aí e se prepara que parece que os clientes já estão subindo.

Organizaram-se novamente na mesma disposição em que estavam. Era uma disposição importante.

A primeira coisa que um jovem executivo recém-chegado ao mercado aprende em uma empresa, além de mentir, são certas nuances do ambiente que escapam a um olhar mais leigo. Entre essas nuances, havia a que Abel gostava de chamar de "xadrez de reuniões". O xadrez de reuniões consiste num sistema de mensagens subliminar que envolve as posições dos executivos e dos clientes ao longo da mesa e que muitas vezes passa despercebido por clientes distraídos ou executivos novatos.

Abel e Heinz iriam apresentar resultados conservadores, alinhados com a visão de mundo de seus clientes. Dessa forma, queriam transmitir subliminarmente a mensagem de que estavam do lado deles. Por isso, cada um sentou-se de um lado da mesa, nas cadeiras centrais – independente de onde os clientes se sentassem, eventualmente seria do lado de um deles. Se os resultados fossem de encontro ao senso comum, se contrariassem o conhecimento de negócios que eles têm por garantido, ambos se sentariam do mesmo lado, deixando implícito de que seus ideais estavam em lados opostos de uma guerra, e que sairia vencedor o lado com os melhores argumentos.

Os clientes, por sua vez, estão livres para escolher os assentos que bem desejassem. Poucos deles estavam cientes do xadrez de reuniões, então sentavam-se inconscientemente no lugar mais interessante ou no primeiro disponível. Mas os métodos de escolha, que muitos têm como particular de cada pessoa, na verdade seguem sempre os mesmos padrões que sinergizam com o conceito do xadrez. Nota-se que pessoas insatisfeitas tentam se afastar o máximo possível da fonte de sua insatisfação – no xadrez de reunião, isso significa que um cliente contrariado tentará se sentar na ponta da mesa, ou diretamente oposto aos executivos sempre que possível.

Não era à toa, afinal, que as mesas eram ovais. Era tudo parte do treinamento psicológico inerente de um executivo.

Alguém batia à porta. Uma jovem secretária abriu e anunciou:

– Abel, Heinz, o sr. Helcius já os espera na recepção. Podem vir buscá-lo?

Os dois travaram seus computadores, levantaram de suas mesas e andaram para cumprimentar o cliente do dia.

## Capítulo XIV

Duas horas depois, Helcius cumprimentou com um aperto de mão firme um jovem executivo, cujo nome já esquecera. O jovem lhe ofereceu uma mão lânguida e trêmula, e Helcius quase esmagou seus dedos no processo, sem querer.

O aperto de mão, segundo um dos vários manuais de liderança que lera, deveria ser forte o suficiente para assegurar sua confiança, mas não forte demais de modo a parecer inseguro. Deveria ser acompanhado de um sorriso sincero (tola é a pessoa que acha que sorrisos sinceros não possam ser forçados) e de um olhar fixo nos olhos da pessoa cumprimentada; não para estreitar os laços de amizade, mas sim para intimidar.

É um reflexo comum de toda pessoa: caso alguém olhe nos seus olhos, desvie o olhar.

Aprende-se isso desde pequeno. Ao andar pela rua, as mães aconselham seus filhos a “não ficar encarando.” No primário, quando um professor faz uma pergunta para a classe, todos os alunos automaticamente passam a tomar nota das minúcias de suas mesas e cadernos. Já na puberdade, quando o moleque ainda cheio de espinhas na cara se apaixona pela garota mais linda da sala, ele logo aprende a disfarçar sua admiração por ela. Com o tempo, esse instinto passa a reger todas as suas interações sociais, principalmente em se tratando de questões comerciais. As pessoas olham para os caixas registradores, para as máquinas de cartão de crédito, para a loja, para o teto, para os produtos, mas nunca para o próprio vendedor.

Ciente disso, aquele que é capaz de perceber essa regra e quebrá-la a seu favor ganha uma vantagem social. Se as pessoas aprendem desde pequenas a ter medo de olhar nos olhos de outras pessoas, então é possível usar isso para deixá-las desconfortáveis e convencê-las a fazer o que se quer.

Também cumprimentou com um aperto de mão o oriental de baixa estatura e voz barítono, seu principal contato até então, mas cujo nome também não lembrava.

Era uma das sequelas de seu acidente: tinha alguma dificuldade em associar nomes a rosto. Não era bem uma amnésia, mas sim uma espécie de "preguiça mnemônica", como seu psicólogo chamou. Helcius era capaz de se lembrar do que quisesse, dado esforço e motivo para tal. Seu psicólogo acreditava até mesmo que sua seqüela poderia ser meramente psicológica, sem qualquer origem física. Disse a ele que, apesar dos danos ao crânio, seu cérebro não parecia ter sido afetado pelos choques e

pelas escoriações. Portanto, só poderia ser algo totalmente psicológico. Notou como Helcius havia desenvolvido uma espécie de misandria e de vício por trabalho, e de como os três fatores poderiam estar ligados. Tinha um certo receio que seu cliente estivesse passando aos poucos a ignorar os outros seres humanos e a enxergar neles apenas sua utilidade para seus negócios.

Mas é claro, esse era o primeiro psicólogo. O segundo psicólogo era um profissional muito melhor, que lhe recomendava os remédios mais adequados para ficar acordado durante longas madrugadas, ou para dormir feito uma pedra. Não se lembrava do nome dele, mas sabia que começava com a letra R e tinha sete letras. Ricardo? Ronaldo? Rodolfo? Roberto?

Fechou a capa de seu tablet e deixou a sala, folheando um calhamaço encadernado que carregava em mãos. Cruzou com um executivo irritado, que esperava à porta com o cenho franzido. Também não se lembrava do nome dele, ou se o conhecia. Meneou com a cabeça cordialmente, sem se deter.

Por não se lembrar muito bem das pessoas, raramente conseguia lembrar quem deveria conhecer e quem não. Por isso, tentava descobrir pelo jeito que elas reagiam à sua presença. Se, no instante em que um indivíduo o visse, ele reagisse como se já conhecesse Helcius, então Helcius automaticamente assumia a postura de que conhecia o indivíduo e prosseguia a conversa como se o conhecesse.

O executivo entrou imediatamente após a saída de Helcius, fechando a porta atrás de si. Helcius ignorou a discussão que se deu início e atravessou a recepção, despedindo-se da secretária e chamando o elevador. No caminho para o térreo, folheou o relatório que recebera. De fato, parecia um plano bom. A última estratégia sugerida também parecia boa, a menos de alguns ajustes aqui e acolá que foram necessários. Afinal, passara apenas os dados estritamente necessários para que eles fizessem a análise, e omitiu uma série de resultados um pouco mais críticos. Não era uma questão de poder ou não confiar nessa consultoria específica, mas apenas boas práticas de negócio. Assim como, no mahjong, o jogador é obrigado a revelar parte de seu jogo a cada turno, esconder e blefar o máximo possível é essencial para a vitória.

Também não revelou que usaria a mesma metodologia para outros negócios que seguiriam caminhos parecidos. Era necessário o trabalho de gênios para criar um método original, mas o trabalho de pessoas comuns eram mais que suficiente para replicá-los.

Não estava ciente de que os executivos omitiram o fato de que muitos dos números lá não correspondiam exatamente aos resultados da metodologia, e que um certo jogo de cintura foi necessário para se alcançar resultados razoáveis e favoráveis.

Jogo de cintura é a marca maior do trabalho de um gênio.

Ao chegar no térreo, abriu em seu tablet o aplicativo de cronograma. Teria um almoço de negócios em meia hora no outro lado da cidade, com dois diretores de uma de suas subsidiárias. Saiu do prédio e entrou no táxi que alugara para o dia, acomodando-se no banco traseiro.

– Agora nós vamos para a... Rua J. Antunes, 540. Quanto tempo até lá?

– Ô, patrão, – respondeu a taxista, – em dia bom dá uns 15 minutos, mas depende do trânsito, né? Sabe como é...

– Está bem. Vamos.

Ligou o tablet, e anotou em seu cronograma organizador um recado, para as 21h do mesmo dia:

"Calcular custos de contratação e manutenção de analista consultor versus substituição do trabalho terceirizado."

Viu suas outras notas. Havia um recado na hora do almoço que dizia "Ligar para Giorno ASAP".

ASAP significava "as soon as possible" em inglês, ou "o quanto antes" em português, mas não tinha o mesmo sentido neste contexto. Helcius marcava ASAP em recados quando havia combinado de entrar em contato com seu correspondente anônimo pelo sistema de conversas do jogo de mahjong. Escolhera a sigla devido à sua ironia: que sentido havia em marcar uma tarefa com tempo marcado e ainda assim escrever ASAP?

Primeiro, a parte importante: ligar para Giorno. Queria saber como estava andando o processo de transição de posse do laboratório. Puxou seu celular, teclou o número marcado em seu recado e esperou que a secretária atendesse. Uma voz solícita atendeu o telefone e repassou ao ramal apropriado ao saber quem estava na linha.

– Alô, Giorno?

– Helcius, bem na hora.

– Sim? Bem na hora de quê?

- Acabei de mandar enviar o último dos pagers, via transportadora privada, conforme o senhor orientou.
- Muito bom, muito bom. Meu técnico já terminou a verificação dos equipamentos?
- Sim, parece que sim. Segundo o que ele disse, será necessário trocar uma das centrífugas, mas é só.
- Muito bem. Falarei com ele logo depois disso. Alguma baixa na equipe?
- Não que eu esteja ciente, mas também não entrei em contato direto com nenhum dos funcionários.
- Certo. E a polícia, suspeita de algo?
- Não, senhor. Para eles, vai funcionar tudo como era antes da "reforma" que estamos fazendo.
- Ótimo. A chave de acesso ao sistema de pagers que você me enviou por e-mail já está ativada?
- Ainda não. Eu estava apenas esperando que a confirmação de entrega do último pager chegasse. Posso ativar em 5 minutos.
- Faça isso. Mais alguma coisa que eu deveria saber?
- Acredito que não. Já recebi confirmação da transferência bancária.
- Ótimo. E nada de mencionar esse assunto com os funcionários. Quero falar com eles pessoalmente assim que possível.
- Como quiser.
- Até mais.
- Até.

Desligou a conversa. Não é todo dia que se fica sabendo da existência de um laboratório subterrâneo secreto no coração de São Paulo, muito menos um responsável por fazer boa parte do trabalho da investigação policial do município. Descobriu através de um contato na polícia, que não tinha verdadeiramente a intenção de revelar o fato, mas sua mão coçou no momento em que soube. Era um negócio tecnológico de ponta, o que lhe dava uma cobertura para importar aparelhos tecnológicos caríssimos, escapar da malha fiscal e poder revender em segredo com uma alta margem. O segredo do negócio permitia ao laboratório fazer qualquer tipo



de serviço escuso, não só para a polícia. E quanto mais secreto o negócio, mais dinheiro ele rende. Por fim, poderia mobilizar o tempo livre de seu pessoal rumo a alguma pesquisa e, quem sabe, obter inovações e principalmente patentes. Patentes são a poupança do mundo empresarial moderno. Toda empresa grande que se preze possui uma série de patentes que garantem um fluxo de caixa constante mesmo nos piores dias.

Uma pergunta interesseira aqui, uma cantada na secretária ali, e conseguiu o telefone de Giorno. Fez a ele uma oferta irrecusável: 10% do preço de compra do negócio, mais cargo de presidente da subsidiária quando adquirida. Mesmo relutante, Giorno acabou por aceitar.

Sua primeira ação como novo dono da empresa fora distribuir pagers para todos os funcionários, operáveis por uma central que podia controlar remotamente. Pagers eram uma tecnologia do passado, é verdade – e exatamente por isso eram a escolha ideal. Diferentemente de celulares, pagers não deixam rastros. São baratos, resistentes e descartáveis. Mensagens de pager eram minúsculas e, portanto, bastava um sinal bem fraco para que fossem recebidas. O grande empecilho era possuir uma empresa de telefonia disposta a enviar as mensagens, mas isso foi fácil de se arranjar.

Por fim, são inconspícuos. Nenhum policial ou investigador particular pensaria em olhar o pager para encontrar o laboratório.

Helcius guardou o celular no bolso e voltou a mexer no tablet, abrindo a versão mobile do jogo de mahjong. Entrou na sala costumeira, onde Gafanhoto já o esperava.

Gafanhoto> onde?

CaptStock86> trânsito. indo p/ reunião.

Gafanhoto> temos problemas

CaptStock86> de que tipo?

Gafanhoto> alvo fora de mira

CaptStock86> contornável?

Gafanhoto> difícil. vou te mantendo informado

CaptStock86> dois dias, mesmo horário

Gafanhoto> k

Fechou o jogo de mahjong. A nova situação poderia potencialmente estragar todo o seu plano. Mas sua única opção agora era acreditar nos talentos de Gafanhoto e esperar novos resultados.

Aproveitou o tablet ligado para observar o rendimento de sua carteira de ações. Oscilações na bolsa de Nova York e de São Paulo fizeram seu rendimento cair em aproximadamente 1% no dia. Não ficou feliz com o resultado.

Para bem da verdade, Helcius sequer sabia o quanto 1% representava para ele. Sua diversão era apenas ver o percentual crescer.

Olhou sua caixa de e-mails, que começava a ficar perigosamente entupida. Teria bastante o que fazer à noite.

Por fim, olhou um aplicativo desenvolvido por um de seus funcionários no fundo de investimento. Chamava-se "Dinheiro do Foda-se". Era uma ideia que havia lido em um antigo livro – um dos raros livros de ficção que já lera – e da qual tinha se apropriado. O "Dinheiro do Foda-se" era uma quantia que pudesse sustentar um homem pelo resto de sua vida. Você informava o valor de suas posses, uma estimativa média de seu custo de vida e sua idade, e o aplicativo calculava o "Dinheiro de Foda-se" do usuário e quanto tempo ele levaria para reunir aquele dinheiro.

Já havia alcançado o Dinheiro do Foda-se sete vezes. Sempre que alcançava, incrementava a quantia com o valor de outra vida inteira. Contar seu dinheiro em vidas era um conceito interessante. Com a compra do laboratório, sabia que seu montante havia diminuído em quase três vidas inteiras, mas que poderia lhe render várias vidas mais a longo prazo.

O táxi reduziu, fez uma balisa e estacionou. Helcius deixou uma nota de 50 reais com o taxista para que ele almoçasse na região em até meia hora, saiu do carro, ajeitou seu terno, penteou seu cabelo.

Hora de trabalhar.

## Capítulo XV

Um dos problemas de um profissional demasiado dedicado ao seu metier é que ele perde um pouco de tato em relação às pessoas ao seu redor, ao mundo em que vive. Em uma sociedade que valoriza tanto a cultura, seja ela da mais alta estirpe ou a mais efêmera das demonstrações populares, o profissional que se entranha demais em seu ramo fica ilhado, isolado, alienado. Ele cerca-se de seus pares, outros mestres de sua arte ou ciência, tão empenhados e alheios quanto ele, agravando ainda mais a sua situação. E então, quando seu trabalho gera frutos, quando os resultados de sua pesquisa estão prontos para serem recebidos de braços abertos pelo mundo inteiro, ele percebe que talvez tenha tudo sido em vão. Que a sociedade não precisa dele, de seus serviços, de seus resultados. Tudo porque o problema já não existe mais, porque ele se transformou em outra questão, ou porque uma solução mais simples e prática fora encontrada antes.

É o dilema do cientista: aprofundar-se no universo de seu estudo o afasta da sociedade que tinha como intuito ajudar com sua ciência.

Camila não chegava a ser alienada, mas esteve isolada de qualquer contato com quase toda a cultura pop nos últimos anos. Seus estudos e seu trabalho tiraram-lhe seus momentos de lazer. O mundo como o conhecia havia congelado há cinco anos. Por esse motivo, a última semana de Camila, sua semana de férias, onde ela se esbaldara em jogos, filmes e músicas, fora um período de revelação. Um período de claridade.

Quem diria, afinal, que já tinham tantos filmes de Velozes e Furiosos, e que uma nova sequência já estava anunciada?

Quem diria que a Britney Spears havia voltado a fazer shows?

Quem diria que aquele livro de Harry Potter que lera quando pequena já tinha virado sete volumes e um

milhão de filmes?

Se fosse só isso, já seria inconcebível. Era como se vidas inteiras tivessem se passado durante o tempo em que passou trabalhando, ou buscando o emprego de seus sonhos.

Até mesmo quando o assunto era rock, que era o único assunto pelo qual ainda se interessava em seu tempo livre. Passara tanto tempo ouvindo e reouvindo as bandas clássicas que ouvia quando adolescente que nem se dera conta de quantas bandas

boas estavam surgindo, de quantos talentos estavam pipocando. Descobriu até que não precisava mais demorar horas baixando músicas ilegalmente e copiando para seu velho e surrado iPod – havia serviços dentro da lei que faziam isso de uma maneira muito mais eficiente!

Foi em um momento assim, jogada no sofá da casa de Abel, ouvindo uma grudenta música de um grupo sueco sobre os sons que as raposas fazem, que seu pager tocou. Seu visor verde monocromático piscou duas vezes e parou. Camila pausou o vídeo e ativou o aparelho. Uma mensagem se formou na tela:

"SETOR B2 HOJE 19H. APAREÇA PARA CONTINUAR."

Finalmente, uma resposta! Finalmente voltaria a trabalhar! Não que não fosse divertido passar o dia à toa, vasculhando o imenso arquivo de entretenimento que era a Internet, mas sentia falta de fazer aquilo que treinara anos para fazer. Ainda desconfiava um pouco desse sistema, e se perguntava se pagers ainda eram mesmo usados hoje em dia. Não eram uma tecnologia em desuso? Não havia um aplicativo de smartphone que fazia o mesmo que ele?

Mas deixou as preocupações de lado e, vendo que já eram passadas das 17:30, começou a se arrumar. Vestiu um dos conjuntos que costumava usar para trabalhar. Não tinha muitas opções de roupas adequadas ao ambiente laboratorial (sapatos fechados que a protegesse de substâncias, roupas justas que não enganchassem em equipamentos e móveis), e não era por falta de lavar – a semana ociosa se encarregou de resolver esse empecilho. Não tinha opções porque quase todo seu guarda-roupa ainda estava em sua casa. Aproveitara um de seus dias de esbórnica para voltar ao seu velho apê e pegar mais blusas, mas todas as suas roupas ainda ocupavam apenas uma gaveta no armário do namorado.

Cobriu um cardigã grosso de lã com um de seus jalecos brancos, que ostentava seu nome bordado sobre o bolso. Conferiu a bateria do iPod, atulhado de novidades. Colocou as chaves na bolsa, a amebinha cancerosa implorando para ser substituída por um chaveiro menos estragado. Checou carteira, documentos, maquiagem. Hesitou quanto ao pager. Deveria sair com ele em público? Colocou na bolsa por via das dúvidas.

Com crachá em mãos, Camila entrou sem ser interrompida no prédio. Passou a tarja magnética de seu cartão no slot apropriado do elevador, que a levou para o subsolo, um andar que não constava nas opções do painel. No Setor B2, encontrara logo de

cara vários de seus colegas de trabalho sentados na sala principal, jogando conversa fora. Juntou-se a um dos grupos.

– Oi, pessoal. Também receberam um? – perguntou Camila, levantando seu pager para que todos olhassem.

– Sim, todos recebemos. O seu também diz 19 horas, confere?

– É, o meu também. Já sabem o que vai acontecer?

– Não exatamente. Aquele cara de preto ali pediu para esperarmos por aqui, por enquanto.

Olhou para o "cara de preto" que seu colega havia mencionado. Um homenzarrão de dois metros de altura, cabelo raspado e óculos escuros, estava parado diante da entrada principal para os laboratórios, de braços cruzados.

– Que estranho. Não lembro de ter visto ele antes por aí. Será que houve algum incidente e decidiram reforçar a segurança?

– Boa pergunta. Talvez os pagers tenham a ver com isso. Também não vi o Giorno por aí, hoje.

– Huh, que bizarro. Eu tinha para mim que ele dormia lá no mini-necrotério.

– Olha que eu não duvidaria se ele fizesse isso! – respondeu seu colega, rindo da piada. – Mas é, ninguém viu ele por aqui. Será que ele foi despedido?

– Ih, será? Será que deu algum problema com aquele último resultado?

– Não sei. Não dá pra saber a que caso pertenciam as amostras, né.

– Hm...

Enquanto Camila e seu grupo especulavam sobre o estado de suas carreiras e o paradeiro de seu superior, o sino do elevador soou novamente, e de dentro dele saíram duas pessoas.

Na dianteira, estava Giorno. Com seu icônico colete, sua sempre-presente boina e seu farto bigode branco a là Bismarck, o senhor de meia-idade levemente curvado atravessou o salão sob o olhar curioso de duas dezenas de técnicos.

Ao lado dele, e um pouco atrás, estava Helcius. Helcius era moreno, alto, cortava o cabelo bem rente e não tinha um fio sequer de barba no rosto. Mais do que isso, era magérrimo e, com alguma maquiagem, podia se passar por um faquir, ou um

esqueleto. Não fossem os ternos italianos cuidadosamente cortados para seu físico, certamente teria problemas para escolher roupas para usar. Com um passo regular e atenciosamente cadenciado, acompanhou o senhor italiano até a dianteira da sala.

Viraram-se para o pequeno público e Giorno chamou a atenção de todos, pedindo um fim ao burburinho.

– Boa noite, colegas. Obrigado a todos que vieram. Chamei-os aqui hoje para explicar algumas mudanças que ocorrerão no laboratório nos dias a seguir.

Giorno fez uma pausa, olhando de soslaio para Helcius. Pigarreou e prosseguiu:

– Como alguns de vocês talvez saibam, o Setor B2 foi vendido para um conglomerado que prefere se manter anônimo. Isso significa que não mais estarão trabalhando para o Laboratório Clínico que está acima de nós. Essa mudança não afetará seus salários ou seus horários de trabalho, a princípio. Eu continuarei trabalhando como gerente de análises, mas sob a batuta deste excelentíssimo senhor que nos ofereceu... uma oferta que não podíamos recusar.

Giorno disse o último trecho com o sotaque e o ritmo que Marlon Brando empregara em seu filme. Muitos riram da piada. Alguns riram porque Giorno era italiano, e por isso a piada tinha graça. Camila não riu, embora tivesse entendido a referência.

– Por fim, medidas de segurança. Os pagers serão o meio de comunicação que usaremos para convocar vocês quando precisarmos de seus serviços. Eles são independentes, ou seja, podemos chamar apenas alguns de vocês, dependendo da situação. Andem com o pager o tempo todo. Durmam com eles. Sonhem com eles. Quanto aos crachás, eles serão trocados por novos modelos. Os antigos serão invalidados. Isso significa que, quem quer que não tenha respondido ao pager, não terá mais acesso à sala e terá seus contratos de emprego revogados. Caso vocês conheçam alguém que não quis, não pode ou se recusou a obedecer às instruções, por favor informem-me que tomarei as medidas necessárias. Farei com que pareça um acidente.

Novamente, todos riram, exceto Camila.

– E é isso. Gostaria de dizer algo, Helcius?

Helcius se adiantou. Puxou seu celular, fez alguns toques, e leu um discurso pré-montado e um tanto distante, convocando seus funcionários a sempre acreditarem no amanhã e sempre trabalharem em busca de resultados melhores, mais rápidos e

mais eficientes. Foi um discurso chato, mas breve. Giorno logo assumiu a palavra novamente.

– Bem, é como ele disse: bola pra frente. – Todos riram. Giorno era uma daquelas pessoas carismáticas que tinham o público na palma de suas mãos, e conseguia fazê-los rir com qualquer frase. – Por hoje, vocês estão dispensados. Peguem seus crachás com nosso colega grandalhão ali na porta e aguardem novas instruções. Isso é tudo.

Enquanto os funcionários lentamente se dirigiam ao gorila intimidador diante do portão, Helcius e Giorno caminhavam rumo ao elevador. Foi quando uma Camila sobressaltada segurou o braço de Helcius e exclamou:

– Heto?!

Helcius olhou para a garota desconhecida que o prendia. Livrou-se do agarrão com um hábil movimento de ombro e limpou seu terno onde ela o havia tocado. Giorno a olhou desconfiado, surpreso com uma atitude impulsiva dessas por parte de uma de suas melhores funcionárias.

– Desculpe, senhorita, mas meu nome é Helcius –disse o executivo moreno, claramente contrariado. – Agradeço profundamente se evitar me agredir novamente.

Deu-lhe as costas e continuou a andar para o elevador. Camila não engoliu aquilo. Reconheceria Heto em qualquer lugar. Mas que cargas d'água ele estaria fazendo naquele lugar?

## Capítulo XVI

Era isso. Era a gota d'água. Ou resolvia aquele assunto agora, ou sua vida iria de mal a pior.

Chegou em casa, largou suas coisas sobre um móvel e foi direto para a cozinha. Lá, pegou uma garrafa de conhaque, aberta há sabe-se lá quanto tempo, e deu dois longos goles, limpando o canto da boca com a manga da camisa social. Com a mão esquerda, afrouxou a gravata, e enxugou o suor que lhe caía da testa.

Aquela situação estava mexendo com seus nervos.

Logo depois de se despedir de Helcius, Marcelo entrou na sala. Seu gerente veio logo atrás, esbravejando aos quatro ventos. Ao ser informado do episódio, foi correndo para o local do ocorrido para dar um jeito na situação. Vira três de seus subordinados sentados no chão, se recuperando do desabamento da parede, um deles sentindo fortes dores no peito por ter sido esmagado contra a mesa. Marcelo contou-lhe que levara um soco de Abel, mas não teve tempo de explicar o resto da situação. Saiu pisoteando do lugar, direto para a outra sala de reuniões. Ao perceber que estavam com um cliente, esperou à porta, aguardando impacientemente pela oportunidade de interceptá-lo.

Não teve tempo de se defender, nem sequer de se explicar. E de qualquer forma, como explicaria aquele ataque? Justificaria o golpe, dizendo que ele havia manchado o nome de uma artista qualquer, uma ex-namorada com quem não tinha contato há anos?

Que espécie de pessoa tem ciúmes de alguém que não vê há tanto tempo assim?

Após uma série de acusações, Abel fora despedido no ato. O gerente se recusava a tolerar qualquer tipo de agressão em sua equipe, principalmente um que mandaria pessoas para o hospital, atrasaria projetos e poderia prejudicar a imagem da empresa. Alguém dado a surtos assim pode fazer o impensável na frente de um cliente. Estava irritado como nunca vira antes e, odiava admitir, com razão. Não achara que merecera a demissão, mas entendera a atitude. Era uma maneira de cobrir suas bases, de evitar que qualquer tipo de responsabilidade por aquela briga recaísse sobre a empresa.

Num conflito entre funcionário e empresa, a empresa sempre levará a melhor. A empresa detém mais recursos, mais alavancas de negociação, mais poder. Um funcionário é apenas uma pequena parcela da empresa, um pequeno órgão do



sistema biológico da companhia. Quanto maior a companhia, menor é a parcela que esse empregado representa, e menor é o poder dele nas decisões gerais da instituição. Da mesma maneira, um funcionário problemático é como um câncer, um órgão que para de funcionar e começa a prejudicar o resto do sistema.

Abel foi extirpado.

E tudo por quê? Porque ela voltou.

No fundo, sabia que a culpa não era dela. Como adulto, sabia que a responsabilidade por seus atos recairia apenas sobre seus ombros. Mas não podia deixar de pensar que, se ELA não tivesse reaparecido em sua vida, nada disso teria acontecido. Algo na sua cabeça martelava essa ideia, incessantemente. Sua vida continuaria a mesma, não teriam havido brigas, não teria ido a uma casa de música country, sequer teria se lembrado dela. Então, por essa lógica, Leah possuía uma boa parcela de culpa.

Estava na hora de pôr as cartas na mesa. Lavar a roupa suja.

Ligou seu computador. Entre uma golada e outra, procurou informações sobre shows, apresentações de Leah. Não estava pensando direito. A raiva o deixava com vertigens. Sua camisa empapada de suor grudava em seus braços e tronco. Uma mancha de conhaque adornava a manga direita.

Viu o link para o site da artista. Clicou. Buscou por futuros shows. Um show aconteceria ainda naquele dia. Um barzinho de música popular brasileira.

Anotou o endereço. Enfiou no bolso de trás da calça. Virou outra golada e largou a garrafa em cima do balcão da cozinha, que cambaleou instável e caiu sobre a pia. Estilhaçou-se. O resto do conhaque desceu pelo ralo.

Saía. Nem notara a ausência de Camila em casa. Entrou em seu carro. Um pouco embriagado, sentia-se ofuscado pelas luzes da cidade à noite.

## Capítulo XVII

Nem parecia uma mesa de maquiagem, com tantas folhas e papéis espalhados. Leah dedilhava no violão as mudanças que os compositores experientes de seu agente haviam feito, e que até agora faziam bastante sentido. Havia percebido o quão limitada era sua habilidade com o instrumento ao receber a primeira leva de sugestões. Alguns dos conselhos dos especialistas trocavam um acorde simples por outro um pouco mais complicado, que Leah evitava usar porque não gostava de entortar a mão para usá-lo. Porém, ao ouvir o resultado final, teve que dar o braço a torcer – eles realmente acrescentavam algo à melodia.

Agora, Leah estava estudando uma das duas novas composições que experimentaria no show, para ver a reação da plateia. Como o show do dia teria uma hora de duração, era tempo mais que suficiente para cantar várias baladas famosas e intercalar com suas próprias canções. Ou pelo menos era o plano que seu agente havia bolado. Mas não tinha porque duvidar de seu agente agora: afinal, tudo o que ele falara até então havia dado certo.

Exceto na parte de compor cinco músicas em duas semanas. Isso estava dando uma trabalhadeira danada.

Havia composto mais três, mas nenhuma delas era muito boa. Nem mesmo Leah gostava muito de ouvi-las. Eram repetitivas e falavam das mesmas coisas que toda música sertaneja falava: a vida no campo, a fazenda, o caubói, os animais, a natureza. Há um limite pra quantas vezes você pode falar a palavra 'saudade' e não ser processada por lavagem cerebral.

Por outro lado, havia se passado apenas uma semana. Se compusera três músicas em uma semana, podia muito bem compor mais duas na outra e problema resolvido. Ela só precisava arranjar um assunto adequado e depois seria uma questão de bater a cabeça contra a parede até sair uma nova letra e uma nova melodia.

Alguém bateu à porta.

Leah, que ainda era uma cantora qualquer, não tinha ninguém para auxiliá-la no camarim. Gritou um "já vou", levantou-se e abriu a porta.

Que estranho, pensou Leah pouco antes de girar a maçaneta. Meu agente nunca me espera abrir a porta, ele sempre entrando sem pedir licença...

Abriu a porta. Era Abel.

Quer dizer, não era bem Abel. Era parecido com Abel, mas não era o Abel que Leah conhecia.

Este homem, para começo de conversa, estava bêbado. Fedia a suor e a álcool barato. O Abel que Leah conhecia sempre usava uma colônia muito cheirosa, guardada num belo frasco em seu quarto, e não era dado a essas bebedeiras.

Este homem também estava bem-vestido. E malvestido. Ao mesmo tempo. Estava com um terno bem-cortado e ajustado, e uma bonita gravata italiana. Mas a camisa estava parcialmente desabotoada, assim como as mangas do braço, uma delas manchada. O nó da gravata estava frouxo, e pendia a um palmo de seu pescoço. Mas o Abel que Leah conhecia se aprumava até para ir para o lago da cidade, e estava bem-penteado e alinhado até de camiseta e bermuda. Ele sabia exatamente o que vestir e no momento certo.

E este homem estava furioso. O Abel de antigamente ficava entediado, triste ou contente, mas nunca o vira enfurecido.

Abel já sabia exatamente o que esperar da voz doce que respondera que abriria a porta, mas mesmo assim ficou chocado ao estar tão próximo de Leah novamente. Cambaleante e ainda um pouco tonto, deu dois passos para trás, apoiando-se na parede do corredor, antes de apontar um dedo acusador e dizer:

– O que diabos você está fazendo aqui?!

Assustada, Leah tentou responder, mas as palavras entalaram em sua garganta. Que estranho era aquele, tão parecido com Abel, mas tão diferente? E por que estava tão bravo?

– Abel? É você?

– Sim, sou eu mesmo! Quem mais poderia ser?

– Abel, o que está fazendo aqui? Eu tenho um show daqui a pouco e...

– Olha, não me importa, entendeu? Eu quero que você pare com essa palhaçada e volte pra sua cidade agora, antes que você termine de destruir com a minha vida!

– Eu destruí a sua vida, Abel? – respondeu Leah, claramente chocada. – Como assim?

– Você só me traz desgraça! Por que você veio até a minha cidade me perseguir, hein? – disse ele, andando na direção da garota, dedo em riste.

– Abel, eu não vim te perseguir! Eu nem sabia que você morava aqui! – respondeu ela, dando um passo para trás a cada passo para a frente que Abel dava.

– Como não sabia? Eu te contei no último dia em que nós vimos que eu viria estudar aqui em São Paulo! É claro que você sabia! – e esmurrou a porta com o lado do punho.

– Mas Abel, como eu ia saber que você ainda estava aqui? Você podia ter se mudado de novo, ara!

– Ah, está dizendo que agora é só coincidência? Que você decidiu virar estrela justo em São Paulo por mera obra do acaso?

– Abel, eu não decido essas coisas, quem decide é o meu agente! Por favor, para com isso, você está me assustando!

Agora já dentro do camarim de Leah, Abel esticou o braço e agarrou o violão largado sobre a cadeira.

– E este violão aqui? Vai dizer que trouxe logo esse violão por coincidência?

– Abel, não seja assim, você sabe que eu adoro esse violão...

– Eu também adoro! E sabe por quê? Porque esse violão é da minha família! Era do meu avô! Ele passou de geração pra geração até ser meu! Quem é você pra tocar ele, hein? Você não é nada!

– Abel...

– O que meus pais tinham na cabeça quando eles te deram esse violão, hein?

– Eu... pedi pra eles me darem, Abel.

– E por que é que você queria o MEU violão?

– Porque era seu, Abel. Pra me lembrar de você.

Abel foi pego desarmado pela afirmação. Seu raciocínio, envolto nos vapores da ebriedade, demorou a pensar numa resposta apropriada.

– Vá se foder, Leah. Você me diz uma coisa dessas, depois quer que eu acredite que não veio pra cá só pra me atazanar?

– Não, Abel... É diferente. Quando você foi embora, eu fiquei desconsolada por dias. Fiquei dois dias sem comer direito, só sabia chorar no meu travesseiro... Tudo isso, sabe? Quando um pouco da tristeza passou, eu fui falar com o seu pai, e ele

perguntou se eu não queria ficar com o violão. Ele disse que você nunca foi muito de tocar, mesmo.

– Velho filho da puta.

– Aí eu fiquei com ele, no começo como uma lembrança sua. Com o tempo, ele mudou, e tornou-se um lembrete de...

– Olha, quer saber? Não dou a mínima pra esse seu blablablá. Você vai pegar as suas coisas e vai embora dessa cidade. Vai parar de me perseguir e vai me deixar em paz, entendido?

– Não posso, Abel... Eu tenho um contrato, e...

Antes que Leah pudesse fazer qualquer coisa, Abel atingiu a parede com o violão à força total, despedaçando o instrumento. O cabo do violão estava partido em três e estava sustentado apenas pelas cordas que passavam por ele. O resto do violão também sofrera danos irreparáveis. Ao ver isso, Leah soltou um grito agudo altíssimo e caiu de joelhos, mãos no rosto, chorando sem parar.

– Tá aqui o seu contrato. Na próxima, tenho certeza de que não vou acertar a parede. Vá embora daqui e não volte mais.

Abel largou o que restou do instrumento e saiu correndo do corredor. O grito de Leah fora alto o bastante para alertar os seguranças do local, tinha certeza. Conseguiu encontrar uma saída dos bastidores que dava para a rua e correu para o seu carro. O súbito fluxo de adrenalina lhe clareou a mente o suficiente para dirigir de volta para casa. Estava sentindo-se vingado por seu emprego, e agora só poderia torcer para que ela fosse realmente embora e sua vida voltasse a ficar nos eixos.

Enquanto isso, acalmando-se aos poucos, Leah remexeu nos restos mortais de seu instrumento, até encontrar o pedaço do cabo de violão que ainda possuía gravadas as iniciais L+A. Por sorte, a gravação ainda estava intacta. Fora seu próprio pai que fizera a gravação, como bom carpinteiro que era, sem que Abel soubesse. O garoto ficou um pouco bravo no momento em que viu – afinal, era uma herança de seu avô! – e não falou com Leah durante uma semana inteira, mas logo se acostumou à ideia. Era a única lembrança do tempo em que estavam juntos que trouxera para a cidade, e que agora estava arruinada.

Segurou firme o pedaço inscrito do cabo contra o peito. Levantou-se a tempo de dois seguranças chegarem, que a interrogaram sobre o que aconteceu. Leah respondeu que estava tudo bem, que depois explicaria tudo o que aconteceu, mas que tinham

assuntos mais urgentes para resolver agora. Pediu a um deles que pedisse emprestado um violão às outras bandas que tocariam naquele dia, e pediu o outro que avisasse a produção para atrasar seu show em uns 5 minutos, tempo o suficiente para recuperar a calma e reorganizar maquiagem e vestuário.

Os dois homens a deixaram a sós. Ainda segurando o pedaço de madeira, mas já livre dos soluços, voltou-se para o monte de papel espalhado sobre a penteadeira.

“Bem”, pensou Leah. “Agora tenho assunto para escrever.”

## Capítulo XVIII

“Mas que noite estranha”, Camila pensou a caminho de casa, os ponteiros de seu relógio quase alinhados no 12. Soprava um vento incômodo, nem quente nem frio, que apenas lhe fazia cócegas e fazia dançar papéis de bala, bitucas de cigarro e folhetos promocionais espalhados pelo chão. Camila sabia e não sabia, ao mesmo tempo, de que se tratavam as propagandas. Sabia porque, sempre que passava por aquele trecho da rua durante o dia, alguém lhe entregava um papel sobre emagrecimento rápido, dinheiro fácil, simpatias para resolver qualquer tipo de problema ou planos de saúde baratíssimos. Não sabia porque nunca lia nenhum desses papéis, amassando-os e jogando-os na lata de lixo mais próxima por pura memória muscular. Mas nem todos eram tão asseados quanto Camila, e a quantidade de papel que cobria a calçada emporcalhava o passeio, principalmente quando umedecidos pela leve garoa que sempre caía nesta época do ano e pisoteados por centenas de transeuntes diários.

Mas a noite não era estranha por conta dos papéis, ou por conta da sujeira dos moradores de São Paulo, ou por conta da garoa. A noite era estranha porque vira um fantasma de seu passado, alguém que deveria estar morto, mas não está.

Lembrou-se de seu primeiro ano de faculdade. Ou melhor dizendo, lembrou-se dos poucos momentos de seu primeiro ano de faculdade que não passou com a cara enfiada em algum livro. Para a Camila de apenas 18 anos e recém-chegada à universidade, tudo era curioso, tudo era empolgante, e tudo era extremamente complicado de se entender. Entretanto, era dotada de uma disposição inabalável e passava horas na biblioteca da faculdade, lendo, estudando anotações ou apenas folheando o bem-diversificado acervo de livros à sua disposição. Claro que tinha amigas, pois era inteligente – e, diferentemente do colegial, na faculdade era fácil fazer amigos por ser inteligente. Claro que sua simpatia ajudava na hora de se enturmar, mas era chamada muito mais vezes para integrar grupos de trabalho do que para ir a alguma festa ou programas de lazer. Mas Camila não se importava muito nessa época, certa de que precisaria apenas da ciência para vencer na vida.

Foi nessa época, lembrou-se, alguns meses após o começo das aulas, que uma de suas amigas veio lhe contar uma fofoca. Aparentemente, um dos garotos da sala estava meio caidinho por ela.

– O quê?! – disse Camila, espantada. – Caidinho? Por mim?

– É sério!

– Mas... Como assim? Eu não falo com ninguém da sala.

– Ah, vá! Como se isso fosse mesmo necessário pra alguém ficar interessado. Você não é tão feia quanto acha, sabia?

– Eu sei, mas... Bom, ninguém dava bola pra mim no colegial. Eu nunca tive namorado, nem sei como isso funciona!

– Nunca teve namorado?

Percebendo que dissera algo além do que devia, e que estava entrando numa parte muito particular e sensível de sua vida, Camila ruborizou instantaneamente.

– Err, isso não te interessa! Vamos mudar de assunto...

– Não, calma lá! Não vamos mudar coisíssima nenhuma! Sério mesmo que você nunca beijou ninguém?

– Não, eu já beijei... Uma vez, numa festa, teve aquela brincadeira de Verdade ou Desafio e...

– Ah, mas isso não vale! Estou falando beijar de beijar, mesmo! Pra valer!

– Não... Assim, não. – disse uma Camila, vermelha como pimentão.

– Então, é a sua chance!

– Mas quem é, afinal?

– Ah, é o garoto alto e magro que senta lá no fundo, perto da gente. Sabe, o meio avoadado?

– Hã... O Beto?

– Quase. O nome dele é Heto.

– Nossa, que nome diferente... Eu jurava que era Beto.

– Enfim. Você senta na primeira fileira, então não vê, mas ele passa boa parte da aula olhando pra você.

– ... Tem certeza que é olhando pra mim? Ele pode estar olhando a lousa, o professor, pode ser só impressão de vocês.



– É, eu também achava isso, foi o que eu falei pra Rô. Mas aí ela me contou que pediu licença pra ir pro banheiro e deu uma espiadinha no caderno dele quando passou, e ele estava te desenhando de costas!

– ... Sério? Isso é meio perturbador.

– Só te contando! Se eu fosse você, não perdia tempo, não!

Camila ficou curiosa, mas não sagorae aproximou dele. “Que garoto estranho,” ela pensou, “pra me achar interessante.” Por outro lado, sentiu-se diferente. Sentiu-se bonita, pela primeira vez na vida. Estava atraindo olhares, então? Arrebatava corações apenas com o seu olhar! Homens beijavam o chão por onde ela pisava!

Que mundo intrigante, esse da faculdade.

Mesmo depois da sessão de fofoca espontânea, sua rotina não mudou. Continuou estudando sem parar na biblioteca de seu curso, lendo todo o material bibliográfico de suas aulas que conseguia encontrar. Mas as fofocas continuavam a chegar aos seus ouvidos, mesmo contra sua vontade.

– Ah – dizia uma das suas colegas do "fundão", – dizem que ele é rico, sabe? Os pais dele fundaram um fundo de investimentos que anda muito bem, e ele vive na maior mordomia!

– Eu acho – comentava outra, – que ele é uma gracinha. Sempre anda bem vestido e perfumado, e é bonitão. Se você não quiser, me fala que eu quero!

– É sério, – falava uma terceira, – tenho certeza que ele está a fim de você. Outro dia, eu vi ele folheando um livro na biblioteca, mas o livro estava de ponta-cabeça! Quando vi, ele estava num corredor que dava pra ver você, bem de longe.

Aceitou o fato. Talvez o garoto estivesse realmente a fim dela, por um motivo que ignorava. Decidiu se aproximar porque, bem, estava na faculdade, e é isso que se faz na faculdade, né? Conhecer pessoas novas?

Uma das garotas do grupo de Camila conhecia um dos garotos do grupo do Heto. Num dos intervalos de aula, com algumas desculpas bem armadas, conseguiram juntar os dois. Heto e Camila se cumprimentaram pela primeira vez, e o grupo ficou discutindo assuntos variados até que, aos poucos, eles foram saindo um a um, deixando os dois a sós para conversar.

Foi a conversa mais desconfortável que Camila já tivera na vida. Pesava várias vezes cada sentença que dizia, cada palavra. No fim das contas, nem se lembra direito do

que conversaram, mas sabe que marcaram um almoço no dia seguinte para bater um papo a sós.

Naquele dia, Camila não conseguiu estudar. Voltou pra casa, no ABC Paulista, e ficou esparramada na cama, ouvindo música. Heto era realmente belo e charmoso, mas havia algo nele que...

No dia seguinte, almoçaram juntos. No próximo dia, também.

E mesmo assim, essa impressão estranha que Camila tinha dele não lhe deixou. Algo nele não era natural, mas não sabia especificar bem o que era. Algo no jeito que falava certas palavras, com uma entonação um pouco diferente do que estava acostumada a escutar, ou algum gesto rotineiro executado de outra maneira... Era impossível dizer. Mesmo depois de três encontros, essa sensação não passara.

Foi quando Heto a convidou para sair no fim de semana. Camila aceitou na hora, mas inventou uma desculpa qualquer e não compareceu no lugar. Ligou, dizendo que não estava muito bem, que ficaria em casa. Não havia rolado nada entre eles, então não era bem um término, certo? Só havia percebido que não daria certo, e estava se poupando tempo.

A partir daquele dia, Camila tentaria voltar à sua rotina, mas Heto continuava sendo inoportuno. Mandava mensagens para seu celular, surgia de repente nas sessões de estudo, enchia-a de convites. Camila tentava se desviar, recusar e até ser um pouco mais direta com o jovem iludido, mas não conseguia ser grossa o suficiente. Heto era irascível.

A solução foi passar a estudar em casa. Saía das aulas direto para o ponto de ônibus, e passava a tarde estudando em sua cama. Não tinha a conveniência de se estar numa biblioteca e poder consultar material, e também não tinha à sua disposição a quietude das salas de estudos, mas era melhor do que ser interrompida a cada quinze minutos para repetir que não, não queria almoçar com Heto.

As semanas se passaram. Heto lentamente começou a resignar-se e a desistir de tentar um contato, mas nem assim Camila voltou a estudar na faculdade. Sentia falta de estar num espaço público e ter contato com suas colegas, mas achava melhor prevenir do que remediar. Mas o destino ainda havia de lhe pregar uma peça.

Rô era a garota da sala que sempre se dava bem com todos os grupos e que sabia de todas as fofocas antes de todo mundo. Foi ela que abordou Camila naquele dia, durante a semana de provas, convidando-a para uma festa de fim de semestre.

– E aí, Camila, o que acha? – disse a garota, passando o braço nos ombros de Camila.  
– As provas acabam na sexta, vamos comemorar tomando um gorozinho?

– Uh, pode ser? Onde?

– Ah, a gente conhece um cara que tem um salão ali perto das república, então alugamos por uma pechinha. Vai sair 10 reais por cabeça, mais uns 10 pras bebidas.

– Hm... Não parece má ideia, mas você sabe se um certo "alguém" vai também? Porque se ele já é chato sóbrio, imagine bêbado!

– Ah, não se preocupa. Não convidamos ele. Já estamos sabendo da sua cruz.

Assim, decidiu que iria à festa. Afinal, era fim de semestre e podia se dar ao luxo de meter o pé na jaca por uma noite. Na noite da festa, vestiu uma blusinha preta de alça, com um decote que considerava ousado o suficiente para não querer mostrar para sua mãe, uma calça cinza de sarja e um sapato de salto. Não se produzia tanto assim desde sua festa de formatura. Com uma bolsa a tiracolo, foi para o local da festa – de ônibus, diga-se de passagem. Embora já tivesse carta, não confiava muito em suas habilidades para dirigir, especialmente sabendo que não voltaria em condições de conduzir.

A festa tinha umas 20 pessoas quando chegou. Algum dos estudantes da festa estava atacando de DJ, tocando música eletrônica em sua pick-up, fazendo efeitos de scratch e reverse que nem sempre davam muito certo. Um gordo e um brutamontes estavam encarregados das bebidas – enquanto o mais cheinho fazia coquetéis e entregava cervejas, o grandalhão ficava de olho para ver quem estava bebendo além da conta, e aconselhava o cidadão a dar um tempo, aproveitar a festa e a não vomitar para não ser expulso do salão.

Rô encontrou Camila assim que ela entrou. Parecia histérica, elétrica, cheia de energia. Notou que seu olhar raramente se fixava em algum ponto, e que muitas vezes suas frases simplesmente se perdiam no meio da sentença, ou não faziam sentido algum. Rô a levou para o grupo de sua sala, que discutiam as notas das provas e, quando Rô se ausentava, que diabos de substância tinha deixado ela doida daquele jeito. Riram, dançaram...

– Camila, precisamos conversar. – disse uma voz atrás dela. Era Heto. Ainda bem vestido, com um pulôver estilizado, mas com uma expressão taciturna onde antes costumava haver um sorriso.

– Heto?!

– Olha, Camila, eu acho que você não devia estar aqui, não. Não condiz com a sua imagem, e...

– Calma lá, cara? Que história é essa? O que você tá fazendo aqui?

– Eu só estou falando isso para o seu bem. Vem comigo – disse, puxando o braço dela, – que eu te levo pra casa e...

– ME SOLTA! – berrou Camila.

A música parou de tocar, com um arranhado. A dupla agora atraía a atenção da festa inteira, com a exceção de Rô, que ainda dançava contente num canto. Não era a falta de música que iria impedi-la, não, senhor.

– Heto, me solta agora ou eu vou dar um escândalo!

– Não vai, não. Namorada minha não dá escândalo. – Fungou alto, como se a cheirasse. – A gente vai embora daqui agora, e...

– Namorada? Você bebeu, moleque? – respondeu Camila, tentando se soltar.

Heto não respondeu. Simplesmente começou a arrastá-la para a porta.

Nesse momento, Camila fez algo pela primeira vez em sua vida. Abriu sua mão direita e lançou-a com todas as suas forças contra a bochecha de Heto. No imenso salão silencioso, o tapa estalou e ecoou pelas paredes, causando uma impressão muito maior do que o normal.

Heto olhou-a com raiva, olhou-a com desprezo.

– Você me bateu... Nem o meu pai levantou a mão contra mim.

Voltou-se para a porta e continuou a arrastá-la. Quando Camila já se preparava para desferir outro tapa, ela foi interrompida antes por um soco, que voou dos punhos de alguém com destino ao nariz de Heto. Esse golpe pareceu ter doído bem mais que o tapa de Camila, pois Heto caiu no chão, soltando a garota e tentando tapar o sangue que escorria de suas narinas.

Era o DJ, que havia soltado sua pick-up e descido do palco para poder interromper a briga, enquanto os outros apenas observavam sem fazer nada.

– Ô, compadre, vê se pica a mula, entendeu? Nós num carece de gente que só sabe causar briga aqui. Vade retro, ô, filho do capeta.

– E nunca mais venha falar comigo, seu canalha! – gritou Camila, aproveitando o embalo.

O DJ fez sinal para o brutamontes das bebidas, que escoltou Heto até a saída. Depois, perguntou a Camila se estava tudo bem, se queria uma água para se acalmar. Camila achou engraçado o sotaque do homem – ele sempre tentava controlar seu caipirês, mas quando ficava muito nervoso, soltava uma infinidade de "ara" e "trem" e "porrrta".

Passou o resto da noite sentada na pick-up do DJ, conversando com ele. Descobriu que ele se chamava Abel, e que tinha vindo de uma cidadezinha minúscula do interior para estudar administração em São Paulo. Descobriu que a pick-up era na verdade do amigo dele, que não pode vir por algum motivo, e que ele nem sabia bem o que estava fazendo – estava apenas seguindo as instruções do amigo, que lhe pedia para arrancar o disco de vez em quando e ir trocando as músicas. Descobriu que o objetivo dele era ficar rico, e que estava estudando dia e noite, assim como ela. Parando pra pensar, talvez ela se lembrasse de ter visto ele alguma vez, na biblioteca.

Foi o começo de uma amizade que levaria alguns anos para se transformar em algo mais e chegar ao namoro dos dias de hoje. Por outro lado, nunca mais vira Heto, nem mesmo na faculdade. Sua matrícula foi trancada no sistema. Alguns rumores diziam que ele havia fugido para outro país. Outros diziam que ele morreu naquela mesma noite, num acidente de carro. Outros juravam que ele se suicidou depois da humilhação que sofreu. Seja pelo motivo que for, nunca mais o vira.

Ou pelo menos, não até aquela noite.

Era ele, disso não tinha dúvidas. Mas agora sabia por que o estranhara tanto: porque ele agora agia normalmente. Todos os maneirismos e jeitos de falar que antes a arrepiavam agora não faziam mais parte de seu jeito de ser. Parecia outra pessoa. Talvez os rumores fossem verdadeiros, e ele realmente sofreu um acidente naquela noite que o afetou.

Talvez ele tenha perdido a memória e virado outra pessoa? Acontecia nos filmes, por que não poderia acontecer na vida real?

“De qualquer forma,” pensou Camila, “que noite mais estranha.”

## Capítulo XIX

Quando Camila chegou à casa de Abel e o viu, chorando debruçado sobre a bancada da cozinha, rosto apoiado sobre seu braço esquerdo, brandindo na mão direita uma garrafa de brandy em punho, ela ficou um tanto surpresa, mas não muito. Teria ficado mais surpresa se não tivesse visto o carro de Abel estacionado no meio-fio, ao invés de guardado na garagem, com a roda dianteira direita sobre a calçada, esmagando a grama ao pé de uma árvore. Já esperava algum tipo de anormalidade, ciente de que Abel era extremamente zeloso com seu veículo. E, de fato, até imaginava a hipótese de encontrá-lo bêbado em casa, vindo de um happy hour com os colegas. Pensou até que ele poderia ter tido um piriri no meio do caminho e parou urgentemente na primeira vaga que viu.

De fato, ele estava bêbado, conforme previra. Só não imaginava-o chorando. Isso nunca lhe passou pela cabeça, e por isso se surpreendeu.

Fechou a porta sem fazer barulho e, pé ante pé, aproximou-se dele. Seus tênis não faziam o menor ruído no piso de madeira impecavelmente liso. Agachou ao lado dele e perguntou:

– Abel? Tá tudo bem?

Abel não respondeu de imediato, mas rapidamente tentou conter os soluços. Deixou a garrafa de brandy no chão e ergueu o rosto, enxugando suas lágrimas com a mão esquerda.

– E-eu... Eu estou bem. Não se preocupe.

– O que aconteceu pra você ficar assim, Abel?

– Nada... Não aconteceu nada...

– Fala logo. O que foi? – disse Camila, uma leve irritação emergindo em sua voz.

– Nada, Camila! Mas que saco!

Abel arremeteu contra a bancada com a garrafa.

– Abel, – disse Camila, empertigando-se e arrumando o cabelo, – ou você para com essa palhaçada agora ou eu saio e não volto mais. Por que você está chorando?

– Camila, não força a barra... Não é da sua conta, tá entendido?

– Claro que é da minha conta! Você é meu namorado!

– Eu sei, mas... Não é nada, é só que eu bebi demais e...

– Essa desculpa não vai colar, Abel. Você não é de chorar quando bebe.

Abel respirou fundo, depois deixou pender a cabeça para trás. Sentia-se dolorido. Respirar fazia seus pulmões arderem. Inspirou e expirou três vezes. Fungou.

Camila puxou uma cadeira e esperou pacientemente, braços e pernas cruzadas.

Aos poucos, ele começou a contar sua história. Contou de sua ex-namorada, como a abandonou para tentar a sorte em São Paulo, como ela tornou-se modelo e cantora e que fora aquela noite no Santana Bull para ouvi-la cantar e saber se era ela mesma. Falou do impulso de fúria que lhe acometeu no trabalho, de como fora despedido e de como, num acesso de descontrole, foi discutir com Leah no camarim dela. Falou ininterruptamente por meia hora, sua embriaguez dificultando sua fala, borrando palavras, até que por fim debruçou-se novamente sobre a bancada.

– Já terminou? – perguntou Camila, algum tempo depois.

– Sim. Já contei tudo. Só cabe a você acreditar ou não na minha história.

– É, eu acho que acredito. Ninguém inventaria uma história tão estúpida assim à toa.

Abel não respondeu. Havia parado de chorar, mas estava cansado e tonto demais para conseguir manter sua cabeça em pé. Além disso, não queria encarar o olhar lancinante de Camila quando enraivecida.

– O que você tem na cabeça pra fazer uma coisa dessas com a tal garota? Você podia ter sido preso!

– Eu sei...

– Por que foi atacar a garota, afinal? O que foi que ela te fez? Vai ver, ela nem lembrava de você!

– É complicado...

Abel respirou fundo. Ergueu-se novamente, mas continuou olhando para a mesa. Uma pequena poça se formara onde apoiara a cabeça.

– É que... é injusto, sabe? O mundo é injusto. Eu saí de Mirandópolis sem um tostão no bolso pra morar de favor aqui em São Paulo, trabalhei e estudei feito um condenado pra me formar e poder ajudar a pagar as contas, agora trabalho de 9 a 10 horas todos os dias só pra pagar o aluguel da casa e comprar comida... E aí vem ela,

uma analfabeta funcional, sem nenhuma ambição na vida, sem vontade de crescer, sem vontade de aprender, e o que acontece? Vira modelo porque é bonitinha, vira artista porque é bonitinha, e fatura uma grana preta. Isso é INJUSTO!

– E só porque sua vida é uma merda, você quis esmerdalhar a vida dela também?

– Não é isso, é que... É que ela não devia ter feito sucesso na vida! Ela é uma zonza! Ela não sabe de nada!

– Mas ela fez. Surgiu uma oportunidade e ela aproveitou, pelo jeito.

– Mas não é justo! Por que eu estudei durante 4 anos inteiros, então, se eu podia ter virado artista? É só cantar qualquer coisa que eu faço tanto dinheiro quanto ela!

– Então vire artista, oras, se é tão fácil assim.

– Não, Camila, isso é modo de dizer...

– Modo de dizer, uma pinoia! Não é qualquer um que pode ser artista, não! E aposto que a vida dela é bem mais atribulada do que você pensa! Tá achando que é fácil encarar uma multidão toda noite, ser alvo de críticas, ficar à mercê das vaias?

– Camila...

– Olha só. Papo sério, agora. É bom você ir falar com um psiquiatra ou algo assim, porque você anda bem descontrolado ultimamente. Primeiro, aquele rato que você matou daquela maneira grotesca... Agora você é despedido, fica bêbado e quase machuca uma garota que não tem culpa de nada. Você precisa de terapia, sabia?

– Eu... Isso não vai acontecer de novo. – Abel estendeu o braço sobre a bancada, na direção de Camila.

– Jura mesmo? – respondeu a garota, segurando a mão dele.

– Juro. – disse Abel, apertando forte a mão.

Ficaram por um tempo, de mãos dadas, se olhando. Abel deixou escapar um sorriso tímido, de canto de lábio. Camila respondeu da mesma maneira e então levantou da mesa para buscar um copo d'água.

– Foi despedido mesmo, pra valer? Você não pode renegociar com eles? Conversar com o Marcelo para limpar a sua barra, sei lá?



– Difícil. Eu me descontrolei feio. Mas tenho que passar lá amanhã para buscar algumas coisas, então talvez eu consiga falar com eles e reverter a situação. Eu tento inventar uma desculpa, falo que meu pai no interior está doente, algo assim.

– Isso aí, inventa uma mentira bem descarada. Ótima ideia. Se não tiver volta, qual é o plano?

– Bem, o plano é... procurar um novo emprego? Não sei ainda, foi tudo meio repentino.

– Sei...

– E você? O que fez de bom hoje?

– Ah! – gritou Camila, animada de repente.

Camila correu para a bolsa e puxou o pager. Mostrou a Abel, exibindo a mensagem que havia recebido naquela tarde.

– Olha só! O laboratório voltou e eu ainda tenho meu emprego! Eba!

– Ah... Fico feliz por você.

– Ah, Abel... Eu não queria esfregar isso na sua cara... Foi mal.

– Não, tudo bem... Eu sei que não foi por mal.

Passaram o resto da noite no sofá, zapeando pelos canais da TV a cabo. Abel se interessou por um seriado policial, mas Camila preferiu assistir a um filme velho. Era um filme estranho, sobre dois brutamontes que são congelados por seus crimes, e reanimados num futuro ao mesmo tempo utópico e distópico, onde toda a cultura fora reduzida ao seu denominador comum mais baixo: rádios tocavam apenas jingles comerciais, todas as redes de lanchonete eram Taco Bell. O enredo fazia pouco sentido, mas tinha um certo quê de charme. Camila ficou intrigada com as ideias que o filme apresentava do futuro e um pouco enojada do rato-búrguer que um dos protagonistas comeu. Abel gostou por causa da Sandra Bullock.

Camila pensou em comentar sobre a presença de Heto no laboratório, ou de como ele parecia ter perdido a memória. Pensou duas vezes e achou melhor não. Afinal, já não tinha tanta certeza se era mesmo ele. Heto era tão gamado por ela, tão fascinado, que Camila achava difícil que alguém fosse esquecer-se de tamanha obsessão. Além disso, já haviam discutido fantasmas do passado demais para uma noite só.

Abel não lembrava do incidente de Heto. Lembra-se que socou um garoto inconveniente no dia em que conheceu Camila, e que não podia ter pedido uma desculpa melhor para se aproximar da nerd bonitinha e encabulada. Porém, se Camila tivesse comentado a presença de Helcius no laboratório, e refrescado sua memória do incidente, talvez Abel tivesse comentado que também tinha um cliente chamado Helcius. Talvez tivessem comparado descrições e chegado à conclusão de que eram a mesma pessoa. Talvez rissem da coincidência, talvez ficassem preocupados.

Mas Camila não contou.

Ao fim da noite, Camila se levantou, avisando que iria dormir. Como não sabia quando seria convocada novamente, achou por bem estar descansada para enfrentar imprevistos. Abel continuou no sofá, assistindo pedaços de programas, comerciais, trechos de seriado, os gols da rodada. Deixou num dos canais de música que o serviço de TV a cabo oferecia e deitou-se no sofá, com as mãos atrás da cabeça. Não se preocupava com o volume, porque sabia que seu quarto era isolado acusticamente. Estava sem sono.

A rádio começara a tocar Bolero, de Maurice Ravel. Era uma das poucas músicas clássicas que conseguia entender. Afinal, para um leigo, não é tão fácil entender as obras de Mozart e Bach, mas o Bolero é um tanto mais acessível por ter um tema principal que se repete várias e várias vezes. Sobre ela, sobre essa base, o compositor foi construindo uma melodia inteira, acrescentando instrumentos, variando o tom. Para Abel, era fácil se perder nas inúmeras iterações do tema principal, num crescendo lento que subitamente irrompe numa grande fanfarra e encerra, sem mais nem menos.

Ao final da versão, executada pela Orquestra Filarmônica de Munique, Abel sentiu-se outra pessoa. Era como se, novamente, seu caminho estivesse claro, como estava no dia após o show de Leah.

Sentou-se à mesa da sala, ligou seu laptop e abriu um dos links salvos que havia discutido com Heinz no começo do dia. Se de manhã ainda hesitava em se comprometer, agora não lhe restava mais dúvidas. Adicionou o item ao carrinho de compras, escolheu a entrega mais rápida (que, ainda assim demoraria uma semana), e comprou um par de alianças de ouro.

## Capítulo XX

Dizem que há uma fina linha que separa a coragem da loucura.

E, de fato, o que transforma um bravo herói num louco muitas vezes é um detalhe muito pequeno e praticamente imperceptível.

A garota que reage ao assaltante usando seus golpes aprendidos nas aulas de autodefesa pode ser uma heroína, um exemplo para a sociedade, mas basta um detalhe bem pequeno (como um pequeno canivete oculto na mão do vagabundo) para que a opinião pública a respeito da situação mude completamente. Ela é louca, diriam, de reagir a um cara armado. Ela deveria ter entregado seus pertences e não ter reagido. Posses materiais podem ser recuperadas, recompradas, mas não a vida. Ela acha que está num filme para sair lutando assim com bandidos?

Isso tem uma razão muito óbvia: porque a coragem e a loucura são essencialmente a mesma coisa. Tanto a coragem quanto a loucura consistem essencialmente de uma afronta ao senso comum, de um desafio à lógica internalizada de cada pessoa. A única coisa que separa um do outro são os resultados da ação. Então, basta que algo dê errado para que, instantaneamente, um intrépido aventureiro torne-se um mero mentecapto alucinado.

Por outro lado, temos a diferença entre a tristeza e o desespero, que não é tão fina assim. Assim como a coragem e a loucura, tanto a tristeza quanto o desespero são essencialmente o mesmo: uma decepção pessoal quanto a expectativas quebradas. Uma criança que mal pode esperar para tomar o sorvete em suas mãos fica triste quando o mesmo cai no chão. Da mesma forma, um homem fica desesperado quando vê seu saldo de conta bancária ficar no vermelho, antes mesmo de pagar suas contas.

Enquanto a coragem e a loucura são diferenciadas por fatores circunstanciais, a tristeza e o desespero são melhor representados pela intensidade de suas emoções. Outra diferença é que, enquanto a coragem transforma-se instantaneamente em loucura, a tristeza leva dias, ou até meses, para se transformar em desespero.

Para Abel, a diferença entre a tristeza e o desespero era de apenas uma semana.

Abel jogou-se sobre o sofá, cansado de mais um dia de entrevistas e de busca de emprego. Já era passada uma semana desde sua demissão, e embora já tivesse marcado quatro entrevistas em empresas diferentes, não tinha a menor confiança de que conseguiria qualquer um dos cargos.

Há uma razão para o fato de tantas grandes empresas e negócios serem geridos por mentirosos patológicos: porque era isso que a maioria dos processos de seleção de vagas escolhe. A farsa, veja bem, já começa no envio do currículo, um documento que deveria possuir apenas os dados básicos sobre o profissional, que o encaixariam no perfil desejado pelos recrutadores. Infelizmente, vive-se numa época em que apenas saber sobre uma pessoa, sobre sua formação e suas habilidades, não é o suficiente para confiar-lhe uma posição. É necessário estabelecer "objetivos de carreira", mesmo que o emprego seja como chapeiro do McDonalds, e mesmo que isso obrigue o candidato a inventar novos objetivos para cada um de seus possíveis empregos. É necessário também estabelecer "pretensão salarial", transformando o processo de seleção numa licitação pública. Algumas pessoas exigem a descrição de hobbies, de pedaços da vida pessoal, certamente para excluir qualquer currículo que ameace não se dedicar 100% ao emprego.

Essa mentalidade de transformar o emprego em uma parte integrante e irremovível de seus funcionários, de escolher sempre o pior profissional com o menor salário e a melhor lábia, favorece os charlatões, os traiçoeiros, os mesquinhos. Favorece quem está doido por um emprego qualquer e derruba sua pretensão salarial. Mas nunca, nunca favorece quem é mais apto para o cargo.

Entrevistas de empregos são um microcosmo desse universo, e refletem bem todas as facetas odiosas do processo. Recrutadores despreparados, que muitas vezes nem sabem quais as responsabilidades e as tarefas exercidas pela vaga oferecida, tentam filtrar as dezenas de pretendentes da maneira mais infantil e ignorante que o mundo já pôde conceber: eles perguntam para o próprio empregado. Perguntam desde questões mais diretas (O que você sabe sobre a empresa? Por que quer trabalhar aqui?) até questões-pegadinhas (Qual seu maior defeito? Diga-me algo que mudaria em si mesmo!) Mais uma vez, um processo que favorece os mentirosos, os desenvoltos, os caras-de-pau, e que deixam à margem profissionais sérios e competentes que não querem comprometer sua integridade e seus valores.

E sequer mencionamos os testes psicológicos que as empresas promovem. Desenhe uma casa para um recrutador de recursos humanos e, a partir da grossura das linhas, do formato do seu céu, da quantidade de arbustos de grama que você desenhou, ele decidirá que você é um homem meticuloso, irritadiço, orgulhoso. É desnecessário afirmar que, a menos que a vaga seja para um cargo artístico e/ou criativo, esse desenho provará apenas que seu candidato não é dado aos dons da pintura. Escreva uma redação, qualquer redação, para esse mesmo recrutador e a análise caligráfica

o julgará um homem cordial, apressado, firme em suas decisões. Essa mesma análise será incapaz de perceber que o avaliado simplesmente não escreve à mão com letra de forma há anos.

O assunto da redação é irrelevante: não é o conteúdo da redação que importa, mas sim a forma. Da mesma forma, o conteúdo do desenho não importa. Todos desenharam a mesma casa, apenas de formas diferentes. O mesmo pode-se dizer do currículo e das entrevistas: busca-se forma, em detrimento do conteúdo.

Há um padrão aqui: para as pessoas comuns, não faz a menor diferença o que você diz ou deixa de dizer, desde que você diga essas mesmas coisas de maneira convincente. Diga às pessoas o que elas desejam ouvir, e portas se abrirão.

Há um efeito interessante no ramo da pesquisa científica denominado viés de confirmação. O viés de confirmação nada mais é que um efeito paralelo do cérebro reptiliano dos humanos, um resquício selvagem que somos incapazes de conter.

Veja, é preciso entender que o cérebro é bombardeado a cada segundo com inúmeras informações sensoriais, e que a imagem que acreditamos ver pelos nossos olhos é uma composição impressionante de sinais de origem e formatos totalmente distintos. Quem preenche as lacunas deixadas pelos sentidos é o cérebro, que usa suas experiências passadas e sua capacidade lógica para inventar o que não está lá.

A razão disso tudo é que, quando confrontado com algo misterioso e indecifrável, muitas vezes o cérebro vai ver lá o que espera ver, vai alterar toda a sua percepção da realidade, toda a informação sensorial recebida, para se adequar a essa versão perfeita da realidade criada por sua imaginação. Em um contexto científico-experimental, isso pode ser um desastre, mas que é facilmente revertido através de ferramentas estatísticas, revisão de pares, entre outras ferramentas. Já no âmbito pessoal, as coisas não são tão fáceis assim.

O recrutador é um caso clássico. Ele procura em seus candidatos o trabalhador perfeito, a melhor combinação de habilidades pelo menor custo. Porém, desprovido de ferramentas que lhe permitam analisar objetivamente quem é o melhor candidato, ele é obrigado a confiar em sua intuição falha. Neste ponto, entra o charlatão, o homem capaz de dizer ao recrutador as coisas que ele espera ouvir, de fazer o que ele espera ser feito, e é contratado. Interessantemente, isso nos diz muito mais sobre o recrutador do que sobre o próprio recrutado.

Era isso que pensava Abel, após uma semana inteira de tentativas infrutíferas. Saía todos os dias de casa confiante, um sorriso determinado em seu rosto, roupas

alinhas, esperança nos olhos. Ao voltar, parecia outra pessoa: curvado, exaurido, cabisbaixo.

Largou seu terno sobre o encosto do sofá e dirigiu-se à cozinha, em busca do resto da garrafa de brandy que estava tomando naquela semana. Encher a cara era a solução para toda a mágoa acumulada, para todo o estresse concentrado do dia. Seus rompantes de bebedeira haviam evoluído para um péssimo costume de alcoolismo. Sabia disso, mas estava preparado para aceitar as consequências da ressaca em troca de uma paz de espírito momentânea.

Tomou um gole, direto da garrafa. O primeiro gole sempre desce queimando. Sentou-se no sofá e ligou a TV. Camila havia deixado num canal de variedades, que exibia agora um interessantíssimo programa de disputa entre lambedores profissionais de selos.

Tomou outro gole. O segundo gole era sempre o mais saboroso. O primeiro, de tão impactante, era impossível de ser apreciado conforme deveria ser. Nos seguintes, já estaria bêbado demais para poder sentir em detalhe o sabor e a textura do licor. Os comerciais começaram a passar, um a um. Abel não trocou de canal, incapaz de se importar menos com a programação atual do canal. Sapatos, bebidas, alimentos, aparelhos eletrônicos, todos com suas propagandas cheias de piadas sem a menor graça, mulheres seminuas e uma narração sagaz, feita para titilar a masculinidade do ouvinte.

Tomou um terceiro gole. Era no terceiro gole que sua cabeça começava a ficar leve e a esquecer os problemas. No programa de hoje, os filatelistas de velocidade comentam a dificuldade de se lambar selos de geometrias incomuns, como um selo triangular de uma edição especial em homenagem ao príncipe de Mônaco, e outras coisas que Abel ignorar porque não se interessava nem um pouco.

Tomou um quarto gole. Tomou um quinto também. E quando os comerciais voltaram, pensou ter tomado goles demais.

Porque lá estava ela uma terceira vez, pronta para atazanar sua vida. Leah, num vestido branco, sua trança de cabelo loiro sobre um dos ombros, era filmada por um cameraman que sabia muito bem o que estava fazendo. Deveria filmar apenas seu busto, mas fazia questão de enquadrar seus peitos por inteiro na tela. Era mais um comercial, anunciando que estaria no programa dominical de música do canal, divulgando suas novas músicas e o futuro lançamento de seu primeiro álbum de estúdio.

Ela levantou a capa de seu primeiro CD.

No meio da capa do CD, havia uma árvore solitária sobre uma colina, sua copa verdejante e frondosa cobrindo de sombras o pé da árvore. Em seu tronco maciço, alguém havia talhado um coração partido ao meio.

Sob o coração entalhado, haviam duas iniciais, separadas por um sinal de menos.

L-A.

Era demais para o pobre Abel. Estivesse sóbrio, ele ainda ficaria dividido entre o arrependimento e a fúria, entre o remorso de ter causado tanto mal e provocado essa reação da parte dela e a raiva de querer se vingar por tamanha afronta óbvia. Mas Abel estava bêbado e ele foi tomado por um sentimento misto de culpa e de revolta, incapaz de raciocinar, de pensar claramente.

Na TV, a garota que ele mais amou em sua vida, a garota que ele se arrependeu de ter largado, dizia em rede nacional que, de hoje em diante, era Leah menos Abel.

E agora largara-a à toa. Não possuía mais uma carreira promissora que justificasse seu abandono. Entre o amor de sua vida e o prospecto de uma vida melhor, escolheu a segunda opção e fracassou espetacularmente. Tinha uma namorada que não o amava, perdera seu emprego e praticamente não tinha amigos.

Fim de jogo.

## Capítulo XXI

Agora, segurando em suas mãos as versões finais das músicas de seu CD, com letras e partituras cuidadosamente escritas em computador, Leah sentia vontade de se jogar numa cama e dormir por um dia inteiro. Seus olhos azuis e cansados traíam sua disposição minguate, mas a promissora cantora ainda possuía obrigações a cumprir. Estava num restaurante típico mineiro, onde fazia uma ceia leve antes de sua próxima apresentação, num bar country logo no outro lado da rua. Era uma forte provação resistir aos torresmos, ao leitão à pururuca, à mandioca frita, ao feijão tropeiro, ao frango com quiabo e todas os outros pratos clássicos da região, todos dispostos em cima de um balcão do buffet. Mas escolheu uma sopa de cebola, por vários motivos: não queria ter indigestão em cima do palco, não queria nada que pudesse prejudicar sua voz, e também queria manter a silhueta bem fina. É verdade que nunca se preocupara em controlar sua dieta em Mirandópolis, mas não queria contrariar ordens do agente. Ele lhe disse que carregar bagagens de hóspedes queimava muito mais calorias do que compôr e ensaiar músicas, e que precisava se alimentar de acordo.

Leah achou engraçado pois, até então, não sentia como se estivesse trabalhando para valer. Há uma semana atrás, Leah acreditava que ser artista, ser modelo, ser cantora não era um emprego de verdade. Que qualquer um podia fazer pose pra foto, ou cantar num microfone. E, de certa forma, isso era verdade. Leah não via mérito nenhum em ser bonita ou em ter uma voz aveludada e agradável.

Por outro lado, ela passou os últimos dias compondo músicas e compor músicas lhe parecia algo completamente diferente. Era trabalhoso, demandava atenção, esforço, tempo e dedicação. Foram sete dias, incluindo os fins de semana, de trabalho intenso, de experimentações, de rascunhos jogados fora, de versões e mais versões, de aprimoramento.

Os consultores musicais que seu agente havia contatado tinham dado algumas dicas, sugerido algumas mudanças de tom, uma ou outra correção de rima, mas nenhuma mudança essencial. Leah não sabia o que achar disso: suas composições estavam quase perfeitas, então? Ou estariam elas além de qualquer conserto? Ou será que os consultores eram meramente preguiçosos? Não sabia como responder a essas perguntas, o que a preocupava um tanto. Ainda não se sentia totalmente confiante de gravar a versão definitiva das novas canções, embora tivesse que admitir que as mudanças melhoraram bastante e que, bem, até que ela levava jeito pra coisa.



Havia combinado de jantar com seu agente. Ele ainda não havia chegado ao restaurante, mas Leah já estava acostumada, pois ele era dado a atrasos vez ou outra. Sabia sempre que não deveria contar com a pontualidade dele em ocasião alguma, embora ele sempre chegasse, ainda que atrasado.

Olhou mais uma vez para as músicas. Os últimos dias em especial foram dias bastante produtivos para Leah. O episódio com Abel mexeu com ela, e a jovem cantora logo percebeu que uma maneira fácil de lidar com a situação e com as lembranças subitamente revividas era despejar toda a sua mágoa no papel e no violão. Falou do homem com quem tanto sonhara, do namorado corajoso e ambicioso, de como foi largada por ele e de como esse mesmo homem tornou-se apenas uma sombra do que era, apenas uma imagem envelhecida e apagada do homem que tanto admirava.

Do homem que ainda admirava.

Talvez o maior choque para Leah foi perceber que ainda sentisse algo por ele. Talvez, alguma pequena parte de seu ser havia aceitado vir para São Paulo porque havia uma minúscula chance de se encontrarem de novo. Um salto de fé. Claro que não esperava vê-lo daquela maneira, naquelas circunstâncias e principalmente com aquele desfecho, mas...

Leah foi interrompida no meio de seus pensamentos. Uma estranha figura se aproximara da mesa.

Um garotinho, de no máximo oito anos, surgiu ao seu lado com um guardanapo e uma caneta em mãos. Ele os estendeu na direção de Leah e começou a falar, com o tom pausado e cuidadoso de alguém que havia decorado uma mensagem muito importante:

– Tia, minha mamãe me pediu pra você me dar um autó... Autógrafo... Autrógrafo...

– Um autógrafo? – perguntou Leah, ao mesmo tempo encantada e espantada.

Nunca havia dado um autógrafo em sua vida. Como deveria assinar? Deveria assinar seu nome inteiro, ou apenas seu primeiro nome? Devia fazer isso com letra de mão ou de forma? Ou deveria escrever só um rabisco?

Inventou algo de cabeça. Escreveu Leah em letra cursiva, acrescentou umas firulas no fim do H e devolveu ao garoto, que saiu correndo em direção à mãe. Sua mãe pegou o guardanapo e, falando baixinho, deu uma bronca na criança, que voltou para a mesa.

– Obrigado, tia! – Disse sorrindo, antes de sair correndo novamente.

Leah sorriu. Não imaginou que já tivesse fãs que a reconhecessem de longe, fora de um show.

Por um momento, pensou se seria mesmo a coisa certa a se fazer, cantando músicas de mágoas, de decepções, de passado. Talvez devesse escrever mais músicas para animar a multidão, e não para deixá-la morosa. Talvez devesse fazer shows para que a plateia risse e comemorasse, e não para que a plateia chorasse.

Assim que a criança partiu, seu agente sentou-se à mesa. Sem cerimônias, ele logo perguntou:

– E aí, está preparada para seu último show antes do lançamento do disco?

## Capítulo XXII

A penumbra do beco ocultava a figura de Abel. Observava Leah de longe, sem que ela pudesse notar.

Foi por acaso que ele a encontrou jantando no restaurante mineiro. Viera vê-la uma última vez em seu show, mas por obra do destino a viu jantando em uma das mesas do lado de fora do restaurante, e notou sua presença sem que ela o percebesse. Mas agora que estava aqui, não sabia bem o que fazer.

Como ela reagiria se ele aparecesse novamente? Ela certamente deveria estar magoada pelo papelão que Abel passou, aquele dia, no camarim. Será que já estava perdoado? Ou será que ela nunca o perdoaria, da mesma maneira que ele não perdoava a si mesmo?

E mesmo se ela reagisse de maneira adulta e adequada, o que ele teria para dizer? Um simples pedido de desculpas não bastaria, não para compensar uma relíquia de família destruída e o susto que Leah levava. O que fazer, então, para provar seu arrependimento uma única e última vez?

No banco do passageiro de seu carro, estava uma pistola .38 bem conservada. Relíquia de uma época em que fizera curso de tiro, quando era apenas um caipira preocupado com a violência da cidade grande, apenas um adulto querendo se defender dos terrores que se escondiam nos becos escuros. Havia carregado apenas uma bala, e ela já tinha um destino certo: o céu da boca. Não conseguia mais suportar o peso do fracasso em seus ombros.

Seu pai certa vez lhe comentou de uma parábola sobre o cachorro e os dois ossos.

Nessa história, havia um cão que possuía um grande osso entre seus dentes. O animal estava a atravessar uma pequena ponte sobre um lago, a fim de enterrar seu espólio em um local adequado.

Entretanto, bem no meio da ponte, o olhar do cachorro foi atraído pela incrível reflexão da luz da lua sobre a superfície lisa e imperturbada do lago. O pequeno animal de cérebro pequeno, desprovido de qualquer conhecimento sobre ótica que todo adulto domina, ficou impressionado. Havia um outro cachorro na água, e ele tinha um osso tão grande quanto o seu! Quiçá, ainda maior!

O cachorro começou a grunhir, a ranger seus dentes, na esperança de espantar o outro cão e ficar com o osso dele. Qual não foi sua surpresa quando o outro cão respondeu na mesma medida, e também grunhiu e rangeu seus dentes!

Então, o cachorro latiu. Latiu apenas uma vez e seu osso soltou-se de sua mandíbula e caiu no lago. A mesma tragédia acometeu o cachorro rival, cujo osso também havia sumido. Agora, o pobre cãozinho estava sem nada.

Moral da história: quem muito quer, nada tem.

Abel acreditara nessa parábola, e foi ela que causou sua ruína. Acreditando que seria querer demais buscar sucesso profissional e levar junto sua namorada do interior, ele decidiu estabelecer prioridades e deixar Leah para trás. Se Abel tivesse tomado uma escolha diferente na época, permitindo que Leah viesse consigo para São Paulo, talvez toda essa história teria tomado caminhos diferentes. Ou talvez teria acabado no mesmo ponto. Como saber?

A verdade é que, neste momento, a vida de Abel estava arruinada em todos os âmbitos, inclusive o amoroso. Por mais que gostasse de Camila (e ele ama a mulher), sabia que seu coração ficaria para sempre balançado sempre que ouvisse qualquer notícia sobre Leah. Nunca mais poderia ter uma discussão sincera de sentimentos com sua futura esposa, com medo do que pudesse deixar escapar sem querer nessa situação.

Não sabia o que fazer para consertar a situação. Não podia fugir de onde estava, porque Camila não o acompanharia. Não podia simplesmente ignorar a existência de Leah, porque tudo indicava que sua fama só cresceria a partir de então. Não tinha para onde ir, não tinha o que fazer.

Decidiu, enfim, não fazer nada. Observou-a escrever um autógrafo para um garotinho, que saiu todo feliz da mesa, seu nariz escorrendo em um fio amarelado. Abel tomaria esse último encontro como uma despedida. Resolveria hoje todos os problemas, tanto os dele quanto os de Camila e Leah.

Nenhuma das duas merecia sofrer por uma pária como Abel.

E foi decidido assim que Abel começou a se afastar do beco e a voltar para seu carro.

Apenas começou, entretanto. Porque, no último instante, vira que alguém sentara à mesa com Leah. E era um rosto que conhecia muito bem.

Fala-se muito de ficar cego de fúria, mas isso não é lá bem verdade. Ninguém fica cego de fúria, porque seria como dizer que o furioso se enfurece com tudo e com todos. A fúria exige um alvo bem-definido, exige uma vítima de toda a raiva e de todo o ódio. A fúria não é como uma venda, que tapa os olhos do usuário. Não, seria mais exato dizer que a fúria é como uma viseira de cavalo, que restringe a visão e a foca num ponto específico diante do animal. A fúria não é cega: ela é surda.

O alvo da fúria de Abel estava bem à sua frente, no outro lado da rua. Descrente do que seus olhos viam, deu um passo para se aproximar e observar melhor, outro passo, e outro. Começou a andar, e a acelerar o passo ao descer da calçada e então a atravessar a rua correndo.

Correu até chegar à mesa e se lançar num dropkick contra o homem sentado à mesa.

Derrubou o homem, com cadeira e tudo no chão. Também caiu, mas aproveitou a surpresa de seu oponente para se levantar mais rápido e prendê-lo contra o piso de concreto. Queria gritar algo, mas apenas conseguiu urrar. O homem cobriu o rosto com os braços, tentando se defender da chuva de socos. Abel batia com força, sem sentir a dor em seus punhos, sem se importar com onde seus punhos atingiam. Não ouvia os gritos do público, não ouviu o berro de pavor de Leah, não ouviu o barulho da clientela inteira do restaurante saindo em disparada. Tudo o que via era o homem, deitado sob seus joelhos, se defendendo da surra. Tudo o que ouvia era seu próprio coração batendo a mil por hora, sangue pulsando em seus ouvidos e os sons de suas mãos se chocando contra carne e osso.

Bateu até se cansar, até ficar sem fôlego. Nesse momento, agarrou o homem pelo colarinho, balançando sua cabeça, forçando-o a se revelar.

– Mostra sua cara, seu canalha! Eu sei quem é você! Por que cê tá falando com ela, seu filho da puta?! Que história é essa, caralho?!

O homem mostrou seu rosto. Mesmo escoriado e vermelho, Abel reconheceria aquele rosto em qualquer lugar. Afinal, era um rosto que ele via todos os dias, há meses. Jogado no chão, Heinz não sabia como reagir, mas estava apavorado com o ataque.

– C-calma, Abel! Pare com isso!

– Desembucha, seu lazarento!

– Abel, vamos sentar e conversar, cara! Me solta! – disse Heinz, tentando se desvencilhar.

Em resposta à tentativa de Heinz de se soltar, Abel empurrou-o contra o chão, fazendo-o bater a cabeça. Puxou seu colarinho novamente, fazendo força para tentar sufocá-lo.

– Filho da puta! Cê tá armando pra cima de mim, é? Foi você que a trouxe pra cá, foi? Foi tudo uma arapuca sua, seu fidazunha?!

– PARA COM ISSO!

O grito de Leah silenciou Abel, que se virou. De pé ao lado dos dois, com as mãos sobre a boca, roendo as unhas, Leah estava aterrorizada com a violência súbita.

– Para de bater nele, Abel!

– Como você conhece esse japa desgraçado, Leah?

– E-ele é o meu agente, Abel! É ele quem arranja meus shows e meus ensaios de fotografia! Para de bater nele, ele não tem nada a ver conosco!

Aproveitando a distração de Abel, Heinz acertou um cruzado em seu rosto, um golpe potente que o fez cuspir sangue e um de seus dentes molares. Tentou escapar de sua posição, mas Abel agarrou o braço levantado do oponente e prendeu-o contra o chão. Ainda mais furioso, agora dirigia-se a ele.

– É verdade o que ela disse, seu desgraçado?

– Sim, Abel! Caralho! É o que eu estou tentando te dizer!

– É mentira, porra! Você trabalha comigo!

– E daí, cara? Tem muita coisa que dá pra fazer pelo computador da empresa e eu só cuido dos shows dela à noite.

– E como você explica isso? Como você explica que você é agente justo da minha ex-namorada, hein?

– Eu sei lá, caralho! Coincidências da vida!

Abel enfiou outro murro na cara de Heinz, com seu punho esquerdo.

– Coincidência é o meu ovo, seu cretino! Desembucha logo ou eu te mato! Cê tá armando pra cima de mim? Tem alguém armando pra cima de mim?

– Se liga, Abel! Não tem armação nenhuma! Você tá doido, cara! Tá paranoico!

Mais outro soco atingiu o rosto de Heinz, deixando sua bochecha direita ainda mais inchada. O homem carrancudo mal conseguia abrir seu olho direito agora.

– Conta logo a verdade! Conta, seu filho da puta!

Segurou o pescoço de Heinz com suas duas mãos, estrangulando-o. Ele estava escondendo algo. Armandando uma cilada. Querendo destruir seu relacionamento, sua carreira, sua vida.

Alguns segundos depois, ele estava morto.

Tão rápido quanto veio, a viseira da raiva também desapareceu num instante. Descrente do que havia feito, olhou para suas próprias mãos e para o rosto do morto.

Ele havia assassinado um homem.

Olhou para Leah, apavorado. Leah não parecia ter percebido ainda a gravidade da situação, mas estava apavorada demais para tentar fugir do local.

Uma multidão de clientes do restaurante e do bar o assistia, do outro lado da rua. Testemunhas.

Dentro do restaurante, via o gerente no balcão de pagamento de contas, falando ao telefone. Certamente era a polícia. Sem pensar, fugiu. Atravessou a rua e voltou pelo beco onde estava, despistando a multidão.

## Capítulo XXIII

Heinz precisava de dinheiro, e de dinheiro rápido.

Estava sem emprego. Acabara de terminar sua faculdade de engenharia, mas estava frustrado. Não conseguia achar um emprego que fosse digno de seus talentos, e se recusava a trabalhar em serviços meniais.

Ele era de uma família de empresários. Seu avô veio para o Brasil e construiu do zero sua própria empresa. Era um empreendedor, um grande homem. Queria ser como seu avô. Queria realizar grandes obras, fazer feitos memoráveis, ser lembrado em sua região.

Seu sonho, dizia aos amigos, era se tornar nome de rua. Era a prova máxima de que você era algo importante e que seria lembrado por várias pessoas por anos e anos.

Infelizmente, seus empreendimentos haviam falhado fortemente. Durante a faculdade, iniciara um projeto com um colega de faculdade: uma empresa para resolver certos tipos específicos de problemas computacionais e matemáticos do ramo do marketing, para analisar e projetar tendências da moda. Ele, naturalmente talentoso com programação, cuidaria da parte lógica e matemática. Seu colega, um rapaz eloquente e simpático, cuidaria da parte comercial de encontrar clientes e tentar vender seu produto, além da parte financeira.

Fizeram um protótipo. Apresentaram para uma empresa, que aceitou comprá-lo por um preço menor que o oferecido, visto que ainda não estava pronto. Com o feedback do cliente, aprimoraram o produto. Conseguiram vender sua versão nova para outros clientes. Chamaram um garoto para auxiliar em tarefas menores do software.

Tudo parecia correr bem, até descobrir algumas incongruências nas contas da empresa. Algumas somas não batiam, não se lembrava de algumas despesas. Confrontou seu sócio, que dizia não saber de nada. Jurava por Deus que estava fazendo toda a contabilidade da maneira correta, que os números batiam.

Vasculhou todo o arquivo da empresa. Encontrou diferenças similares em todos os livros-caixa desde a fundação da empresa. Sabia que deviam ter contratado um contador experiente ao abrir seu negócio, mas seu sócio lhe assegurara de que era mais do que capaz de fazer essa tarefa sozinho. Agora, Heinz duvidava dessa afirmação.



Decidiu ir mais fundo e, numa noite especialmente propícia, invadiu o laptop de seu sócio. Encontrou lá os verdadeiros livros-caixa, protegidos por uma criptografia bem vagabunda. Seu sócio estava desviando boa parte do lucro bruto da empresa para uma conta bancária em seu nome, e disfarçando com despesas falsas, com impostos inventados. Mas foi quando Heinz encontrou uma cópia escaneada de um documento de copyright, cedendo direitos autorais totais do código para seu sócio, que Heinz se enfureceu de verdade.

Passou todo o código-fonte do programa para um de seus pen-drives. Destruiu todo o resto. Varou uma noite deletando repositórios de código, triturando documentos de design. Apagou cuidadosamente seus rastros. Era como se o projeto nunca tivesse existido.

Mas não podia parar por aí. Por toda a madrugada, aprontou tudo que lhe passou pela cabeça e que estivesse ao alcance de suas habilidades. Aproveitou-se do sistema ineficiente de segurança do banco de seu sócio para entrar na conta dele e transferiu todo o dinheiro extra que acumulara para uma instituição de proteção a animais exóticos ameaçados de extinção. Protegeu os livros-caixa com uma criptografia de verdade, uma chave de 64 caracteres que levaria alguns milhares de anos com a tecnologia atual para ser quebrada. Trocou a senha do seu Facebook para um expletivo obsceno.

O único ponto dessa história de que guardava algum tipo de arrependimento foi de ter soltado na internet os vídeos íntimos de seu sócio com a namorada. A pobre garota não merecia toda a pressão que sofreu. Mas, é claro, Heinz não deixara rastros, e fizera tudo do computador de sua vítima. Quando a polícia investigou, não conseguiram concluir de qual computador os vídeos haviam sido mandados, embora isso fosse bem óbvio para a garota em questão.

Naquela noite, Heinz praticamente destruiu a empresa e, com ela, seus sonhos de ser um empresário tão famoso e bem-sucedido como seu avô. Descobriria três fatos da vida de uma só vez:

a) que não podia confiar em ninguém;

b) que criptografia é mais importante que tudo;

e c) que habilidades sociais são tão ou mais essenciais que qualquer habilidade tecnológica que fosse aprender.

No dia seguinte, seu sócio entrou no pequeno escritório da empresa e encontrou um envelope com o documento oficializando o rompimento da sociedade.

Heinz foi acusado judicialmente de ter destruído todos os bens da empresa propositalmente, mas acabou por vencer o processo por falta de provas. Ganhou uma pequena fortuna por danos morais, que o ajudou a se sustentar até o fim da faculdade. Mas havia terminado os estudos, e os lucros da empresa gerida por seu pai e seus tios eram apenas o suficiente para pagar as contas de casa. No fim das contas, seu empreendimento lhe custou todas as economias que seus pais haviam reunido.

Assim, Heinz precisava de dinheiro. Não para sobreviver, mas para ter outra chance de tornar-se um grande empresário. Desta vez, sozinho.

Foi quando um colega lhe contou de um site de empregos freelance. Talvez pudesse encontrar algum serviço rápido que pudesse lhe ajudar a dar a partida em seu novo empreendimento. Era pouco conhecido, então lhe alertou para tomar cuidado com os clientes que fosse aceitar. Não sabendo bem o que esperar, Heinz acessou o endereço e foi apresentado com uma longa lista de classificados, dispostos como no jornal. Cada anunciante não tinha muito mais do que 20 palavras para descrever sua oferta. Mais detalhes poderiam ser obtidos através de um sistema de contato do próprio site.

Heinz passou os olhos por todas as opções, mas nada lhe chamou muito a atenção. A maioria das ofertas eram para desenhistas, artistas gráficos, web designers. Não tinha muito talento para arte, embora tentasse de vez em quando tocar violão. Sua arte era a matemática; suas pinturas, suas equações; seus pincéis, seu código.

Até que encontrou algo bem diferente do resto. Uma das ofertas lhe chamou bastante a atenção, e que dizia o seguinte, de acordo com o layout do site:

## DETETIVE PARTICULAR

Preciso de um

detetive para investigar

meu passado e me ajudar

a obter vingança

Duração: 1 ano

Dedicação exclusiva

Riu da descrição. Alguém estava mesmo bem desesperado se estava disposto a chegar a esse ponto.

Não se conteve, e entrou em contato:

"Olá. Sou um detetive experiente, e estou livre para novos contratos. Meu preço é bem caro, mas você paga pelo que leva."

O que seria o pior que poderia acontecer, afinal? O lunático se irritar e o ameaçar de morte? Pouco tempo depois, naquela mesma madrugada, recebeu uma resposta.

"Dinheiro não é problema, mas preciso de uma prova de sua competência. Por favor, envie-me um portfólio de casos resolvidos."

Bem, Heinz não tinha clientes de verdade, e o único 'cliente' de suas investigações não parecia muito disposto a lhe oferecer uma recomendação. Mas entrou na brincadeira à sua moda: conseguiu acessar o banco de dados do site e obter os dados cadastrais de seus usuários. Descobriu que seu cliente se chamava Helcius, sua idade, seu endereço e até a forma de pagamento que utilizara para publicar o anúncio no site. Não se importou com números de cartões de créditos e senhas: daria muito mais trabalho, e de qualquer forma, Heinz não era um ladrão. Queria arranjar dinheiro de maneira limpa e dentro da lei (na medida do possível).

Enviou os dados para Helcius. Um dia depois, recebeu a resposta:

"Você está contratado. Retirei o anúncio do ar. Diga seu preço."

Heinz ficou genuinamente surpreso. Mais do que isso, ficou excitado. Não sabia onde essa história iria acabar, mas precisava ver o final dela. Pesquisou o nome de seu cliente na internet e encontrou centenas de referências aos seus pais, que aparentemente eram grandes investidores da bolsa, já falecidos. Ao que tudo indicava, Helcius era o herdeiro dessa fortuna. Ainda meio desconfiado de todo esse papo, resolveu chutar o pau da barraca para acabar com essa história.

"Um milhão de reais, pagos ao final do serviço ou ao final do período de um ano, o que vier primeiro."

Riu sozinho ao enviar a mensagem, por um bom tempo. Ninguém em sã consciência pagaria isso, não é mesmo? É coisa de filmes, pensou. Voltou a navegar pelas ofertas do site, quando uma nova mensagem apareceu em sua caixa de entrada.

"Muito caro e pode levantar suspeitas. Ofereço 100 mil ao aceitar o trabalho, 200 mil ao fim do trabalho. Pegar ou largar."

Um arrepio subiu pela espinha do jovem. Estava em seu quarto, com luzes apagadas, iluminado apenas pela luz do computador, ainda morando na casa de seus pais. Seria mesmo verdade que teria outra chance na vida? Outra chance de realizar o sonho e deixar seu avô orgulhoso? Seu avô, que escolheu pessoalmente seu nome, que acreditou em seu potencial desde o momento em que nasceu?

Mesmo receoso de ser tudo um golpe e apavorado com as possíveis consequências, Heinz aceitou o trabalho. Criou dois e-mails confidenciais em um serviço criptográfico gratuito, um para ele e outro para Helcius e pediu-lhe que passasse os dados do caso através deles. As contas de e-mail expirariam dentro de 72 horas, cobrindo seus rastros totalmente. Nessas conversas, utilizou a alcunha de Gafanhoto, inspirado em alguns de seus filmes de kung-fu favoritos. Pediu que Helcius também assumisse um nome falso para evitar problemas.

O caso era o seguinte: seu cliente havia perdido a memória no que dizia ser um acidente de carro. Entretanto, sempre suspeitou dessa história pois não tinha nenhuma cicatriz ou marca desse acidente. Acreditava que era alguma mentira de seus pais, que estavam querendo esconder-lhe a verdade. Infelizmente, seus pais haviam morrido e, com eles, boa parte das fontes de informação confiáveis. Agora que herdara recursos, decidira contratar um detetive para descobrir a verdade por trás da falta de memória.

Parecia simples o suficiente. Desenterrar o passado, tirar uns esqueletos do armário. Nada arriscado. Tudo bem fácil.

Suas pesquisas o levaram à faculdade que Helcius cursava no ano em que perdera a memória. Alguns registros indicam que seus pais trancaram sua matrícula no fim do primeiro semestre por motivos não revelados, mas aparentemente médicos. Percebeu também que seu nome era Heto na época. Interessante – por que havia trocado de nome? Estava fugindo de alguém?

Vendo que não extrairia mais nada dos arquivos da faculdade, passou a entrevistar colegas de classe. Teve sorte logo na segunda entrevista, com uma garota chamada Roberta, vulga Rô. Ela lembrava-se muito bem de Heto, de como ele era estranho e fascinado por uma garota e que a última vez que ela o viu foi numa festa de fim de semestre, após as provas. Ele entrou numa festa sem ser convidado, tentou tirar sua namorada de lá à força, mas apanhou de um rapaz bonito e foi expulso do lugar.

Nunca mais o viu depois disso. Agora que tinha uma data, resolveu parar de entrevistar alunos para não levantar mais suspeitas.

Às quatro horas da manhã em seu quarto, lendo boletins de ocorrência da época, Heinz se pegou divertindo-se com o ofício. Dos boletins de ocorrência, passou aos jornais. Também não encontrou notícias sobre Heto. Numa tentativa desesperada, começou a vasculhar os hospitais que disponibilizavam seus prontuários na internet e acertou em cheio.

Na noite seguinte à festa, um garoto com o nome Heto havia sido internado na Unidade de Tratamento Intensivo, por ter sofrido asfixiação auto-induzida. Em termos leigos, isso queria dizer que o garoto havia tentado se enforcar, mas não conseguiu quebrar o pescoço e quase morreu sufocado. Aparentemente, foi encontrado e socorrido a tempo pelos pais, mas seu cérebro ficara sem oxigênio por tanto tempo que sofreu sequelas irreparáveis. Possivelmente fora isso que ocasionara sua perda de memória, mas não encontrara detalhes mais específicos no prontuário.

Então uma briga numa festa fez seu cliente querer se matar, mas sua tentativa de suicídio falhou. Sofreu danos cerebrais, possivelmente perda de memória, e aí desapareceu por algum tempo. Vasculhou os cartórios da cidade, procurando documentos de troca de nome. Foi uma tarefa bem mais árdua, que exigiu bastante jogo de cintura mas encontrou o que queria. De fato, Helcius havia trocado seu nome alguns meses depois do ocorrido, com seus pais assinando como testemunhas, mas não havia nada na ata do processo que indicasse o motivo da troca de nome. Heinz supôs que os pais de Heto fizeram isso para afastá-lo de sua antiga vida, mas não havia como ter certeza. Com seu cliente desmemoriado e seus pais mortos, não havia mais ninguém daquele dia que pudesse saber o motivo. O juiz estaria fora de questão, lógico – nenhum magistrado que cuida de dezenas de casos parecidos todos os dias seria capaz de se lembrar deste caso específico.

Agora só restava a Heinz descobrir quem eram os culpados pelo acontecido. Já tinha seus nomes, Abel e Camila, e através do sistema da faculdade, descobriu seus endereços. É tudo tão fácil, pensou. Questão de apenas de teclar algumas poucas palavras e presto! Talvez esse seja o ramo que deveria seguir. Talvez não tivesse nascido para ser um grande empresário, como seu avô, mas ser detetive particular também não lhe soava nada mal.

Vigiou por dois dias o endereço onde Camila morava, na região do ABC paulista, mas não viu ninguém que batesse com os dados da faculdade ou com a descrição que sua informante fofoqueira do campus havia lhe dado. Decidiu deixar o caso de

lado por um momento e ir investigar o endereço de Abel. Aconteceu-lhe o mesmo: dias de tocaia à porta do prédio e nada.

“Hora de botar minhas habilidades sociais à prova”, pensou Heinz.

– Oi, moça! Tudo bem? – disse Heinz para uma senhora, pouco antes de ela entrar no prédio. Falou de maneira alegre e descontraída, para não chamar a atenção nem parecer ameaçador.

– Olá?

– Viu, você sabe se nesse prédio mora alguém chamado Abel?

– Abel?

– É, Abel, conhece? Sou colega de faculdade dele! Vim fazer uma entrevista de emprego aqui por perto e decidi dar uma passada na casa dele, mas eu esqueci o número do apartamento. A senhora sabe onde ele mora?

– Ah, você deve estar falando do meu sobrinho, então!

– Será, minha senhora? Ele fez faculdade de administração e se formou esse ano?

– Isso mesmo! Só pode ser o Abel!

– Ora, mas que sorte que eu dei então, hein? – disse Heinz, rindo para si mesmo.

– É, mas é que infelizmente ele não mora mais aqui, sabe?

– Ah, não? Puxa, que pena... Faz tempo que eu não falo com ele.

– Pois é, depois que ele arranhou um emprego ele decidiu ir morar com a namorada lá no centro, pra ficar mais perto do trabalho. Além disso, garoto da idade dele quer ser independente, sabe como é, né?

Heinz pensou rápido e decidiu arriscar um chute.

– Ah, ele ainda está namorando com a Camila?

– Sim! É um amor de garota, ela. Os dois são um casal tão bonitinho!

Bingo.

– Puxa vida, faz tempo que eu não vejo ela também!

– Ah, quer que eu te passe o endereço? Tem papel e caneta aí?

Finalmente! Não queria pedir o endereço para não parecer intrometido e estragar o disfarce, preferindo esperar que a própria senhora lhe oferecesse o que queria.

– Ah, claro! Quero, sim! Espera eu abrir aqui o programa no meu celular!

O novo endereço de Abel matou dois coelhos com uma cajadada só. Viu ambos entrarem no prédio em momentos diferentes do dia. Abel trabalhava um turno das 8h às 18h, enquanto Camila raramente repetia o mesmo horário duas vezes, e não raro chegava de madrugada no apartamento. Nos quatro dias em que ficou espionando, viu os dois juntos apenas uma vez. Notou que não andavam de mãos dadas, embora conversassem animadamente sobre algum assunto. Não fosse por um beijo rápido que trocaram esperando o sinal de pedestres se abrir, nem suspeitaria que estavam namorando.

Heinz compilou um relatório com todas as informações e descobertas. Incluiu todos os detalhes que pôde encontrar, mas fez questão de usar nomes falsos. Usar os nomes verdadeiros das pessoas envolvidas poderia lhe causar algum problema com a Justiça, caso esse documento caísse em mãos erradas. Também acrescentou o número de uma conta bancária virtual, através da qual conseguiria transferir o dinheiro para sua conta sem ser rastreado. Com esse montante, poderia muito bem começar um novo empreendimento. A vida de detetive era emocionante, alucinante, mas não sabia se iria se sustentar a longo prazo. Quanto tempo levaria até conseguir um novo caso desses?

A resposta de Helcius veio alguns dias depois.

"Depósito efetuado na conta bancária, conforme combinado. Deve aparecer no seu saldo nos próximos dias, se entendi bem. Quanto aos nomes falsos, eu não me importo tanto. Meu interesse é na verdade. Agradeço o esforço na coleta de informações. Gostaria de saber se estaria interessado em um segundo trabalho, de uma natureza um pouco diferente desta."

Uau. Isso foi rápido. Heinz não pensou duas vezes e respondeu que sim. O empreendimento podia esperar.

## Capítulo XXIV

Camila abriu a centrífuga, retirou as vinte amostras de sangue, marcou o rótulo de cada uma delas em um local específico que indicava que estavam centrifugadas e colocou-as de lado, junto com mais uma infinidade de outras amostras. Pegou mais vinte amostras de sangue ainda não testadas, colocou-as na centrífuga e fechou o aparelho, tomando cuidado para lacrar adequadamente. Ligou o processo de centrifugação pesada em sentido único. Sentou-se em sua cadeira e puxou o caderno de sudoku. O processo demoraria 10 minutos.

– Se esta fileira tinha o 9 e aquela fileira estava preenchida, então o 9 só pode estar... Merda.

Camila puxou sua borracha e apagou seu erro. Estava preocupada. Abel não apareceu em sua casa na noite anterior. Ele nunca foi de sumir sem deixar recado e seu celular não respondia. Perguntou a Aloísio do paradeiro dele, mas o pobre porteiro não sabia de nada. Ela sabia que Abel estava angustiado por ter perdido o emprego, mas tentou lhe dizer que encontrar emprego demanda tempo, que essas coisas não são rápidas na cidade grande, apesar de todo mundo sempre estar com pressa. Abel não a ouviu.

Não era a falta de uma segunda fonte de renda que a preocupava. O emprego de Camila era o suficiente para pagar as contas da casa até que ele arranjasse um emprego e, de qualquer forma, já estava morando de favor há tanto tempo que se sentia responsável por retribuir toda a hospitalidade. O que a preocupava era a disposição, a energia de Abel. Sem motivação, temia que ele fosse fazer alguma loucura.

O alarme da centrífuga soou. Camila deixou a revista sobre a mesa e pousou seu lápis e sua borracha ao lado, com cuidado para que não escorregassem da mesa lisa.

Abriu a centrífuga, retirou as vinte amostras de sangue, marcou o rótulo de cada uma delas, colocou-as de lado, pegou mais vinte amostras, colocou na centrífuga, fechou o aparelho, ligou o processo, voltou à sua cadeira.

“Calma,” pensou Camila. “Não aconteceu nada de errado.”

– Se aqui só pode ser o 5 e o 7, e o 5 só pode estar nesta linha, então... Espera, não, o 5 já está nessa linha, então... Argh, tem dois 5's nesta linha. Merda.

Com cuidado, apagou todo o desafio e recomeçou do zero.



Tinha alguma outra coisa que ainda a incomodava. Essa tal de Leah. Certo, tinha que admitir, a garota era uma graça, e cantava muito bem, e sabia tocar violão direitinho, e tudo o mais... Mas ainda não engolia que ela e Abel tinham um caso. Ou que Abel se descontrolara daquela maneira por causa dela.

– Neste quadrante já tem o 1, o 2, o 3...

Será que é isso? Será que Abel havia fugido com ela?

Não, claro que não. Ele não largaria o apartamento e todas as suas coisas para trás por causa dela.

Ou largaria?

Sim, era ciúmes. Tinha ciúmes da ex-namorada de seu namorado, oras. Há algo de errado nisso, por acaso? Quem ama, cuida!

O alarme da centrífuga soou. Camila fechou a revista com o lápis e a borracha dentro, marcando a página. Abriu a centrífuga, retirou amostras, marcou rótulos, deixou-as de lado, pegou amostras, colocou na centrífuga, fechou o aparelho, ligou o processo, sentou-se novamente.

Decidiu tentar outro desafio da revistinha. Pulou os "A César o que é de César" – não estava com cabeça para lógica no momento. Ficou num caça-palavras, mesmo. Caça-palavras mais memória do que raciocínio, e era exatamente disso que precisava agora.

Queria poder ouvir música no trabalho, mas muitos dos aparelhos emitiam alertas sonoros e era necessário estar sempre atenta a eles. Chegou a tentar negociar o uso de apenas um dos fones de ouvido, mas sem sucesso.

Alguém batia à sua porta. Camila avisou que poderia entrar, mas para tomar cuidado com a bancada. Cautelosamente, Giorno entrou na sala do laboratório.

– Boa noite, Camila. Como estamos?

– Boa noite, Giorno. Vai tudo bem por aqui. Mais uma hora e eu acabo de centrifugar esta leva de amostras e passo pra análise.

– Perfeito. Era exatamente disso que eu queria conversar com você.

– ...Sim?

– Bem, diz respeito à amostra de número... – Giorno hesitou por um momento e então puxou uma pequena papeleta rasgada do bolso de seu colete. – Número 7-15, sim.

– Bom, o lote 7 está ali, então a amostra 7-15 deve ser uma daquelas. O que tem ela?

– Quando for fazer a análise, fui orientado a pedir-lhe para tomar um cuidado... "especial" com ela.

– Orientado, Giorno? Por quem?

– Isso não vem ao caso agora, minha cara. Nem se eu pudesse lhe revelar, eu faria isso, para o seu próprio bem.

– Tá, mas que espécie de cuidado especial?

– Eu gostaria que você pensasse duas vezes em sua análise se essa amostra em específica não seria o caso de, digamos, você rejeitar a hipótese nula, se é que você me entende.

– Giorno, eu sei onde isso quer chegar e não gosto do que você está falando.

– Eu não estou falando nada, minha cara. Estou apenas lhe dizendo para prestar bastante atenção no procedimento, em especial com a amostra 7-15.

– Tudo bem, Giorno. Que seja, vou prestar atenção. Mais alguma coisa?

– Nada. Quanto tempo estima que levará a análise?

– Uma hora para centrifugar, mais umas duas ou três analisando, dependendo dos resultados.

– Muito bem. Avise-me quando terminar. Esse material é bem... sensível e confidencial.

– Claro, Giorno.

O italiano saiu da sala, deixando Camila novamente a sós.

O alarme soou mais uma vez, e Camila repetiu o procedimento: retirar, marcar, guardar, pegar mais, colocar, fechar, lacrar, ligar.

O lote 7 seria o próximo na fila de centrifugação. Eram doze lotes ao total, cada um com 20 amostras, num total de 240 frascos de sangue. Eram amostras pequenas, de 5 a 10 mililitros cada. Parece pouco, mas muitas vezes é tudo que uma equipe de investigação consegue coletar de uma cena de crime. Para analisá-las, era preciso

primeiro separar os leucócitos, as células brancas do sangue, das hemácias e das plaquetas. Isso é feito porque os leucócitos são as únicas células do sangue que possuem DNA. Para efetuar essa separação, o sangue passa por uma centrifuga, onde é girado em alta velocidade e é separado em seus componentes, graças às diferentes densidades dos diversos tipos de células do sangue. Para lidar com amostras tão pequenas, é necessário utilizar uma centrífuga mais precisa e mais cara, e a única centrífuga do tipo do Setor B2 estava na sala de Camila.

Após a centrifugação, é efetuada uma análise comparativa de DNA, onde é possível identificar com certa precisão a quem pertencia cada uma das amostras, através de um banco de dados de DNA que o laboratório possuía. Esse era um dos grandes empecilhos da técnica – o banco era incompleto, e o principal motivo disso é que o banco era, de certa forma, ilegal. Sabendo que a população nunca se sujeitaria de livre e espontânea vontade a se submeter a um cadastro nacional de DNA, empresas como o laboratório do Setor B2 eram muitas vezes obrigadas a recorrer a métodos “não-ortodoxos” de se conseguir informações. Basicamente o que tinham era uma espécie de "convênio secreto" com bancos de doadores de sangue, laboratórios clínicos e hospitais para coletar amostras e dados cadastrais. Seu banco não cobria nem mesmo 1% da população brasileira, mas era bem abrangente no estado de São Paulo, onde as diversas campanhas de doação de sangue costumam ser mais populares. É claro que isso não valeria como prova em um tribunal, por motivos óbvios, mas era uma maneira que a polícia tinha de descobrir em qual suspeito focar seus esforços.

Em geral, apenas dois ou três frascos do conjunto eram amostras de verdade. Todas as outras eram amostras falsas, recolhidas do banco de sangue. Serviam para eliminar o viés de confirmação da análise. Um cientista com apenas uma amostra teria uma chance muito maior de encontrar uma relação entre dois dados do que um analista com cem amostras. Se o cientista em questão não sabe o que está procurando, tem menos chance de encontrar sinais falsos.

Mas agora Camila sabia o que estava procurando. Sabia exatamente qual das 240 amostras tinha o que estava procurando, seja ela qual for.

Era a primeira vez que Giorno lhe fizera um pedido tão direto. Era a primeira vez que Giorno havia ignorado o protocolo de pesquisa e passado por cima das boas práticas. E o que significava "tomar cuidado", afinal? Assegurar que encontraria uma relação entre os dados? Ou assegurar que NÃO encontraria?

Outra batida à porta. Desta vez, era o segurança da entrada, que veio lhe avisar que seu celular estava vibrando. Correu para a porta, mas, ao chegar lá, a ligação já havia caído. Não reconheceu o número, mas era um telefone celular. Imaginou que fosse trote.

Deu meia-volta para retornar ao trabalho quando o celular vibrou de novo. Ouviu uma respiração forte do outro lado da linha, que não disse nada. Arriscou começar a conversa.

– Alô? Quem é?

– Camila. Está sozinha aí?

Era Abel. Parecia ofegante, cansado, nervoso.

– Abel?! – disse Camila, surpresa, e depois baixando a voz: – Abel, onde você está? Você sumiu!

– Camila, escuta bem o que eu vou te dizer. Não acredite em nada que disserem sobre mim. – falou Abel, com dificuldade. Parecia estar com um peso no peito, falando várias palavras de uma só vez, fazendo pausas no meio de sentenças.

– Do que você está falando, Abel? Ninguém me falou nada sobre você. Eu não fazia ideia de onde você tinha ido!

– Camila, a polícia vai falar com você, mais cedo ou mais tarde. É tudo mentira. Eu não matei ninguém. Não acredite neles.

– Abel, que papo é esse?!

– Preciso ir. Isto é um adeus. Não acredite neles.

– Abel!

A ligação caiu. Camila tentou ligar de volta, mas o número estava desligado. Apertou o celular contra o peito, angustiada. Precisava fazer algo, mas o quê?

Primeiro, precisava terminar sua parte e sair logo de lá.

O alarme da centrífuga soou por mais cinco vezes, em intervalos de 10 minutos cada. Camila esperou apreensivamente pelas centrifugações acabarem e então iniciou o processo de análise. Cada análise demora uma hora para ser efetuada, mas a parte computacional é responsável por 95% desse tempo. O trabalho de Camila era apenas depositar a parte interessante da amostra em Placas de Petri para um lote inteiro,

dispor as placas de uma determinada maneira numa bandeja e inseri-la no dispositivo de análises. Levava apenas 5 minutos por lote, e podia processar vários lotes ao mesmo tempo, graças ao sistema de computação distribuída do seu laboratório. A 5 minutos por lote, Camila levava exatamente uma hora para processar os 12 lotes, tempo o suficiente para já receber os primeiros resultados. Daí em diante, é uma questão de aprovar cada um dos 240 resultados recebidos, ou re-enfileirar uma segunda análise com parâmetros diferentes.

Camila nunca havia sido tão eficiente em sua vida de trabalho. Queria acabar logo com sua tarefa para poder procurar seu namorado desaparecido. Fez seu melhor tempo nas análises desde que entrou no emprego. Funcionou como uma máquina, tentando ignorar suas pernas que começavam a vacilar, a tremer de nervosismo.

Chegou enfim ao fatídico lote 7. Aprovou 13 análises, reprovou uma para análise posterior, e chegou à amostra 7-15. O computador identificou a amostra como pertencente a um tal Abelardo.

“Não! Não pode ser! Por que justo ele? Por que justo nessa amostra? O que isso significa?”

“Será que é uma brincadeira? Será que Giorno e Abel haviam tramado para colocar uma amostra falsa e me assustar? Não, não pode ser, eles nem se conhecem direito...”

“Será que é um teste, então? Um teste de fidelidade à empresa? Alteraram o cadastro de uma amostra pra se fazer passar pelo Abel? Trocaram a foto do verdadeiro culpado pela dele? Querem saber se eu estaria disposta a acusar meu próprio namorado pelo meu emprego?”

“Ou será que isto é mesmo verdade? Estou com uma amostra de Abel aqui, em minhas mãos? Qual é a chance de isso acontecer? E por que Giorno me avisou disso? Será que ele só queria me avisar da amostra correta, ou será que ele sabia quem era o acusado?”

Ficou dividida, principalmente depois da última ligação de Abel. "Eu não matei ninguém", ele disse. E se estiverem investigando esse caso? E se esse caso tiver a ver com o sumiço do Abel? Isso vai incriminá-lo?

Ficou dividida. Não sabia o que seus chefes esperavam da análise. Não sabia se queriam que ela o inocentasse ou o acusasse. Não sabia nem mesmo se esse resultado valeria alguma coisa. Na dúvida, solicitou uma segunda análise e voltou a trabalhar em outros resultados.

Uma hora depois, o resultado ainda era o mesmo. A pequena porção de sangue centrifugada naquela placa corria pelas veias do sr. Abelardo.

Não tinha mais como escapar. Tinha que tomar uma decisão. Aprovar a análise e incriminar Abel, correndo o risco de perder seu emprego, ou adulterar o banco de dados, inocentando Abel e pondo em risco a carreira que trabalhara tanto para ter?

Meia hora depois de reflexão, Camila decidiu-se. Terminou a análise do lote, enviou os resultados para Giorno e foi embora do laboratório imediatamente, sem se despedir de ninguém. Queria chegar o quanto antes em sua casa e tentar encontrar seu namorado.

Ele precisaria de ajuda.

## Capítulo XXV

– E então, pronta para dar seu depoimento?

O barulho da delegacia de polícia era infernal. Toques de telefone, impressoras, passos, conversas, discussões, os berros de criminosos presos, os lamentos de vítimas apavoradas. No meio de todo esse caos, duas pessoas se encaram, cada uma delas sentada de um lado de uma mesa atulhada de papéis. Leah não conseguia saber qual era a cor da mesa, pois a papelada cobria cada centímetro do móvel. Apenas o monitor do computador elevava-se acima de todo aquele caos e desorganização. Já a posição do telefone só era sabida pela pequena lombada que formava nas dunas de sulfite.

No outro lado da mesa estava o delegado de plantão naquela noite, encarregado do caso de tentativa de assassinato que se dera naquela noite, em um tradicional restaurante de comida mineira da cidade. Ele chegou uma meia hora depois da primeira viatura e ajudou a avaliar a situação. Havia duas mesas e algumas cadeias tombadas numa certa região, um homem caído e uma mulher em prantos. O homem caído, um japonês baixinho e troncudo, aparentemente ainda estava vivo, embora desacordado. Pelas marcas vermelhas em seu pescoço, alguém havia tentado estrangular o rapaz, mas não foi até o fim. Seu coração ainda batia, embora seu pulso fosse tênue. Checou com a primeira viatura, e confirmou que o dono do estabelecimento já havia chamado uma ambulância.

A outra mulher, uma loira esbelta com uma enorme trança de cabelo que já não se via com tanta frequência na cidade, era ainda mais intrigante. Pelos relatos de testemunhas, ela jantou sozinha a maior parte do tempo até a vítima chegar e se juntar a ela. Uma das testemunhas mostrou um autógrafo, assinado pela garota que aparentemente se chamava Leah, escrito naquela mesma noite. Essa testemunha afirma ter visto o começo do acontecimento, mas que depois fugiu para proteger seus filhos. Disse que, pouco depois do japonês sentar-se à mesa, um homem atravessou a rua correndo e se jogou em cima da vítima, acertando o peito do rapaz com os dois pés ao mesmo tempo.

Infelizmente, era tudo o que sabia até então. Todas as outras testemunhas fugiram, apreensivas, temendo o que quer que aquele maluco fosse fazer. Por estranho que possa parecer, Leah não fugiu e ficou ali, ao lado dos dois homens, observando a briga. O gerente do restaurante também não fugiu, mas manteve uma distância segura o suficiente para não ser notado, e para não notar nada em grandes detalhes.

Agora, não tinha como prosseguir com as investigações. A vítima estava desacordada e sabia-se lá quando é que ela estaria pronta para relatar sua versão do ocorrido. O gerente e as outras testemunhas davam apenas descrições vagas do agressor, visto que seu campo de visão estava obstruído por outras mesas e pelos pilares do restaurante. Restava-lhe apenas Leah para ajudar a identificar e perseguir o sujeito.

E Leah recusava-se a dizer uma palavra sequer.

– Pois bem, mocinha, vai nos ajudar ou não?

– Vocês estragaram o meu show. Tive que cancelar e desapontar um monte de gente. Eu ia cantar uma música nova hoje! Uma música que ia pro meu álbum! – respondeu Leah, emburrada.

O delegado pinçou o alto de seu nariz com os dedos indicador e polegar de sua mão direita, massageando a região, tentando amenizar a dor de cabeça que sentia.

– Leah... Por que você não colabora? Tem medo que o agressor venha revidar?

– Não tenho medo de nada! Só estou muito braba que vocês cancelaram meu show! Vocês podiam muito bem ter deixado eu fazer o show e DEPOIS me chamar pra dar depoimento na delegacia!

– Você sabe que isso não é possível, minha cara. Se você tiver culpa no caso, poderia aproveitar a ocasião para fugir.

– O quê?! Está me acusando de ser a criminosa?!

– Não, estou apenas discutindo uma hipótese. De qualquer forma, você estava lá, você viu o que aconteceu. Por que não me conta sua versão e eu te libero pra ir pra casa?

– Agora, você vai me liberar? Depois de me sequestrar e me fazer esperar duas horas aqui?!

Ela era irredutível, mas era bem óbvio que não era à toa. A pirraça, a teimosia dela, eram perceptivelmente falsas, sinal de que escondia algo.

– Deixa ver se eu acerto... Nem precisa responder nada. Você conhece o agressor, não é?

Bingo. Se havia aprendido alguma coisa com esses programas de TV sobre mentalistas e leitura de mente, é que a maneira mais fácil de ler a mente de uma



pessoa é fazer um chute e observar a reação inconsciente dela. No caso, Leah apertou um pouco os lábios e arregalou de leve os olhos, provando ao delegado que estava no caminho certo.

– E bem, se você conhece o agressor e conhece a vítima... – disse o delegado, sorrindo. Era importante continuar o blefe até dobrar o interrogado. – Então é possível que o agressor também conheça a vítima, acertei?

Leah desviou o olhar para a direita, onde não havia nada de interessante para ser olhado. Também segurou o braço esquerdo com a mão direita, demonstrando apreensão.

“Parece que estou no rumo certo aqui. O que será que ainda consigo extrair dela?”

– Bom, então vocês três se conheciam... Interessante, interessante.

O delegado puxou uma das folhas de papel que estava por cima da pilha e passou os olhos, soltando suspiros de surpresa ocasionais. Já havia decorado a compilação de testemunhas das outras vítimas, mas o teatrinho era necessário para deixar a interrogada ansiosa, na expectativa.

– Olha, pelos meus relatos aqui das outras testemunhas, o rapaz parecia bonito, bem-apeado, e chutam que ele tinha lá uns 20-25 anos. Quantos anos você tem?

Silêncio.

– Ah, não quer me responder? Não tem problema. Você informou seu RG quando chegou aqui, então posso ver pelo sistema.

Teclou o número de registro geral da garota no computador, cujo monitor estava virado para ele apenas, e esperou. Quando a resposta chegou, ele disse:

– Pois veja que coincidência! Você está na mesma faixa de idade, não é?

–Eu não gosto que você fique fuçando na minha privacidade sem minha autorização. Deve ter alguma lei contra isso.

– Olha só, srta. Direitos Humanos, eu estou te fazendo perguntas completamente razoáveis e você não está respondendo porque não quer. É seu direito, eu sei, mas não venha reclamar. Além disso, buscar sua idade pelo seu RG não configura quebra de privacidade. Baixa a bola, franguinha.

Leah estava contrariada, seu rosto ruborizado de raiva e vergonha. O delegado resolveu partir para o golpe final, dar o chute mais provável naquela situação e

acabar logo com aquilo. Queria fechar o caso, mandar seus homens procurar o tal cidadão e ir tomar um banho. Mas antes, tinha que quebrar a defesa da testemunha.

– Leah, você sabe qual é o maior motivo de assassinato no país?

– Dinheiro?

– Perto. Chegou muito perto. Latrocínio é o segundo maior motivo. Sabe qual é o primeiro?

– Não, num sei.

– Crimes passionais, senhorita. Amor é a maior causa de assassinatos neste país. Irônico, não?

– Onde você quer chegar com isso?

– Ora, é bem óbvio. Vocês três tinham mais ou menos a mesma idade e se conheciam, então não é nenhum absurdo acreditar que dois de vocês tinham um caso. Aí, basta incluir o terceiro pé do triângulo amoroso e pronto, temos a receita pro desastre.

– Como é que é?!

– Vamos, Leah, diga logo. Qual deles era o namorado e qual deles era o amante? Foi o amante que morreu, né?

Sem pensar, Leah deu um tapa na cara do delegado, que silenciou toda a delegacia por um breve instante.

– Quem você pensa que eu sou, hein, seu delegado? Que eu sou algum tipo de meretriz? Que eu sou uma mulher da vida, uma Dona Flor com dois maridos? Quem é você pra insultar a minha honra desse jeito, hein?

Era uma reação sincera. O delegado percebeu que havia dado uma bola fora e havia pago caro pelo deslize.

– Ora, senhorita, era só uma hipótese, é claro que eu não achava que...

– Achava, sim! Você acabou de dizer que eu tinha um 'amante'! Que absurdo, seu delegado! Eu nem tenho namorado, imagine dois deles!

– Então você não tinha relacionamentos amorosos com nenhum dos dois rapazes? Você confirma essa informação?

– Ô, se confirmo! O Heinz era só o meu agente, e o Abel era só um amigo de infância meu! Nós não...

Na mosca.

– Abel?

– N-não, eu disse B-Beto! O nome dele é Beto, e ele é só um amigo de infância que...

– Olha, eu acho que ouvi Abel, hein?

– O senhor está surdo, Sr. delegado! Eu disse Beto!

– Ô, Moreira, me faz um favor? – disse o delegado, virando-se para um homem que sentava numa mesa próxima. – Faz uma lista de todo mundo que nasceu nesta época aqui em Mirandópolis e que se chamem Abel? Não deve ser muito grande, Abel é um nome bem incomum...

– É pra já, capitão! – respondeu Moreira, prontamente.

– Delegado! Não perca seu tempo! O nome dele é Beto! – gritou Leah.

– Castro, como está a nossa vítima? – perguntou o delegado para um policial que se aproximara.

– Ainda desacordada, senhor, mas já temos identificação e documentos. – respondeu Castro, detendo-se por um momento atrás da cadeira do delegado.

– Ótimo. Já sabemos onde ele trabalha?

– Sim, senhor. Por quê?

– Dá uma ligada pros colegas de trabalho da vítima, vê se alguém conhece o nome Abel.

– Agora, senhor? Mas já são 23:00! Não acha que é meio tarde pra sair ligando por aí?

– Não mesmo. Anda logo com essas ligações, vai?

– Sim, senhor.

O delegado voltou sua atenção para Leah novamente. Como se estivesse sentindo um frio súbito, Leah estava abraçada a si mesmo, olhando para baixo. Sentia um pouco de vergonha de usar essas técnicas contra pessoas inocentes, mas era

necessário para o bom andamento de sua delegacia. Além disso, era o pouco de diversão que ainda restava em sua vida, e aí de quem tentasse lhe tirar esse prazer.

– Sr. delegado... O que vai acontecer com o agressor? Ele vai ser preso?

– Bom, depende. Ele agrediu o japonês, quase matou o próprio coitado. Depende bastante do julgamento, se o juiz vai decidir que ele teve a intenção de matar ou não. Além disso, ele terá que ser julgado por não ter prestado socorro à vítima, mas isso em geral acaba resultando apenas numa multa. E sempre tem a possibilidade da vítima simplesmente retirar as queixas e aí com certeza nada acontece. De qualquer forma, precisaremos do seu testemunho no julgamento, e espero que você esteja disposta a participar.

– Não.

– Não?

– Não vou oferecer testemunho. Vocês que se virem pra provar quem foi que fez o quê. Perguntem pro Heinz, sei lá. Mas eu vou exercer o meu direito de ficar calada.

– Você sabe que, dependendo do juiz, ele pode interpretar essa sua recusa como "acobertamento de crime" e te prender como cúmplice, né?

Leah engoliu em seco.

– Eu não me importo. Eu não vou falar meu testemunho, nem que isso me custe caro assim.

– Bem, Leah, então acho que já terminamos por aqui. – disse o delegado, levantando-se e estendendo a mão para a garota. – Espero sinceramente nunca mais te ver de novo.

– Até que enfim. – disse Leah, também levantando-se e ignorando o aperto de mão do Cameron.

Na saída, o delegado ainda fez questão de lembrar, gritando com um sorrisinho malicioso:

– Ei, Leah! Obrigado pelas dicas! Ajudaram bastante!

Leah nem se dignou a virar, respondendo à brincadeira do delegado com um dedo do meio.

Não queria proteger Abel, mas queria conversar com ele antes que ele fosse preso ou se entregasse. Por que ele estava agindo dessa maneira tão estranha? Como ele conhecia Heinz, e por que ele o atacou daquela maneira?

Leah ainda via Abel da mesma maneira que o via quando se separaram: um garoto bonito, ambicioso, cheio de sonhos e de planos. Era estranho ver esse novo Abel, um homem mesquinho, apavorado, violento, substituindo o homem com o qual sonhou por tanto tempo após a separação.

Teria sido a vida na cidade, a competição nos estudos ou no trabalho, que o mudou tanto? Ou será que ele sempre foi egoísta e agressivo, mas nunca se dera conta, e lembrava-se apenas de uma imagem filtrada pelas lentes da nostalgia?

De qualquer forma, queria pôr a história a limpo. Queria entendê-lo, queria livrá-lo de seu sofrimento. Quanto ao Heinz, ela daria um jeito de convencer o agente a retirar a queixa e deixar tudo como era.

Mas como encontrar Abel, em meio às milhões de pessoas de São Paulo? E como encontrá-lo antes que a polícia o encontre?

## Capítulo XXVI

Garoava em São Paulo.

Os planos de Camila eram bem simples e claros. Ia passar na casa de Abel, trocar de roupa, tomar um banho e sair em busca dele. Iria começar perguntando aos seus colegas de trabalho, tentar descobrir seu último paradeiro conhecido, e depois procurar nos lugares que sabia que Abel frequentava: o bar próximo ao trabalho, seu restaurante favorito e... só.

A caminho do prédio, Camila aos poucos se deu conta de como conhecia mal seu namorado. Não conhecia seus amigos pessoais, não sabia de seus hobbies, não sabia o que ele gostava de fazer de fim de semana. Mas uma coisa de cada vez. Quem sabe se seus colegas de trabalho não podiam lhe dar alguma sugestão, alguma dica?

Esse era o plano de Camila. Mas, como o pai de Abel costumava dizer (e Abel adorava repetir): o homem planeja, e Deus ri.

Ao chegar no saguão do prédio, Camila correu para o elevador, mas foi interrompida por Aloísio, que parecia um pouco preocupado.

– Dona Camila, tem uma visita pra senhorita. Está esperando há algumas horas, ali no saguão. Eu não sabia quando a senhora ou o senhor Abel fosse chegar, então pedi pra ela esperar, mas...

Visitas? Camila nunca recebia visitas. Suas amigas sequer conheciam aquele endereço. Espantada, Camila virou-se.

Em uma poltrona marrom, de braços altos, Leah dormia, cabeça apoiada num dos braços, encolhida em posição fetal. Estava coberta por uma jaqueta jeans, e carregava consigo apenas uma bolsa.

– Quanto tempo faz que ela está aí? – perguntou Camila.

– Olha, dona Camila, meu turno começou às 10:00 hoje e ela chegou pouco depois... Faz umas 5 horas então.

– Ela disse o que ela queria fazer aqui?

– Só disse que queria falar com o senhor Abel. Ela parecia bem cansada, tinha cara de quem virou a noite acordada. Como eu não conheço a moça, não sabia se mandava embora ou não...

Aloisio parecia constrangido. Temia ter feito a escolha errada, ter deixado um estranho permanecer no prédio ao invés de expulsá-lo.

– Não, não. Você fez certo, Aloísio. Deixa que eu me viro com o resto.

– Ah, que alívio, dona Camila! Então você conhece essa moça?

– Conheço... Sim, conheço.

Camila andou até a poltrona e pousou sua mão no ombro da garota, balançando-a de leve para chamar sua atenção. Leah despertou, primeiro um olho, depois o outro. Olheiras escuras surgiram embaixo de seus olhos azuis, que pareciam mais cansados que de costume. Ao se dar conta de que havia dormido, Leah rapidamente retomou a postura, sentando-se com as costas eretas e com a mão sobre as pernas, como suas professoras de etiqueta a instruíram entre uma sessão e outra de fotografia.

– P-perdão, acho que peguei no sono... – Camila disse, tentando conter um bocejo, cobrindo sua boca com a mão direita. – Quem é você?

– Meu nome é Camila. Sou namorada do Abel. O que você quer com ele?

– Oh... Oh, desculpe. Eu não sabia que ele tinha namorada...

– Pois tem. E então, o que veio fazer aqui?

– Eu preciso avisá-lo para fugir! A polícia está atrás dele!

– Espera aí... O que você sabe dessa história?

Leah contou tudo o que aconteceu na noite anterior, no restaurante. Contou como Abel surgiu do nada e atacou Heinz, seu agente, e quase o esganou até a morte, depois fugiu por entre becos. Contou como ficou plantada por horas na delegacia, de como se recusou a dar depoimento para não piorar a situação para Abel, e de como deixou escapar seu nome para o delegado. Contou também o que aconteceu depois...

///

Eram quase três da manhã quando Leah foi liberada da delegacia. Estava cansada, com dor de cabeça de tanto chorar, com a maquiagem toda borrada. Chamou um táxi para ir para casa, mas, ao sentar no banco de passageiro, mudou de ideia. Pediu ao taxista que a levasse ao hospital onde Heinz estava internado. O taxista pressionou alguns botões em seu GPS e, 10 minutos depois, estavam no estacionamento do pronto-socorro.

Logo na entrada, Leah disse à recepcionista que queria visitar um paciente chamado Heinz, que havia sido internado ainda naquela noite. A secretária disse que era impossível, pois o horário de visitas só começaria às 9:00. Resignada, Leah sentou-se na recepção, mas estava agitada e assustada demais para dormir. Leu todas as revistas velhas à mão, vagou a esmo pelos corredores do lugar, refez sua maquiagem, assistiu noticiários e seriados que só passam de madrugada.

Em algum momento dessa noite, dormiu. Foi acordada por uma recepcionista que, muito solícita, a avisou que já eram 9 horas e as visitas estavam livres.

Antes de entrar no quarto de Heinz, a enfermeira do turno a avisou que ele ainda estava de repouso e que talvez não pudesse falar direito devido ao estrangulamento. Leah respondeu brincando que isso não era nada, que Heinz já havia passado por um acidente pior e perdido boa parte da voz, e que isso seria fichinha para ele. A enfermeira não achou engraçado.

Pé ante pé, Leah entrou no quarto do paciente, tentando não acordá-lo. Mas Heinz já estava alerta, e percebeu imediatamente que alguém tinha entrado em seu apartamento.

– Leah! – disse Heinz, pouco antes de ser acometido por uma crise de tosse.

– Heinz, calma! Não se esforce! – disse Leah, automaticamente.

– E-eu estou bem... Não se preocupe. Fico feliz... que tenha vindo me ver. – Heinz falava baixinho, e fazia pausas no meio das frases para respirar. Sua voz, que já era grave e rouca, tornara-se quase incompreensível. Leah foi obrigada a aproximar o ouvido para poder entender.

– Bem... Eu queria por isso tudo a limpo, na verdade.

– Ah... Sim, entendo. O caso... com o Abel...

– Heinz... A polícia me interrogou e eu fui burra e deixei escapar o nome dele.

– Ah, Leah...

– Eles estão procurando por ele, não sei quanto tempo vão levar pra encontrá-lo. Acho que eles vão vir te interrogar ainda hoje.

– Que... barra pesada.

– Mas eu não quero que ele seja preso, Heinz! Ele não merece, ele só está... confuso, nervoso, sei lá. O Abel que eu conheço não é assim!



- E o que eu... posso fazer?
- Bom, o delegado disse que você pode retirar a queixa do ataque, e assim o Abel não vai preso.
- Não é tão... simples assim... Eles ainda podem... prender o rapaz por... causar confusão em espaço... público, e coisas... assim. Quando a polícia... quer prender alguém, eles... inventam o motivo que for.
- Mas retirar a queixa ajuda, não ajuda?
- Sim, ajuda, mas... por que eu... faria isso? Aquele lunático... quase me matou!
- Me dá uma chance, Heinz. Deixa eu conversar com ele, que ele nunca mais vai fazer isso.
- Vou pensar... no seu caso...
- Tá, agora seja sincero... Como vocês se conhecem? Por que o Abel quereria bater em você?
- É uma longa... história, Leah. Não quero... falar disso agora.
- Mas eu preciso saber. Você disse qualquer coisa de "computador da empresa" enquanto brigava com ele... Como assim?
- Bom, Leah... Eu só sou agente... do show-business... à noite. De dia... eu trabalho como... consultor na mesma... empresa que o Abel. Somos... colegas de trabalho.
- Vocês são colegas?
- Sim... Pura coincidência... Ele deve ter... me atacado porque... achou que éramos... um casal, ou... algo assim.
- Isso não faz sentido... O Abel que eu conheço nunca faria uma coisa dessas.
- Talvez... ele não seja... mais o seu Abel...
- Talvez, mas só vou saber disso tendo uma conversa sincera com ele. Você sabe onde é que ele pode estar agora?
- Eu só sei... o endereço da casa dele. Vale... a pena tentar.

Leah anotou o endereço em seu celular, segundos antes de novos visitantes entrarem no quarto. Desta vez, era o delegado encarregado do caso, com mais dois policiais a tiracolo.

– Ora, ora, vejam só que linda surpresa! Como vai, Leah? Dormiu bem? – disse o sargento.

– Bem, parece que nossa conversa acaba aqui, Heinz, – disse Leah para o paciente. Caminhou rumo a porta e disse: – Se os senhores me dão licença...

Leah saiu do quarto, deixando os policiais e Heinz a sós. Pegou outro táxi, desta vez destinado à casa de Abel, onde Aloísio lhe pediu para esperar, e onde pegou no sono até ser acordada por Camila.

– Entendi... Então foi assim que você achou este endereço. – disse Camila.

– Sim... Foi meu agente Heinz que me falou.

– Interessante... Se bem me lembro, o Heinz e o Abel trabalhavam bastante juntos. No pouco que ele me falava de seu trabalho, o nome dele até que aparecia bastante.

– Que coincidência, né?

– Não, Leah... Estou começando a achar que não é coincidência, não.

– Como assim?

– Estou começando a achar que nesse mato tem coelho. Parece coincidência demais pra ser verdade.

– Hã?

– Eu suspeito que tem alguém armando pra cima do Abel. Talvez pra cima de mim, também. Não tenho certeza.

– Nossa... Mas isso é coisa de filme, né? Esse tipo de história não acontece na vida real.

– Acontece, Leah. Com mais frequência do que você pensa. Agora vamos subir. Você aproveita pra comer alguma coisa e descansar enquanto eu me troco e tomo um banho. Depois vamos procurar o Abel, porque a situação é pior do que eu pensava. O coitado ainda está achando que matou o Heinz... Nem consigo imaginar como ele deve estar se sentindo, deve ser horrível...

– Sim...

Entraram juntas no elevador, lado a lado, observando o número do mostrador de andar subir lentamente. Leah conseguia entender agora o que é que Abel vira em Camila. Ela era uma pessoa de ação, de decisões práticas, franca e direta. Camila

sabia exatamente onde queria chegar, traçava uma linha reta em direção ao seu destino e passava por cima de todo mundo que cruzasse seu caminho. Era uma presença forte que a reconfortava nesse momento de crise, mesmo acabando de conhecê-la. Além disso, não era nada de se jogar fora. Seria mais se soubesse se cuidar melhor, mas chegou à conclusão que isso também era parte de sua personalidade. Camila não se importava com trivialidades, com aparências. Com ela, era tudo branco no preto, no vai ou racha. Só de ter conversado com Camila e estabelecido um plano de ação, Leah já não se sentia mais perdida.

Ao mesmo tempo, Camila conseguia reconhecer o que Abel via em Leah. Não só porque era uma mulher deslumbrante, o que causava verdadeiras estalactites de inveja em Camila, mas porque ela era uma pessoa genuinamente boa. Ela se importa com os outros de uma forma que nunca vira antes. Numa sociedade onde cinismo e prepotência eram tidos como virtudes, a existência de uma pessoa pura e atenciosa como Leah era quase inconcebível. Mas lá estava ela, uma garota assustada e sozinha na cidade grande que largou todos os seus compromissos e deveres para sair em busca de um

ex-namorado que não via há anos, a troco de absolutamente nada. Que mesmo depois de ameaçada por um desvairado, ainda se compadecia dele. Queria odiar Leah pela inveja que sentia de seu cabelo, de seu rosto de boneca, mas era impossível. Leah era inodiável.

Saíram, lado a lado, do elevador. Camila abriu a porta do apartamento e deixou que Leah entrasse na frente.

– Pode ficar à vontade pra pegar o que quiser da cozinha e tirar um cochilo no sofá. Não devo demorar mais do que 30 minutos.

– Obrigada, mesmo... – disse Leah, que então andou até a cozinha e abriu a geladeira.

Camila deixou sua bolsa sobre a bancada da cozinha, pousou seu jaleco sobre uma das cadeiras e dirigiu-se ao quarto. Abriu a porta e imediatamente virou o rosto, soltando um gemido, ainda segurando a maçaneta.

– O que foi? – perguntou Leah, que estava se servindo de um copo de leite.

Leah andou até a porta e espiou dentro da escuridão. O grito de agonia de Leah, um berro agudo de pulmão cheio, ecoou por todo o prédio. Na cama de casal, onde Camila se deitou tantas vezes, jazia Abel, deitado de bruços, um rosto sem vida virado para a porta. Boquiaberto, de olhos virados, sangue escorrida por sua face e

pingava numa poça à beira da cama. Seu braço direito pendia, roçando o tapete, e próximo dela estava um revólver caído.

Leah abraçou o braço livre de Camila, apoiando a cabeça em seu ombro e chorando copiosamente. Camila tremia de pavor, incapaz de sequer se mover.

Chegaram tarde demais.

## Capítulo XXVIII

O barulho dos carros era insuportável naquela tarde, devido a um congestionamento na Av. Consolação que já durava quase uma hora. Um acidente envolvendo um motoqueiro na região do Anhangabaú impediu o tráfego de veículos naquela região e, como sempre acontece em São Paulo, produziu um efeito em cadeia que parou o trânsito nas principais vias da cidade. Para piorar ainda mais a situação, era uma tarde ensolarada e abafada, e quase podia se ver o mormaço pairando no ar, um calor sufocante e malcheiroso.

Era um dia bem incomum para São Paulo, uma cidade famosa por estar sempre nublada, nem quente nem fria. A cidade da garoa, uma chuva que não chega a ser uma chuva de verdade, mas nem por isso deixa de molhar. Dias de calor ou frio extremos eram raros nesta cidade de meios-termos, assim como cores brilhantes eram raras nesta cidade de tons de cinza.

Também era um dia incomum para Camila. Afinal, não é todo dia que se enterra um namorado.

Vestia uma camiseta e uma calça pretas, as únicas peças de vestuário do guarda-roupa compartilhado que poderiam se passar por uma roupa de luto. Em suas mãos, uma pequena caixa embrulhada em papel pardo, já aberta.

Depois de se recuperar do choque da descoberta, Camila fez Leah sentar-se em uma poltrona e buscou um copo de água com açúcar para a garota. Logo depois disso, ligou para a polícia, informando o ocorrido. Bem uma meia hora depois, dois policiais entraram em seu apartamento e iniciou-se todo o lento processo policial de investigação, de chamar a perícia, de colher testemunhos, de procurar informações. Segundo a perícia, ocorreu um disparo à queima-roupa contra a têmpora em algum momento entre as dez e as onze da manhã, com base no rigor mortis. O projétil atravessou o crânio da vítima e foi amortecido pelo travesseiro e pelo colchão. O tipo de projétil batia com a arma encontrada na cena do crime e um cartucho foi encontrado debaixo da cama, mas apenas um teste de marcações balísticas poderia certificar que se fora aquela arma a ser disparada. Impressões digitais da vítima foram encontradas na empunhadura do revólver.

A polícia interrogou Aloísio, que já estava em seu posto no período estimado do acontecimento, assim como os vizinhos de andar, mas nenhum deles ouviu ruído algum vindo do apartamento. Camila então explicou à polícia que Abel tinha sono

leve, e por isso tinha vedado as portas e janelas com material antirruído. É possível que isso tenha abafado o barulho de tal modo que ninguém pudesse ouvir o estampido.

“Que ironia”, pensou Camila. “O quarto que Abel construía para impedir que os ruídos entrassem acabara impedindo que os ruídos saíssem de lá.”

Bem, ao menos ele morreu no silêncio que ele tanto amava.

O corpo foi levado para o IML. Os policiais asseguraram que continuariam a investigação, mas que tudo indicava que era um caso clássico de suicídio e que duvidavam que pudessem encontrar algum fato novo que mudasse essa premissa. Camila acedeu. Ligou para o antigo emprego de Abel, avisando do acontecido e dizendo que informaria assim que tivesse o dia do enterro. Ligou também para a tia de Abel que morava em São Paulo. A pobre senhora solteira ficou chocada com a notícia inesperada, e mal conseguia falar em meio aos soluços e prantos. Como não conhecia mais ninguém da família de Abel, pediu a ela que informasse o resto dos parentes do falecido. Por fim, entrou em contato com um número oferecido por um policial solícito e compadecido, uma funerária que oferecia seus serviços a preço de mercado.

Depois de organizar tudo, decidiu voltar para sua casa no ABC Paulista. Não conseguiria dormir mais naquele apartamento, e qualquer outro assunto que precisasse ser resolvido poderia esperar até o dia seguinte. Sentia-se como uma sonâmbula, movida por uma força alheia à sua vontade. Gastava suas últimas energias tentando não desabar no chão.

Ao sair do apartamento, Aloísio a chamou de novo. Disse que, no meio de toda a confusão, esquecera de lhe entregar um pacote. O pacote estava em nome do Abel, mas achou por bem deixar com ela, por motivos óbvios. Camila aceitou a encomenda, agradeceu ao porteiro e foi embora. Pegou o primeiro dos dois ônibus que teria que embarcar para chegar em casa, e em ambos ficou de pé a viagem inteira. Durante a viagem, examinou o pacote superficialmente. Não reconheceu o remetente, e também não conseguiu abrir com apenas uma mão.

Chegou em sua casa, onde sua mãe a recebeu e percebeu de imediato que havia algo de errado. Como todas as outras pessoas com quem falara, ficou pasma com a notícia. Perguntou se podia fazer algo por ela, se ela queria algo para comer, se queria que ela cuidasse de alguma coisa. Camila respondeu que não, que queria apenas dormir por enquanto.

Entrou em seu quarto. Podia contar em sua mão esquerda quantas vezes entrara naquele quarto no último ano. Era um lugar ao mesmo tempo familiar e alienígena, aconchegante e desconfortável. Deitou-se em sua cama de solteira, arrumada com primor por sua mãe, que nunca sequer cogitara em desmontar o ambiente. Era um pedacinho de sua filha que ainda morava com eles, e gostava de nutrir esse sentimento.

Na cama, Camila finalmente teve tempo de abrir o pacote.

Foi a gota d'água. Toda a tristeza acumulada de Camila finalmente veio à tona, e a garota, agora desarmada de seu estoicismo, afogou suas lágrimas no travesseiro, branco e perfumado que sua mãe lhe deixara.

Agora, o caixão de Abel estava sendo descido pelos funcionários do cemitério. Presentes no enterro, apenas Camila, Leah, três funcionários da empresa (Marcelo estava entre eles) e a tia de Abel. Os ex-colegas de trabalho de Abel tentaram justificar a ausência do resto do escritório, dizendo que eles não receberam o dia livre para visitar o enterro, mas Camila sabia detectar balela quando via. O surto de violência o deixara bastante impopular no lugar. Leah disse que Heinz não viria pois ainda estava internado, mas que mandou suas condolências e que sente não poder estar presente. Camila também percebeu a ausência dos pais de Abel. Decidiu não perguntar à tia dele o motivo.

Os funcionários anunciaram que iriam fechar o caixão. Os colegas de Abel se despediram do amigo, a tia de Abel jogou uma rosa branca para o cadáver. Leah olhou uma última vez, mas virou-se por instinto. Também jogou uma flor, uma rosa vermelha, e começou a soluçar mais uma vez.

Por último, Camila se aproximou do caixão. Abriu o pacote, e tirou de dentro dele uma pequena caixinha, envolta em veludo preto. Abriu-a, e tirou de lá um par de alianças. Pôs a aliança menor no dedo anelar da mão esquerda, e jogou a aliança maior no caixão. Afastou-se, e deu o sinal para os funcionários encerrarem o enterro.

## Capítulo XXIX

Comer purê de batata e gelatina todos os dias não era bem o que Heinz tinha em planos para sua vida, mas era o que tinha no momento. Felizmente, os médicos decidiram que não seria necessária nenhuma operação invasiva para cuidar de sua garganta esmagada. Realizaram uma endoscopia que não detectou nenhum dano permanente e concluíram que a cartilagem dos anéis traqueais voltará à posição normal com o tempo, com o movimento normal de respiração e de deglutição. Recomendaram uma dieta leve de pastas e sopas no primeiro mês, nada que precisasse ser mastigado ou que pudesse oferecer resistência na hora de engolir. Deixaram-no mais alguns dias de observação, e então lhe deram alta.

“Que experiência horrível,” pensou Heinz, que agora questionava se não teria ido longe demais nessa história.

Seu segundo contrato com Helcius parecia muito mais interessante que o primeiro. O executivo oferecera uma quantia ainda maior para "separar" o casal. Segundo Helcius, ele não se interessava por quem eram essas pessoas, seus nomes e suas ocupações. Mas, se eram a causa de sua falta de memória, então mereciam ser punidos de alguma forma. Como estavam juntos, decidiu que separar o casal com alguma intriga era castigo o suficiente.

Para Heinz, era um desafio e Heinz nunca foi de recusar um desafio. Mas por onde começar? Precisava achar algum podre, algum segredo que pudesse estragar a relação entre os dois. Mas ninguém espalha esse tipo de segredo levemente, para o primeiro transeunte que veem pela rua.

Então decidiu tornar-se confidente de um deles.

Sabia onde Camila trabalhava e seria impossível tornar-se colega de trabalho dela. Precisaria de alguns anos numa nova faculdade para sequer ter a chance de uma entrevista naquele setor, e seu cliente provavelmente não estava disposto a esperar tanto tempo. Por outro lado, Abel trabalhava numa consultoria de negócios, algo que combinava muito mais com suas capacidades. Por um mês, estudou a empresa, seu ramo de negócios e preparou as respostas perfeitas para uma entrevista. Falsificou empregos passados, certo de que empresa alguma jamais verificava essas referências. Obteve dois certificados de Administração de um instituto sem fins lucrativos, que oferecia seu selo de aprovação para qualquer pessoa que pagasse uma taxa pré-determinada. Na hora da entrevista, aplicou tudo aquilo que tinha aprendido



com seu sócio em sua antiga empresa: mentir sempre, sem medo, sem vergonha e sem deixar de fingir simpatia e interesse em momento algum. Conseguiu o emprego.

Aproximou-se aos poucos de Abel. Puxou conversa durante um almoço, convenceu seu gerente a participar de um dos projetos com ele, organizou um happy hour com o resto da empresa. Mais do que um colega de trabalho, tornou-se um amigo. Chegou até a conhecer Camila, numa festa de fim-de-ano da empresa.

E eventualmente, com a conversa rotineira de todos os dias, foi conhecendo-o melhor. Descobriu que vinha de uma cidade pequena do interior, chamada Mirandópolis, e que largou tudo para vir tentar a vida na capital. Heinz tentou perguntar mais sobre o assunto, mas Abel logo se fechou, recusando-se a continuar a conversa.

Heinz sentiu que esse era o caminho e foi atrás dele. No mesmo fim de semana, viajou para Mirandópolis. Pesquisou na lista telefônica o telefone do pai de Abel, cujo nome sabia porque o garoto adorava repetir seus bordões. De posse do telefone, pesquisou em seus bancos de dados de mala direta pelo endereço do homem e obteve sucesso.

Passando-se por funcionário do Censo do IBGE, bateu à porta do senhor já idoso, explicando que estava recadastrando as pessoas de Mirandópolis e pedindo-lhe um minuto de sua atenção. Era um truque velho que sempre funcionava, especialmente no interior, onde a hospitalidade ainda é um costume bastante praticado. Depois de provar do bolo de fubá, do bolo de laranja, dos pães de queijo, dos bolinhos de chuva e dos biscoitos de polvilho que a mãe de Abel fizera, Heinz começou a fazer todas as perguntas habituais do censo, deixando que seu interlocutor se demorasse o quanto quisesse nas respostas.

Eventualmente, chegaram ao cerne da questão.

– Bem, vamos à próxima questão... Quantos filhos os senhores têm? – perguntou Heinz.

– Nenhum. Próxima questão. – respondeu o pai de Abel.

– Pai! Não diga essas coisas! Temos um filho sim, seu Heinz, é que é um caso meio complicado...

– Complicado? Como assim? Ele é adotado?

– Não, não, nada disso! É que nosso filhote decidiu sair de casa quando terminou o ginásio, sabe, moço? Aí ele e o pai brigaram...

– Ele não é mais meu filho, mulher. Deixe disso.

– Claro que é, hômi! É sangue do teu sangue!

– Humpf...

– Puxa vida, brigaram, então? – interrompeu Heinz. – Que dureza, hein?

– Pois é, moço! Cê sabe que ele brigou até com a namoradina dele, na época?

– É mesmo? – disse Heinz, subitamente intrigado.

– Pois é! Pobre da Leah, é nossa vizinha desde pequena, os dois cresceram juntos, ela vivia aqui em casa. Começaram a namorar ainda no colegial e aí ele enfiou na cachola dele que queria ser rico...

– Caramba, hein? – disse Heinz. – Mas então, apenas um filho?

O resto da entrevista prosseguiu normalmente e Heinz não descobriu mais nada de interessante. Repetiu o mesmo processo na casa dos vizinhos até encontrar a casa dos pais de Leah. Lá, descobriu que Leah estava trabalhando como recepcionista no hotel da cidade. Hospedou-se no hotel e o resto é história.

Seu plano original era trazer a garota para São Paulo e reacender o romance entre os dois. Infelizmente, tudo deu errado. Não imaginava que Abel, em geral quieto e retraído, fosse reagir tão violentamente à presença da garota.

Tampouco imaginaria que fosse encarar a morte nos olhos.

Heinz não se tornara um grande amigo de Abel, mas ninguém passa meses ao lado de uma pessoa sem passar a se importar um pouco que seja com ela. Quando recebera de Leah a notícia de que Abel havia se suicidado, ficou um pouco sentido. Não queria acabar com o rapaz, apenas com seu namoro. Afinal, namoros acabam e voltam o tempo inteiro, não é? Que diferença faria um a mais?

De qualquer forma, era o fim de sua carreira de detetive. Estava pendurando as chuteiras. Já havia recebido o dinheiro do segundo trabalho e tinha agora o suficiente para começar seu negócio. Poderia abrir uma empresa e voltar a mexer com tecnologia, como sempre sonhou.

Ou pelo menos, era isso que Heinz pensava quando aceitou o emprego. Agora, isso significaria abandonar a carreira de Leah nas mãos de outra pessoa e estragar a relação de confiança que tinha com a garota. Significava jogar fora todo o esforço que depositaram juntos na produção de seu álbum. Significava descartar todo o conhecimento do mercado musical que adquirira nos últimos meses.

Era essa a resposta, não era? Continuar a promover a carreira de Leah seria uma maneira de honrar a memória de seu colega (amigo?), e provavelmente seria bem mais rentável que qualquer empreendimento que pudesse ter. Com o dinheiro que tinha, poderia até financiar mais artistas, abrir sua própria gravadora independente...

Comeu mais uma colherada do purê, tomando cuidado ao engolir, admirando os caminhos inesperados que a vida toma.

## Capítulo XXX

Garoava em São Paulo.

Garouou bastante em São Paulo, nestes dias mais recentes. E em noites de garoa, parco é o ânimo para sair às ruas. Bares fecham mais cedo, ruas ficam mais vazias. Caminhos antes seguros agora tornam-se rotas a serem evitadas, onde facínoras podem estar a espreita em qualquer sombra, qualquer recuo. A luz alaranjada dos postes cintila em milhares de gotículas, iluminando o caminho para absolutamente ninguém.

Ou quase ninguém.

O piso estreito e apertado das arquibancadas estava escorregadio, perigoso. Aloísio chegou encapotado, uma mão segurando sua boina, a outra carregando uma grande sacola de papel pardo. De seu fundo empretecido, gotejava um líquido que se confundia com a chuva. Corria na medida do possível, tomando o cuidado para não escorregar e despencar por várias fileiras, numa marcha atlética desengonçada.

O jogo já havia começado há alguns minutos. O Moleque Travesso disputava sua última partida na série B do Paulistão contra o Audax de Osasco, numa partida que não valia absolutamente nada – nenhum dos times seria promovido à série A ou seria rebaixado de divisão. Jogavam pra cumprir tabela, para entreter o público e sustentar o time com a bilheteria. Mesmo assim, os jogadores driblavam e chutavam com uma alegria incomum, uma energia rara – afinal, seria também o último jogo do Juventus por algum tempo, e em 90 minutos eles tirariam merecidas férias.

– Até que enfim, hein, Aloísio? – brincou um senhor sentado na arquibancada, com uma garrafa térmica nas mãos. Estava com um cachecol grená sobre a jaqueta de couro, ornamentada com o símbolo do Juventus em uma das pontas. Sustentava um farto bigode branco, da cor de seus poucos cabelos.

– Esse aí não morre mais! – disse outro homem sentado ao lado dele, um pouco mais jovem. Vestia um grosso moletom preto e um capuz que encobria seu rosto todo, de onde saíam dois fiozinhos brancos ligados a um pequeno rádio amarelo de pilha.

Com a mão, Aloísio retirou o excesso d'água da arquibancada e se sentou. Os três eram os únicos naquela região da arquibancada, que já lhes era cativa. Jogos pequenos do Juventus não costumam lotar as arquibancadas, mas possuem um público fiel que comparece sempre que possível às partidas, e sempre tenta se sentar nos mesmos locais. Ao longe, Aloísio conseguia identificar a italianada da rua

Javari, os muçulmanos do Brás, os portugueses do Bresser, os cantineiros do Bexiga e mais tantos grupos.

– Desculpa aí, gente. Pra variar, deu encrenca lá no prédio de novo... – suspirou Aloísio, abrindo o saco pardo e entregando um bauru pra cada um, embalados individualmente em saquinhos brancos e finos que só.

– Puta merda, mas que zica, hein? O que foi dessa vez, o Mané se perdeu no puteiro de novo? – disse o encapuzado, abrindo o saquinho e retirando o tomate do bauru.

– Poxa, Oliveira, se tu vai tirar do tomate era só pedir que eu trazia um misto quente...

– protestou Aloísio, francamente indignado. – E não, desta vez a parada foi mais séria. Me dá um gole desse seu café aí, Olavão.

– Mais sério? Ele sofreu um acidente ou coisa assim? – disse o bigodudo, desrosqueando a tampa da garrafa térmica e enchendo-a até a metade com um café fumegante e de forte aroma.

– Bem pior. Um dos moradores foi encontrado morto, e parece que foi suicídio.

Olavão estremeceu e derramou um pouco do café no colo. Oliveira tirou um dos fones de ouvido.

– Papo sério? – perguntou Oliveira.

– Seríssimo. E nem foi remedinho que nem os artistas fazem, hoje em dia. Foi bala no céu da boca.

– Cacete! E como é que ninguém ouviu?

– Sei lá. Eu juro que não ouvi nadinha. – disse Aloísio, pegando o café e tomando uma golada. – Arre, que esse café tá porreta, hein?

– Era conhecido teu?

– Era o Abel. Um bom rapaz. A gente não se falava muito, ele estava sempre atrasado pro trabalho...

– Saquei.

Comeram em silêncio. Já se passaram trinta minutos do primeiro tempo, e nenhum gol tinha sido marcado ainda. O meio-campo do Audax passava a bola de um lado a outro, preguiçosamente, tentando provocar algum movimento mais agressivo do

Juventus, que continuava marcando passivamente e impedindo o avanço do ataque osasquense. Estavam em um impasse.

– Se querem saber, – disse Aloísio, quebrando o silêncio, – eu acho que nesse mato tem cachorro.

– Como assim? – indagou Olavão.

– Eu acho que não foi suicídio, não.

– Ué? Por que não?

– Uma garota veio visitar o tal Abel hoje de manhã. Uma loirinha simpática.

– Ih, loirinha? Era gostosa, ela? – perguntou Oliveira, um sorriso maroto desabrochando na escuridão do capuz.

Aloísio pigarreou. Não era de seu feitio falar assim de moças.

– Tá, tá, já entendi. E o que isso tem a ver?

– Bom, a moça que mora com o Abel chegou no prédio, encontrou com ela, e as duas subiram juntas para o apartamento. Foi aí que elas encontraram o corpo.

– Espera, você não está dizendo que... Você acha que a loirinha era amante dele? Que elas o mataram por vingança?

– Eu não sei de nada... Mas pode ser que tenha sido isso, né? Tem cada história bizarra que aparece no Cidade Alerta...

– É, meu amigo, não dá pra confiar nessa mulherada, não! É um bando de safada que só quer foder com a gente!

Aloísio não respondeu. Ainda lembrava com carinho de sua falecida esposa pra entrar na onda do Oliveira e seus eternos imbróglis amorosos.

– Gol, caralho! – interrompeu Olavão com um brado, brandindo no ar sua garrafa térmica.

– Gol! – gritou Oliveira, pulando de pé num instante.

– Gol! – berrou Aloísio.

Um cruzamento com efeito, seguido de um belo voleio na grande área, mandou a bola para o ninho da coruja do time adversário. Enlameado, o camisa 11 do Juventus mergulhou na grama escorregadia e foi seguido por seus colegas. O beque do Audax,

desolado de deixar a jogada combinada acontecer, correu para o gol para buscar a bola e recomeçar a partida o quanto antes.

Os três torcedores se abraçaram, comemorando com a meia dúzia de cornetas e vuvuzelas trazidas pelo resto da torcida do Juventus. Cantaram gritos de guerra, canções de torcida, assobiaram e aplaudiram. O jogo acabaria no 1x0, sem grandes lances ou acontecimentos, mas ele sempre seria apenas uma desculpa para confraternizar com seus velhos amigos, passar a semana a limpo e curtir um tempo juntos. Aloísio voltou pra casa satisfeito, contente de poder ver o Juventus ganhar e ansioso para tirar sarro do bicheiro que marcava ponto toda manhã na padaria do Sergipano.

## Epílogo

Era uma noite limpa, sem nuvens. Não era uma noite estrelada, porém – afinal, trata-se de São Paulo.

Não havia mais nenhuma luz acesa na sede da empresa, exceto pelo brilho pálido que emanava do vão da porta da sala de Helcius.

Lia em seu tablet um balanço-geral do primeiro mês de operação do laboratório, agora que estava em seu nome. Dezenas de páginas com tabelas e números verdes e vermelhos, gráficos discriminando os custos, impostos e receitas. Leitura eletrizante.

Largou o relatório sobre a mesa, aberto numa página qualquer. Fechou os olhos com força, aliviando o esforço de horas e horas de leitura. Puxou de uma das gavetas pílulas anti-enxaqueca e tomou a seco.

Decidiu fazer uma pausa até o remédio voltar a fazer efeito. Balançou o mouse de seu computador, retirando-o do modo de espera. O brilho do monitor reacendido lhe irritou os olhos por um momento, fazendo-os lacrimejar.

Minimizou os relatórios e planilhas abertos, deixando a área de trabalho em primeiro plano.

Encontrou o ícone do Mahjong e o deletou. Não precisaria mais dele. Estava em busca de outro ícone, um que fora adicionado apenas recentemente. Clicou duas vezes e esperou o aplicativo se conectar ao servidor.

Uma janela cinza se abriu, ocupando toda a tela. Ela comportava 16 mini-janelas, sinais em preto-e-branco de câmeras de segurança.

Clicou na seta no canto do aplicativo, que exibiu um novo conjunto de câmeras, e clicou mais uma vez. Desta vez, uma das 16 câmeras exibidas se destacava – era em cores. Helcius clicou nela, e a mini-janela se expandiu para ocupar a tela inteira.

Camila estava passando no computador uma série de anotações que fizera numa prancheta. Estava com um jaleco branco impecável, uma calça longa e justa e uma expressão de tédio.

Em seu escritório, o canto direito da boca de Helcius retorceu-se em um sorriso.



## Agradecimentos

Em primeiro lugar, obrigado a você que aguentou chegar até aqui. Espero que tenha se entretido com a leitura e o enredo. Escrever isto em 2013 foi um pouco catártico, e eu talvez tenha despejado mais rancor e malícia nesta obra do que eu deveria. Se escrita em 2016, esta história certamente teria um tom bem diferente. Ainda assim, é uma obra que eu considero passável e admito que, ao reler para publicação, eu me vi preso pela narração. Deus abençoe a minha péssima memória.

Em segundo lugar, obrigado ao NaNoWriMo e sua comunidade de escritores. O NaNoWriMo é uma ONG que incentiva pessoas do mundo todo a escrever 50 mil palavras de um romance no período de um mês. 95% do livro que você acabou de ler foi escrito num período de 30 dias entre 1º e 30 de novembro de 2013 – apenas o capítulo XXX e o Epílogo foram acrescentados depois. 50 mil palavras podem parecer pouco, mas é o tamanho de um Admirável Mundo Novo. Se você está interessado em participar do desafio gratuitamente, ou quer apenas apoiar futuros escritores, visite <http://nanowrimo.org> e confira.

Em terceiro lugar, obrigado a todas as pessoas que me apoiaram e me disseram que o livro não é uma porcaria. Obrigado à minha esposa Taluana F. Petnys que leu religiosamente todos os capítulos que eu cuspiava diariamente; obrigado a Vinícius P. Menegat, Renan Perine e Alexandre Rothier, colegas de NaNoWriMo que enfrentaram e venceram as 1667 palavras diárias comigo; obrigado a Letícia Mendonça que leu o rascunho final e me convenceu a editar e publicar isso.

Para elogios, comentários ou críticas, você pode me encontrar no e-mail [yuri.oliveira@gmail.com](mailto:yuri.oliveira@gmail.com) ou no Twitter @arara\_.